

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA



Rafael Antunes do Canto

**OLAUDAH EQUIANO: A VIDA DE UM MARINHEIRO NEGRO NO
ATLÂNTICO DO SÉCULO XVIII E A MEMÓRIA DE ÁFRICA**

Porto Alegre,

2015.

Rafael Antunes do Canto

**OLAUDAH EQUIANO: A VIDA DE UM MARINHEIRO NEGRO NO
ATLÂNTICO DO SÉCULO XVIII E A MEMÓRIA DE ÁFRICA**

Dissertação (Mestrado em História)
apresentada como pré-requisito para obtenção
do título de Mestre em História pelo Programa
de Pós-Graduação em História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, RS.

Orientador: Prof. Dr. José Rivair Macedo.

Porto Alegre,

2015.

CIP - Catalogação na Publicação

Antunes do Canto, Rafael

Olaudah Equiano: a vida de um marinheiro negro no Atlântico do século XVIII e a memória de África. / Rafael Antunes do Canto. -- 2015.
144 f.

Orientador: José Rivair Macedo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Autobiografia. 2. História da África. 3. Cotidiano. 4. Marinheiros. I. Rivair Macedo, José, orient. II. Título.

RAFAEL ANTUNES DO CANTO

**OLAUDAH EQUIANO: A VIDA DE UM MARINHEIRO NEGRO NO
ATLÂNTICO DO SÉCULO XVIII E A MEMÓRIA DE ÁFRICA**

Dissertação (Mestrado em história)
apresentada como pré-requisito para obtenção
do título de Mestre em História pelo Programa
de Pós-Graduação em História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, RS.

Aprovado em 12 /05/ 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Rivair Macedo (UFRGS) (Orientador)

Prof. Dr. Fábio Kuhn (UFRGS)

Prof. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS)

Prof. Dr. José Antonio dos Santos (DEDS-PROEXT/UFRGS-RS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço como sempre às professoras da minha família por terem deixado gravado em minha infância lembranças agradáveis e indeléveis em relação ao ensino e à educação, em especial minha mãe que além disso, tornou-se uma avó incansável à pequena Catarina.

Aos meus amigos: Gil, Adriana, Patrícia, Rodrigo, Aline, Melissa, Valeska e Débora, que convivem comigo até hoje como uma grande família e que continuam a me incentivar a seguir em frente.

Aos amigos Gabriel Egger e Vinicius Pereira pela ajuda na finalização e correção do trabalho. Além é claro das ótimas conversas acerca do continente africano e da vida dos marítimos.

A minha amiga e colega Gabriela Côrrea da Silva que ajudou em todos os passos na produção desse trabalho. Desde as reflexões iniciais até as correções que se fizeram necessárias nos últimos momentos.

Aos colegas e professores das disciplinas cursadas durante o mestrado, em especial as cadeiras em que pesquisamos sobre História Oral, teoria da história e pós-colonialismo. Sem esses contatos e essas discussões seriam impossíveis as reflexões desse trabalho.

Aos meus alunos da escola de ensino fundamental, Camila Furtado Alves, que tiveram de aguentar por dois anos o professor muitas vezes refletindo sobre uma infinidade de assuntos dos quais não tinham a menor ideia.

Ao meu orientador, professor José Rivair Macedo, que durante todo o processo me ajudou a identificar o caminho mais acadêmico possível, sempre respeitando meus limites.

A CAPES pela bolsa, que permitiu que com apenas vinte horas trabalhando como professor pudesse ter tempo e condições materiais para pesquisar e participar dos eventos necessários.

A meu primo, irmão e colega Rodrigo Wolffenbuttel e a dinda Paula que ajudaram em todos os momentos que se fizeram necessários além é claro de participar ativamente da vida da afilhada Catarina com muito amor e atenção.

Por fim, às duas pessoas mais importantes da minha vida: minha filha Catarina e minha esposa Scheila. Foram dois anos difíceis, de pouco sono e muita tensão, mas que agora nos mostram que vale a pena o esforço. Obrigado por suportarem junto e por participarem de tudo, amo vocês mais do que poderia demonstrar aqui.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar e compreender a trajetória e o contexto de vida de Gustavus Vassa (que se auto denominava, também, Olaudah Equiano) (1750-1797), um africano que atuou como marinheiro nas embarcações do Atlântico, tendo por base sua autobiografia escrita e editada em 1789. O objetivo principal é verificar a validade desse texto enquanto fonte histórica, analisar a vida desse sujeito como marinheiro durante o período e discutir sua memória em relação ao continente africano. Pretende-se a partir de tal texto reconstruir aspectos do cotidiano dos marinheiros que trabalhavam no Atlântico durante o século XVIII, e analisar a maneira pela qual o seu autor apresenta a memória de sua comunidade de origem, a comunidade Igbo, da atual República da Nigéria, na África ocidental. Esse trabalho foi baseado principalmente na autobiografia desse homem que se intitulava Olaudah Equiano, o africano, mas que possuía um nome de batismo ocidental, Gustavus Vassa. A obra desse marinheiro tem sido reeditada desde sua primeira edição em 1789 e hoje faz parte do cânone de textos conhecidos como literatura afro-americana. São diversos os estudos ligados a outras áreas de pesquisa, como Literatura, que utilizam desse relato para estudar o cotidiano dos escravos e ex-escravos no período em questão. Nossos principais objetivos nesse trabalho foram verificar a validade desse texto enquanto fonte histórica, analisar a vida desse sujeito como marinheiro durante o período e discutir sua memória em relação ao continente africano. Procuramos colocar à prova o texto de Gustavus Vassa enquanto fonte histórica acerca do cotidiano dos marinheiros e também em relação a seu passado em África. Pretendemos, a partir do texto desse africano, reconstruir um pouco do cotidiano dos marinheiros que trabalhavam no Atlântico durante o século XVIII. Além disso, podemos também observar que muitos desses marinheiros eram africanos ou afro-americanos que engajavam-se nessa lide com o objetivo de ascender socialmente, ou mesmo para sobreviver de uma forma mais digna do que os outros escravizados nas *plantations* do novo mundo.

Palavras chave: autobiografia; História da África; cotidiano; marinheiros.

ABSTRACT

The paper aims to study and understand the biography and life context of Gustavus Vassa (who also called himself Olaudah Equiano) (1750-1797), an African who worked as a sailor in the vessels of the Atlantic. Our study is based on his autobiography, written and edited in 1789. Our main objectives in this work were to verify the validity of the text as a historical source, analyze the life of this subject as a sailor during the period of his life and discuss his memory in relation to the African continent. By analyzing the text, we also seek to reconstruct aspects of the daily life of sailors that worked in the Atlantic during the 18th century and analyze the way the author presents the memory of his native community, the Igbo who currently reside in the Republic of Nigeria in West Africa. The work was based on the autobiography of this man, who called himself Olaudah Equiano, the African, but had a western forename, Gustavos Vassa. This sailor's work has been reedited since its first edition in 1789 and today is part of the canon of known texts of african-american literature. There are several studies connected to other research areas, such as Literature, that use this account to study the daily life of slaves and former slaves in the period in question. We tried to put to the test Gustavus Vassa's text as a historical source about the lives of sailors, as well as his past in Africa. Based on this African man's text, we sought to reconstruct a bit of the everyday life of sailors who worked in the Atlantic during the eighteenth century. In addition, we also observed that many of these sailors were African or African-Americans who committed to this activity in order to ascend socially or even seeking a better life than other slaves in the plantations of the New World.

KEYWORDS: autobiography, African History, daily life, sailors.

Dedico esse trabalho à minha filha Catarina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 GUSTAVUS VASSA: A AUTOBIOGRAFIA DE UM AFRICANO E O SÉCULO XVIII	21
1.1 Breve biografia de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa	21
1.2 A África no século XVIII, uma invenção da Europa	23
1.3 Autobiografia afro-americana e as narrativas de escravos	26
1.4 Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa? A dupla consciência de um marinheiro africano no Atlântico Negro.	32
1.5 Gustavus Vassa e a escrita de si	36
1.6 Os limites das estruturas que constroem e a agência dos sujeitos	40
1.6.1 Sujeito.....	41
1.6.2 Estrutura	44
1.6.3 Inter-relações	45
1.6.4 Subestruturas	47
2 O ATLÂNTICO COMO PORTA DE SAÍDA PARA O MUNDO	50
2.1 Vida de marinheiro	50
2.2 Filhos do mar: os africanos na lide marítima do Atlântico.....	59
2.3 Companheiros de bordo.....	67
2.4 A cultura marítima do Atlântico	76
3 GUSTAVUS VASSA E A MEMÓRIA DE ÁFRICA	87
3.1 Equiano: entre os fatos, literatura, ficção, subjetividade e representatividade.....	87
3.2 Da memória e do conhecimento africano	91
3.3 A vida na Igbolândia.....	94
3.4 A servidão em África e o comércio internacional de escravos: uma reflexão acerca da visão de Olaudah Equiano	100
3.5 A Escravidão na Igbolândia.....	103
3.6 A identidade africana e a identidade Igbo	109

3.7 A dúvida da origem	114
3.8 A Autobiografia de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa e o Atlântico Negro de Paul Gilroy, uma história da chave e de seu cadeado.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE I – Imagens de Documentos de Gustavus Vassa.	134

*“Se queres saber quem sou,
Se queres que te ensine o que sei.
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece um pouco o que sabes.”*
(BOKAR, *apud* HAMPATÉ BÂ, 1981:212).

INTRODUÇÃO

Geralmente a gente só considera dignas de serem lidas ou recordadas as memórias que abundam em feitos grandiosos ou extraordinários; aquelas, em poucas palavras, que inspiram ao mais alto grau admiração ou piedade, e relegam as demais ao desprezo e ao esquecimento. Confesso, portanto, que não é pouco arriscado que um indivíduo particular e desconhecido, ainda mais estrangeiro, solicite assim a indulgente atenção do público; sobretudo quando reconheço que a história que aqui ofereço não é de um santo, um herói, nem um tirano. (EQUIANO, 1999, p.37).

De acordo com Elikia M'bokolo (2009)¹ a África passa a existir na modernidade a partir do momento em que alguns homens passam a identificar-se em outros espaços geográficos como *Africanos*. Seguramente, um dos primeiros a fazer isso foi Gustavus Vassa em sua autobiografia publicada em Londres no ano de 1789. O trecho acima citado é da primeira página de sua obra e acreditamos que, apesar de não ser um desconhecido como se diz, Equiano não tinha a menor ideia da importância que seu trabalho teria no futuro. Mas quem são esses africanos? Através das palavras de Tierno Bokar (1981) na epígrafe desse trabalho, devemos deixar um pouco de ser o que somos e deixar um pouco de saber o que sabemos enquanto “Ocidentais” para assim tentar encontrar esses *Africanos*.

A fonte principal utilizada nessa pesquisa foi a autobiografia de Olaudah Equiano. As edições utilizadas para esse trabalho foram a edição traduzida para o espanhol por Célia Montólio. EQUIANO, Olaudah. *Narración de la vida de Olaudah Equiano, el Africano, escrita por el mismo. Autobiografía de un esclavo liberto del siglo XVIII*. Madrid, Miraguano S.A. Ediciones, 1999 e EQUIANO, Olaudah. *The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano or Gustaveus Vassa, the African. Written by himself*. Austin, Texas, 2004. As traduções utilizadas para esse trabalho foram feitas pelo autor desta dissertação.

Africano escravizado aos onze anos de idade por volta de 1750 na região da atual Nigéria da cultura Igbo e que, ao longo de sua vida trabalhando como marinheiro comprou sua liberdade e participou ativamente do movimento abolicionista na Inglaterra, chegando a

¹ Elikia M'bokolo é talvez hoje um dos maiores pesquisadores do continente africano. Possui a visão de um conhecimento africano partindo da própria África, o que buscamos reproduzir nesse trabalho. Entre suas principais obras estão o livro *África Negra*, traduzido recentemente para o português pela Universidade Federal da Bahia. Trata-se de uma enorme contribuição aos pesquisadores brasileiros que pretendem buscar esse tipo de conhecimento que iremos conceituar melhor ao longo da introdução desse trabalho, visto que um dos maiores problemas em se tratando dos estudos africanos refere-se às limitações referentes à língua. Essa afirmação foi proferida em palestra de abertura do “V Encontro de Professores de Literaturas Africanas e I Encontro da AFROLIC Identidades Africanas e Comunitarismo Supranacional: aproximações, tensões e fricções”, ocorrido em Porto Alegre em 05 de novembro de 2013.

escrever uma carta para a Rainha com o objetivo de acabar com o tráfico internacional de escravos. Equiano não é tão conhecido no mundo acadêmico brasileiro, talvez e principalmente por sua autobiografia não possuir tradução para a língua portuguesa. Para esse trabalho foram utilizadas traduções do Espanhol e do Inglês, a língua que o autor utilizou para escrever sua obra.

Gustavus Vassa é amplamente conhecido, principalmente no mundo anglo-africano, por ser sua autobiografia uma das descrições nucleares e originais da África antes da colonização, feita por um africano e não por viajantes ou funcionários administrativos. Além disso, sua capacidade de agência em relação à sua vida o transformaram em exemplo para muitos africanos que buscavam a liberdade. Posteriormente seu livro tornou-se cânone nos estudos literários afro-americanos. Nesse trabalho não buscamos a história de um herói, ou muito menos a constituição de uma identidade pan-africana²; o que buscamos é a memória desse africano em relação a seu continente de origem, com todos os problemas a serem analisados que a memória pode produzir para tornar-se história³. Buscamos também o campo de possibilidades a que esse sujeito estava limitado e quais as brechas encontradas para atingir seus objetivos, quais os limites impostos a esse sujeito em seu tempo e espaço e que permitiram que ele pudesse tornar-se agente de seu destino⁴. Além disso, buscamos a trajetória desse homem que fez da vida no mar seu trabalho e tudo o que disso possa ser considerado em relação ao mundo Atlântico na perspectiva anglo-africana do século XVIII⁵.

O navio, a barca, a chalupa, as galeras, os bergantins, os briques, as escunas, os patachos, as sumacas foram as máquinas dos séculos XVI ao XIX que permitiram a ascensão do novo sistema econômico social que transformaria o mundo: o capitalismo. Dentro dessas

² A perspectiva pan-africana se fortaleceu a partir do momento das independências africanas, com a descolonização. Aliado aos movimentos sociais norte-americanos buscavam em grande medida uma grande união da “Raça” negra dentro da África e nos lugares para onde os africanos escravizados haviam sido enviados, em especial na América. Foi um importante movimento de união dos povos africanos e que até hoje possui um grande força dentro dos estudos ligados a África. Para o que nos propomos aqui existem muitas divergências em relação a esse movimento, sem desconsiderar toda sua importância no contexto de identificação de um ideal comum entre os africanos e os afro descendentes espalhados pela diáspora.

³ Para analisar a memória africana buscamos os conhecimentos de dois grandes autores que escreveram sobre isso, Amadou Hampatê Bá (1981) e Jan Vansina (1981). Além disso, buscamos aportes mais conhecidos entre os ocidentais como Maurice Halbwachs (1990) e Michel Pollak (1989 ;1992).

⁴ Para pensar essa questão do “campo de possibilidades”, o autor que melhor utilizamos foi Alessandro Portelli (1996), que trabalha com a questão da história oral e memória no mundo ocidental. A ideia ou conceito de um campo de possibilidades ao qual nosso sujeito estivesse limitado nos fez refletir acerca dos limites da estrutura e do sujeito. Nesse caminho buscamos apoio em autores como Sílvia Petersen (2013), Christopher Lloyd (1995) e Perry Anderson (1994).

⁵ Para entender sobre o que estamos nos referindo, os autores e textos que usamos como base foram: Peter Linebaugh (1983) e o livro “A Hidra de muitas cabeças: Marinheiros, escravos e plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário”, de Peter Linebaugh e Marcus Rediker (2008). Em ambos os textos os autores discorrem sobre a relação entre a quantidade de africanos embarcados nas nave inglesas e sua condição nas colônias, nas embarcações a na própria Inglaterra, mundo esse que Equiano viveu plenamente.

naves, um enorme número de homens e crianças foi engajado ao trabalho⁶. Em grande medida, essas pessoas faziam parte de um grupo social que já vivia e trabalhava do mar. Suas práticas coletivas foram aproveitadas e incorporadas a esse novo sistema. Contudo, não havia somente os que já trabalhavam nesse ínterim, e milhares foram arrebatados pela falta de mão de obra e pela necessidade. Esses marítimos, já afeiçoados ao trabalho, ou grumetes⁷ que debutavam nas embarcações, tornaram-se homens do mar, trabalhadores na diáspora africana, e talvez por isso não sejam bem vistos aos olhos dos estudos ligados a escravidão. Entretanto, este trabalho busca analisar esses marujos, fugindo da dicotomia escravo e escravizador. As gentes do mar que se pretende buscar são definidas por Michel Mollat (1983) como todos aqueles que tiram do mar seu sustento. Estão incluídos aí os marinheiros, calafates, carpinteiros, provedores de víveres, cordoeiros, grumetes, mestres de embarcação; todos aqueles cuja existência depende do mar.

Sendo assim, o problema de pesquisa que buscamos responder pode ser dividido em dois blocos, sendo o primeiro ligado às questões diretamente conectadas à fonte principal utilizada nessa pesquisa e a vida dos homens do mar e dividido em três perguntas/temas relacionadas. *As biografias afro americanas são fontes confiáveis para análises históricas ou servem apenas como obras literárias? E como era o cotidiano das gentes do mar, embarcados ou em terra no século XVIII?* O segundo bloco diz respeito à memória e pode ser apresentado a partir da seguinte pergunta: *como pode a memória de um adulto sequestrado em África aos onze anos constituir a memória original de um grupo social africano do passado?* A designação dos blocos não propõe nenhum caráter hierárquico. Ambos compõem o problema da pesquisa em igual importância.

O relato de viagem autobiográfico⁸ do africano Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa é o ponto de partida para essa pesquisa, a fonte primária principal. Além desse, outros relatos de viagem compõem o conjunto de fontes para o trabalho. Sendo assim, vê-se necessário que se

⁶ Quanto ao desenvolvimento das embarcações, tripulações e seu uso no período ver Marcus Rediker (2011) ou Peter Linebaugh e Marcus Rediker (2008). No Brasil, o estudo de Jayme Rodrigues (2005) é aquele que melhor trata do assunto das embarcações e de suas tripulações heterogêneas.

⁷ Grumete é a designação dada aos marujos novatos que trabalham nas embarcações. Muitas vezes nem eram tão jovens, mas, ao iniciarem o trabalho no mar, tornavam-se jovens aprendizes. Grumetes são também os jovens que viviam nas cercanias dos lançados em África e formavam comunidades na costa para servir de apoio no comércio entre o continente e as embarcações que ficavam ancoradas. Para um melhor entendimento deste assunto ver “A manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700”, de Alberto da Costa e Silva (2002), em especial o capítulo 7, intitulado “Os Lançados”.

⁸ Consideramos aqui o texto utilizado como um relato de viagem autobiográfico bastante específico em relação tanto aos relatos de viagem quanto às autobiografias. Gustavus utiliza ambos os gêneros para compor seu texto. Ao mesmo tempo em que temos uma rica autobiografia de um sujeito que no século XVIII se intitula como Africano temos um texto que remonta as narrativas de viagens à aventuras do século XVI. Sendo assim, pensamos ser importante definir esse texto como uma mistura dos dois gêneros literários.

apresente a metodologia a ser empregada na leitura e análise desses textos. De acordo com José Rivair Macedo, “os relatos de viagem constituem, para nós, a principal forma de acesso às informações, aos juízos e impressões emitidos pelos atores principais dessa grande jornada que foram as viagens intercontinentais” (MACEDO, 2011, p.19).

Como maneira de pensar a fonte principal e o trabalho de uma forma geral, buscamos auxílio nos estudos pós-coloniais, em especial em autores como Paul Gilroy (2012) e Mary Louise Pratt (1999), pesquisadores que buscam identificar as culturas não como algo estável ou rígido, mas sim como relações fluidas e que se moldaram no convés das embarcações ou mesmo no interior das *plantations* a partir das diversas relações díspares estabelecidas entre os diversos sujeitos envolvidos. Quando aqui nos referimos a relações díspares estamos colocando os diversos sujeitos envolvidos em diferentes degraus de uma mesma escada. Capitães de embarcação, marinheiros, cozinheiros, remadores, calafates, donos de embarcação; sendo esses sujeitos europeus, africanos, americanos, mestiços. Cada uma dessas diversas identidades tem um determinado poder dentro das estruturas a serem analisadas, e a constituição de cada uma delas depende diretamente das relações estabelecidas, seja no convés da embarcação ou em terra. É importante refletir aqui que a escala de análise a ser utilizada nessa pesquisa variou ao longo do trabalho. Acreditamos ser esse um ponto importante desse projeto. Muitas vezes mergulhamos no mundo dos marítimos sem preocuparmo-nos em questionar o espaço em que esses estavam envolvidos. Muitas vezes fizemos o inverso. Analisamos as estruturas que permitiam a existência desse mundo marítimo, sem dar maior importância à vida cotidiana daqueles que estavam sujeitos aquele ambiente. Esse jogo de escalas nos permitiu muitas vezes ampliar o microscópio, permitindo que pudéssemos adentrar o mundo dos marítimos, o que é um dos objetivos propostos. Contudo, quando reduzíamos a potência de nossa lente, podíamos analisar o mundo ao redor daqueles homens e ver a força das estruturas que moldavam suas vidas. Acreditamos que esse exercício seja uma das mais importantes características desse trabalho. Tentamos buscar na vida de um homem a realidade de uma grupo, o que não é nada de novo em termos metodológicos. Contudo, utilizando esse vai e vem do microscópio, pensando esse ir e vir entre estruturas e sujeitos acreditamos estar encontrando uma forma justa de pensar a vida de sujeitos, sem desconsiderar o mundo que os cercava⁹.

⁹ O principal trabalho que serviu de apoio para o uso dessa ferramenta de análise foi a obra intitulada “Jogos de escalas: a experiência da microanálise”, capitaneada por Jacques Revel (1998). Foram de vital importância os onze capítulos do livro, incluindo a introdução. Sua forma de pensar e refletir sobre biografias, racismo e escalas de análise tornou esse livro uma das ferramentas fundamentais na produção desse trabalho.

Para analisar a fundo nossa fonte e problematizá-la, utilizamos como base autores ligados aos estudos literários afro-americanos que possuem avançadas pesquisas em relação a essas biografias. As biografias de escravos foram abundantes na América do norte e produziram estudos aprofundados que ultrapassaram em muito os limites da análise apenas estrutural. Pesquisadores como Alessandro Portelli (1996) ajudaram a formatar ferramentas de análise importantes para estudar esses textos e são dele algumas das ideias que utilizamos nesse trabalho.

Buscando uma visão africanista, nos servimos de uma obra de fôlego produzida em 2009 por pesquisadores africanos, organizada por Chima Korieh e que teve como foco a autobiografia de Olaudah Equiano. Cada capítulo foi dedicado a analisar algum ponto da cultura Igbo em relação à obra de Gustavus Vassa. Dessa maneira é possível ver o quão importante essa autobiografia se tornou para a identidade dessas comunidades da costa ocidental africana. Apesar de o texto ter sido produzido em inglês e provavelmente ter chegado às mãos desses sujeitos apenas no século XX ou final do XIX, sua força enquanto memória histórica ultrapassou as melhores previsões que Equiano poderia ter imaginado para seu livro.

Visando problematizar a escrita de si e as narrativas afro-americanas enquanto fonte histórica utilizamos as obras de Ângela de Castro Gomes (2004), o artigo de Regina Xavier (2000), e outras três obras que buscam analisar esse tipo de narrativa e suas mais diversas facetas¹⁰. Existem outras obras que buscam analisar a questão da escrita sobre si mesmo, essa construção do eu, de um passado possivelmente idealizado, e que poderiam servir de suporte para nosso trabalho. Contudo, julgamos os textos dessas duas pesquisadoras os mais apropriados, pois se aprofundam no mundo dos escravos ou ex-escravos, refletindo diretamente sobre seus mais importantes dilemas sem desmerecer a importância de outras questões que *a priori* seriam menos importantes para esses atípicos escritores no século XVIII e XIX.

Buscamos ancorar nossos estudos principalmente na História Social, em especial na História Marítima anglo-americana que busca encontrar a autonomia dos sujeitos envolvidos no mundo Atlântico. Autores como Marcus Rediker (2011), Peter Linebaugh (1983;2008), Emma Christopher (2006), Alexander X. Byrd (2008) nos auxiliaram na maneira de visualizar

¹⁰ As três obras citadas são: DAVIS, Charles T. e GATES JR. Henry Louis. *The Slave's Narrative*. Oxford, New York, Oxford University Press, 1985. ANDREWS, Willian L. *African, American, Autobiography*, New Jersey, Prentice Hall Inc, 1993 e HUGGINS, Nathan Irvin. *Black Odyssey*. New York, Vintage Books Edition, 1990. Em cada uma delas há um ou mais capítulos que se fizeram mais importantes ou que de alguma forma abordaram direta ou indiretamente a obra de Equiano.

o mundo marítimo focando o máximo possível no sujeito, sem desconsiderar as estruturas que o cercam. Da historiografia nacional nossas reflexões foram baseadas nos estudos de autores como Jaime Rodrigues (2005), Luiz Geraldo Silva (1998; 2001), João José Réis e Flavio Gomes (2010), Vinicius Oliveira Pereira (2013) e Nielson Bezerra (2011), que procuraram em seus trabalhos chegar o mais próximo que puderam da vida no convés dos marítimos que analisaram.

Esse trabalho foi dividido em três capítulos distintos. Cada um deles pretende recriar a teia social ao redor da vida desse ex-escravo que, ao final de sua vida, busca encontrar sua África ancestral. As diversas etapas da vida de Vassa serviram de fio de Ariadne para encontrar as relações culturais e sociais que se davam dentro das embarcações do Atlântico e nas franjas desse.

O primeiro capítulo buscou problematizar a fonte primária utilizada nessa pesquisa. As biografias ou autobiografias de escravos afro-americanos ou africanos tornaram-se um gênero literário profícuo no século XIX, e nos séculos XX e XXI serviram de instrumento importante na luta pelos direitos sociais dos afrodescendentes nos EUA. Esses textos que nos EUA e na Inglaterra são muito apreciados e bastante pesquisados tanto pelo público acadêmico quanto pelo público em geral tem, ao longo das décadas que separam suas primeiras publicações até os dias de hoje, sido reproduzidos quase ininterruptamente. Constituem uma literatura que é muito pesquisada na área das Letras, recebendo atenção principal ao que concerne a sua forma e seu poder enquanto manifesto político. No campo da História, já foram produzidos trabalhos analisando esses textos enquanto fontes históricas e também quanto a seu conteúdo como manifesto abolicionista. Para alguns historiadores, tais obras são difíceis de serem utilizadas enquanto fonte histórica principalmente por seu conteúdo panfletário, sendo carregadas de ideologias e muitas vezes distanciando-se daquilo que alguns consideram a verdade histórica.

Contudo, valendo-se das reflexões de Alessandro Portelli¹¹, acreditamos que essas fontes são passíveis de utilização se analisadas de forma a considerar a subjetividade humana como ponto nodal na leitura das mesmas. Dessa forma, podemos entender o que o sujeito está relatando, pensando esse sujeito como participante daquele evento, enquanto sujeito ativo do mundo a seu redor. Não se pode dissociar o autor da vida que gira em torno dele, nem se

¹¹ Portelli (1996) nos apresenta uma reflexão extremamente interessante em seu trabalho. Analisando dados de pesquisadores acerca da quantidade de chibatadas que os escravos recebiam, deparou-se com o número de 0,7 chibatadas por dia, o que parece bastante improvável. Não há como alguém receber menos de uma chibatada. Contudo o número torna-se bastante significativo se pararmos para pensar que isso significa que alguns escravos não receberam nenhuma chibatada em determinado dia. Entretanto, para que exista essa média, é provável que algum escravo tenha recebido cem chibatadas. O que significa que mesmo para aqueles que não receberam nenhuma, a possibilidade de receber cem seria assustadora. E isso estava dentro do seu *campo de possibilidades*.

deve. E é essa a maior riqueza desse tipo de fonte. Além disso, no que tange as questões dos marítimos, os questionamentos que fizemos às fontes não dizem respeito ao assunto principal tratado pelas mesmas, a escravidão e o comércio internacional de escravos. Na verdade, buscamos nos detalhes mais simples encontrar o cotidiano daqueles que desaparecem por traz das narrativas: os marítimos. Quanto ao mundo africano e a memória do autor, tentamos encontrar nos pesquisadores do tema ferramentas para entender como Equiano podia lembrar-se tão bem de uma África que deixara há mais de 30 anos. Assim pudemos problematizar aquilo que realmente acreditamos: ele não apenas recordava, mas sim estava construindo a partir de seu presente.

O segundo capítulo desse trabalho se destina a apresentar o que consideramos uma grande “porta”, uma grande via de escape à qual os escravizados estavam sujeitos, mas que possuímos poucos estudos: a vida marítima dos africanos, fossem eles escravizados ou marinheiros livres. Gustavus foi marinheiro, viveu muitos mundos diferentes, conheceu diversas sociedades e lugares, se relacionou com diferentes pessoas, livres e escravizadas, comprou sua liberdade, foi escritor, casou-se, teve uma vida plena, apesar da condição degradante a que foi submetido no princípio de sua vida. Acreditamos que viver embarcado possa ter sido um “campo de possibilidade” para muitos outros escravizados. Buscamos encontrar esse mundo marítimo, essa vida de marinheiro que o autor nos traz, com suas mazelas e dificuldades. Aprofundamos aqui a discussão acerca das facilidades ou não entre ser escravo e ser homem livre nesse mundo atlântico do século XVIII, no qual centenas de homens, mulheres, culturas, ideologias e ideias novas se entrecruzam formando o que nomeamos na história de Modernidade. Para analisar essas situações e conceitos, os principais autores utilizados foram Paul Gilroy (2001), John Thornton (2004), Peter Linebaugh (1983), Marcus Rediker (2011), Jaime Rodrigues (2005) e Luiz Geraldo da Silva (1998).

Junto aos estudos sobre a vida a bordo e suas peculiaridades, buscamos um aporte distinto, utilizando o conceito de “zonas de contato” de Mary Louise Pratt (1999) para refletir sobre as diversas relações que se criavam entre os diferentes tipos de sujeitos nas embarcações¹². Além disto, utilizamos o conceito de “culturas viajantes” de James Clifford (1992) para entender a transmissão das culturas através das embarcações no período descrito¹³.

¹² Além do conceito de “zonas de contato”, utilizamos também o conceito de “transculturação” que a autora trabalha em seu livro. Pratt (1998) tem a África como palco para analisar esses conceitos em um dos capítulos de seu livro. Outro espaço geográfico utilizado pela autora é a América. Tanto a “transculturação” quanto as “zonas de contato” são elementos cruciais no tipo de vida que Equiano levou, das diversas relações que estabeleceu com os diversos sujeitos que teve contato no tombadilho ou no porão das embarcações. Além disso, Olaudah esteve em contato com um sem número de culturas diferentes ao longo de sua vida, muitas

No terceiro capítulo, tratamos das memórias de Equiano e de sua comunidade Igbo na África ocidental. Buscamos, da melhor forma possível, encontrar autores, africanos ou não, que falam dessa África do mundo Igbo e conectar suas observações às lembranças de Gustavus desse lugar. Discutindo todas as dificuldades relacionadas à ideia de lembrança, a memória de um homem que na verdade foi constituído como adulto em outra sociedade completamente distinta daquela em que viveu até os onze anos de idade. Buscamos problematizar essa distinção entre a memória africana e a memória para os ocidentais, na qual a escrita detém o poder da lembrança verídica. Outra questão a ser problematizada é a dificuldade de fazer paralelos entre a vida do qual se recordava na África e a que tinha conhecido. Os conceitos, as formas de relacionamento e os valores são muito distintos, fazendo com que para a esse sujeito seja necessário utilizar e nomear certas características sem nem mesmo entendê-las. Esse capítulo pretende encontrar uma “ponte” entre a memória e os saberes do africano que viveu a maior parte de sua vida longe do continente, mas que nos traz uma lembrança viva do mundo Igbo. Dentre os principais autores e conceitos para encontrar a África de Equiano estão: Amadou Hampaté Bâ (1981), tratando da tradição oral, aliado a Jan Vansina (1981), Valentim Mudimbe (2013) e a construção da África no imaginário ocidental. Kwame Appiah (1997) foi utilizado no entendimento entre a África e o mundo ocidental e na desconstrução do conceito de raça. Em se tratando do Mundo Igbo e da escravidão, os autores utilizados foram Chima Korieh (2009), John Thornton (2004), Alberto da Costa e Silva (1996; 2002), Dorothy Ukaegbu (2009), Victor Uchendu (1977), Ibiegberi J. Alagoa (2010) e Paul Lovejoy (2002; 2006).

Buscamos também, dentro dos limites possíveis, problematizar as relações entre estrutura e sujeito que tornaram esse mundo anglo-africano diferente dos outros no Atlântico. Para isso usamos as reflexões de Silvia Regina Petersen (2013), Christopher Lloyd (1995), Perry Anderson (1994) e Alvin Gouldner (1985). Partindo do exemplo que pretendemos analisar, buscamos encontrar os limites, as margens e as brechas nessa estrutura que permitiram que um homem escravizado em África no século XVIII pudesse tornar-se livre, ter ascendido socialmente e ainda produzido uma autobiografia que se tornou referência nos debates sobre a abolição. Além disso, buscamos revelar quais as subestruturas que podemos

vezes fora da embarcação, como quando fora capataz de uma fazenda na costa dos mosquitos. De acordo com a autora, esses são exatamente os espaços nos quais seus conceitos são testados.

¹³ O conceito de “culturas viajantes” de James Clifford (1992) é uma das ferramentas que utilizamos para refletir sobre a situação dos embarcados e as trocas culturais ocorridas entre os marinheiros; pessoas de diversas origens e que ao longo da vida passam mais tempo distante de suas culturas vernáculas do que nelas mesmo. Quais os elementos que permanecem e quais os que se vão? O que torna Equiano um Africano, ou um Igbo, de que forma essas culturas estão com o sujeito e como elas transitam dentro das embarcações?

encontrar no mundo das gentes do mar e que de certa forma capacitaram esse sujeito a realizar seus feitos. Se a estrutura nada mais é do que as relações sociais, os constrangimentos gerados por ela são a resposta a ações de outros homens em detrimento de alguns. No caso da escravidão moderna, esse “constrangimento” tornou-se uma das maiores marcas da disparidade entre os seres humanos. Disparidade essa que perdura até os dias de hoje e que acabou por marcar para sempre um grupo de seres humanos pela sua diferença de cor¹⁴.

Hoje, mais de duzentos anos depois da abolição da escravidão na Inglaterra, as mazelas dessa, que já foi nomeada como o maior crime da humanidade, ainda “bate” às portas da sociedade brasileira com todas as forças. Gustavus publicou a primeira edição da sua autobiografia no ano da queda da Bastilha na França, em 1789, anos antes da publicação dos direitos universais do homem. Até sua morte em 1798, pôde ver mais dez edições de sua obra publicadas. Morreu com algum cabedal financeiro, tanto que deixou herança à esposa, uma londrina branca. Vassa foi homem de seu tempo, teve suas crenças transformadas pelo mundo que viveu. Contudo, nunca esqueceu o mundo de onde veio. Em seu texto é possível encontrar a “pele negra em máscaras brancas”, parafraseando a obra prima de Frantz Fanon (2008). Analisar o texto de Equiano nos permite mergulhar no íntimo de um africano que se descreveu a partir de um mundo ocidental, mas que nos traz tanto na escrita como na lembrança uma África desconhecida. Seu texto é tido como memória primeira da sociedade Igbo, da atual Nigéria, cultura de onde foi sequestrado. Suas descrições das relações sociais, dos casamentos, da agricultura, da família, das relações de poder, da escravidão em África – tão distinta do processo escravista perpetrado por europeus no mundo atlântico – do comércio, e de todo um mundo desconhecido aos ocidentais e que só possuíam descrições de missionários ou mesmo de funcionários coloniais e viajantes, é riquíssimo.

Além dessa memória africana, Olaudah nos apresenta o mundo marítimo do Atlântico, grande via de escape para escravos que buscavam a liberdade. O título que utilizamos faz referência ao livro de Paul Gilroy (2012), “O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência”, que acreditamos teria em Olaudah Equiano seu mais fiel personagem

¹⁴ Acreditamos que a discussão acerca dos limites entre as estruturas e os sujeitos seja ponto fundamental para analisar a vida de Olaudah Equiano. Nem os limites podem submeter a vida do sujeito, nem o sujeito é totalmente capaz de ultrapassar os limites impostos por algumas estruturas em certos momentos históricos. A partir da vida como embarcado, Equiano pode, de alguma forma, tonar-se agente ativo de sua vida. A estrutura do barco e da vida das gentes do mar permitiu a alguns escravos ascender socialmente, e alguns deles, como Equiano, puderam comprar sua liberdade. Essa mesma estrutura das embarcações, rígida e brutal, de certa maneira foi uma brecha encontrada por alguns sujeitos para tornarem-se donos de seu destino em um mundo no qual isso lhes era negado. Contudo, através dos textos dos autores citados, podemos refletir o quanto esses limites podiam ser estendidos e o quanto algumas estruturas aprisionavam mais ainda determinados indivíduos.

principal. Gilroy trabalha com a ideia da transmissão de culturas negras através do oceano, na Passagem do Meio¹⁵, utilizando as embarcações como meio para isso. Problematiza a questão da dupla consciência, que nos leva a refletir sobre a dupla personalidade que Equiano assume. Ora é o Africano Olaudah Equiano, ora o europeu Gustavus Vassa, se utilizando dessa chave para sobreviver da melhor maneira possível. De acordo com Gilroy: “Esforçar-se por ser ao mesmo tempo europeu e negro requer algumas formas específicas de dupla consciência” (2001, p. 33)¹⁶. A profissão de marinheiro, que, além de permitir o trânsito por diversas localidades desse “Atlântico negro”, permitiu a esse sujeito comprar sua liberdade e viver da melhor forma que achasse possível, dentro das possibilidades que o mundo de seu tempo permitiu. Analisar o texto de Vassa nos permite também visualizar a constituição dos racismos e do senso comum acerca dos africanos no continente americano e que pouco se modificaram ao longo dos séculos que separam seu texto dos dias atuais: uma identidade que se fixa aos saberes ocidentais, mistificando e rotulando os saberes tradicionais da África como bárbaros ou equivocados.

A narrativa de Olaudah Equiano¹⁷ serve de fio condutor para os estudos africanos. É preciso, para que avancemos no conhecimento científico acerca desse vasto continente, como já foi citado aqui, que comecemos a pensar a África a partir de seu passado, e não do nosso; que os pesquisadores africanos tenham autonomia para escrever sobre seu passado e que essa escrita seja também considerada material de análise para as pesquisas produzidas no Ocidente; que possamos entender que esse continente tão próximo tem uma grande bagagem de relações humanas – mais do que qualquer outro – e que esses estudos são importantes, independentemente dos quatrocentos e cinquenta anos de processo escravista e do colonialismo que desestruturaram e consumiram o continente africano.

¹⁵ A Passagem do Meio, ou *Middle Passage*, é o termo que consagrou-se como determinante para o momento mais importante na travessia do Atlântico na literatura afro-americana. Diz respeito mais precisamente ao momento no qual as embarcações não teriam como regressar ao porto de saída em África e que o único caminho a seguir, independentemente do que viesse a ocorrer, era em direção a América.

¹⁶ O livro e as reflexões de Paul Gilroy (2001) foram fundamentais na construção do que se pretendia nesse trabalho. Pensar o Atlântico e as embarcações como meios de transmissão de culturas e construção das identidades encaixa perfeitamente na narrativa de vida de Equiano. Ao mesmo tempo, o autor questiona vigorosamente as ideias de uma cultura negra, seja ela qual for, e problematiza a situação dos afro-americanos e anglo-americanos, estejam eles na situação em que se encontrem. Gilroy também faz uso de autores africanos, não somente para encontrar um entendimento entre essas culturas e esses saberes, mas para transitar no caminho que leva às constituições das culturas desde o século XVIII no Atlântico.

¹⁷ Buscaremos ao longo do trabalho estabelecer um critério de nomeação que julgamos ser o mais adequado. Quando tratarmos de uma experiência na qual consideremos a voz do marinheiro europeu, utilizaremos o nome de Gustavus Vassa. Quando reconhecermos a constituição de uma memória africana, utilizaremos a nomeação de Olaudah Equiano. Acreditamos que essa distinção que buscamos não seja a que muitos outros julguem mais adequada. No entanto, foi dessa forma que buscamos entender as lógicas que o autor utilizou ao longo de sua jornada de vida e, sendo assim, essa foi nossa melhor opção no intuito de entender o caminho que trilhou sua memória quando escreveu sua autobiografia.

1 GUSTAVUS VASSA: A AUTOBIOGRAFIA DE UM AFRICANO E O SÉCULO XVIII

1.1 Breve biografia de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa

Olaudah Equiano nasceu por volta de 1745 na região conhecida como Igbolândia, em um vale chamado Essaka, ao leste do que é atualmente a Nigéria. Foi sequestrado junto com sua irmã quando tinha em torno de onze anos. Vendido a diversos donos africanos, acabou por chegar à costa da Guiné, onde foi vendido a um barco de traficantes brancos e enviado para a América. Depois de experimentar a *Passagem do Meio*, chega a ilha de Barbados, colônia britânica nas Índias Ocidentais e dali é vendido para a Virgínia, outro enclave escravista britânico.

Após essa longa jornada, inicia sua nova relação com as embarcações. Passa a trabalhar como marinheiro, deixando de ser a carga. É vendido ao Tenente Henry Pascal da armada britânica, com quem navega por vários anos participando de diversas empresas bélicas e mercantis em ambos os lados do Atlântico. Posteriormente é vendido ao Capitão Doran e ao Quaker Robert King, de quem compra sua liberdade.

Durante esse tempo aprende a ler e escrever em inglês, rudimentos de matemática, além dos ofícios de marinheiro e barbeiro. Participa da guerra dos sete anos e da primeira expedição ao Polo Norte. Trabalha em um projeto para estabelecer uma plantação na costa dos mosquitos, além de uma série de outras viagens na lide marítima. Torna-se metodista em uma busca interior para compreender o mundo em que vive e pretende tornar-se pastor e regressar à África. Se estabelece na Inglaterra e inicia uma atividade abolicionista. Participa ativamente, junto ao governo inglês, do projeto de restituir escravos libertos à África, o que levaria à formação de Serra Leoa. Casa-se em 1792 com Suzanna Cullen, uma mulher branca com quem tem duas filhas. Morre em 1797, rico o suficiente para deixar testamento, mas sem nunca ter regressado à África.¹⁸

¹⁸ Cabe aqui um esclarecimento importante. Durante todo período dessa pesquisa não encontramos obras que confirmassem o retorno de Equiano à África. Ao contrário, grande parte das obras sinalizava ou dizia abertamente que Olaudah nunca havia retornado ao continente africano. Contudo, posteriormente ao final dessa dissertação nos foi apresentada uma obra em que se diz que Equiano teria retornado ao continente. Acreditamos importante acrescentar aqui essa informação, mas continuamos com a dúvida se Olaudah retornou ou não ao continente, visto que essa nova informação não nos parece tão fidedigna a ponto de excluir todas as anteriores que sinalizavam para o contrário. A obra em questão é; SCHAMA, Simon, *Travessias difíceis: Grã-Bretanha, os escravos e a Revolução Americana*. São Paulo; Cia das letras, 2011.

Essa seria uma breve descrição da complexa vida desse marinheiro que deixou um importante documento a respeito da vida dos marítimos africanos embarcados no Atlântico, sobre as relações entre africanos escravizados e africanos livres ou libertos que trabalhavam nas embarcações do século XVIII e sobre a luta pela abolição dos escravos na Inglaterra. O texto de Gustavus Vassa é uma fonte riquíssima para qualquer historiador que venha a se debruçar sobre qualquer desses assuntos e, quem sabe, outros que não estão citados aqui e que por nossos limites não conseguimos imaginar. Sendo assim, acreditamos ser importante nessa breve biografia problematizar alguns elementos em relação à vida desse africano.

Primeiro, existe um intenso debate a respeito da origem de Equiano. Vincent Carreta (2005), um dos mais importantes pesquisadores da autobiografia de Equiano, tendo publicado em 1995 uma obra que trouxe novamente à tona o texto de Olaudah, questionou, em 2005, a veracidade do local de nascimento desse marinheiro. Paul Lovejoy (2012), referência em se tratando do estudo da diáspora africana e da escravidão nesse continente é um dos autores que contraria a ideia de que Equiano não tenha nascido no continente africano, junto com Chinua Achebe (2009), e Chima Korieh (2009). Esse assunto será tratado com mais acuidade ao final do nosso trabalho.

Outro ponto importante em relação a nosso biografado diz respeito a seu nome: Olaudah Equiano, ou Gustavus Vassa. Essa dupla identidade de Gustavus é ponto determinante para entender esses sujeitos que forjaram suas identidades no convés dos barcos no Atlântico durante o nascimento do que Paul Gilroy (2001) vai chamar de *modernidade*. É bem provável que Gustavus Vassa não tenha utilizado seu nome africano durante a maior parte de sua vida. Possivelmente, essa identidade africana ficou subsumida até o momento da escrita de seu texto. Com o intuito de recordar um passado em uma África originária, algo que estava em voga na literatura abolicionista do momento, resgatou seu nome que tornou-se uma alcunha e “cravou” a história desse sujeito como cânone da literatura anglo-africana ou afro-americana. Vassa foi um sujeito ativo de seu mundo, transitava entre africanos, europeus e americanos, fossem eles quem fossem. Equiano é a memória de África que esse homem moderno e cosmopolita nos permitiu uma aproximação.

Um terceiro elemento que fica obscuro diz respeito a seu convívio com os escravizados, após tornar-se livre. É claro, se sua obra destinava-se a apresentar o quanto a escravidão fora terrível e buscava com isso ajudar nos debates acerca do fim dessa, considerada por E.W. Dubois (1986) como o maior crime da humanidade dos últimos mil anos, Gustavus teria de dar pouca ou nenhuma importância em sua autobiografia às diversas vezes nas quais labutou em embarcações cuja carga era composta por africanos, ou que ele

mesmo selecionou africanos para seus donos, ou que foi capataz de uma fazenda na costa dos mosquitos, sendo responsável por controlar os escravizados. Esses elementos aparecem sim em seu texto, o que o enriquece sua veracidade, mas, é claro, de forma quase despercebida. Se aos olhos da contemporaneidade é difícil falar de escravos que foram donos de escravos, da escravidão no continente africano, de marujos que trabalhavam nos navios negreiros, isso no século XVIII seria muito mais complexo ainda.

Sendo assim, o resumo de sua vida aqui apresentada serve, na verdade, para o leitor que desconhece a obra de Gustavus, o que é comum no Brasil, dado que seu texto não tem tradução para o português. Serve também ao leitor que já conhece a história de Equiano para que, ao iniciar a leitura de nosso trabalho, saiba quais os elementos que buscaremos problematizar, além, é claro, da fonte em si; para que possa junto ao autor acompanhar o trajeto de vida desse marinheiro e perguntar-se porque alguns elementos foram privilegiados e outros não, porque algumas vezes determinadas histórias tomam maior vulto que outras que aparentemente seriam mais importantes. É uma forma de buscar um roteiro para os questionamentos que buscamos fazer à nossa fonte, tendo que, a todo momento que julgamos necessário, problematizá-la em relação à forma como foi escrita e o momento histórico no qual estava inserida.

Religiosidade, companheirismo de bordo, cultura marítima, a dupla identidade do autor, o ato de escrever sobre si mesmo, a memória de África são alguns dos elementos que nutriram os questionamentos que buscamos problematizar a partir desse trabalho.

1.2 A África no século XVIII, uma invenção da Europa

A ideia de uma África para os europeus passa a ser construída a partir do século XVII e toma forma no século XVIII. De acordo com as descrições feitas por viajantes, funcionários administrativos e dos próprios africanos, como Gustavus Vassa. As descrições anteriores a esse período são escassas e pouco difundidas. Entretanto, esse imenso espaço geográfico que passa a ser denominado como África muitas vezes não condiz com a realidade, além, é claro, de sofrer deformidades brutais em se tratando das populações descritas. Não havia um real conhecimento do continente africano, nem dos povos que o habitavam, tanto pelos europeus quanto pelos próprios africanos que o descreviam. Será somente no século XIX, ou mesmo no

início do XX, que pode-se dizer que a África ao qual se refere nos textos desses períodos é realmente a África que identificamos hoje, ou algo parecido.

Para se ter uma ideia, quase tudo que se sabe sobre as populações Igbo em relação ao período anterior ao contato com os europeus está baseado nas descrições feitas por Olaudah Equiano, sendo que esse deixou a região da Igbolândia quando tinha onze anos e escreve sua autobiografia aos quarenta e quatro¹⁹.

De forma alguma estamos colocando em dúvida a narrativa de Gustavus. O que buscamos argumentar é que existia um imenso “vazio” de informações a ser preenchido acerca do continente, e que foi sendo suprido pelas mais diferentes fontes, fossem elas fidedignas ou não. Grande parte das informações a respeito do continente negro provinha de relatos de viajantes, que foram aos poucos “inventando a África”, para utilizar da expressão de Valentin Mudimbe (2013). Não que essa invenção fosse algo pernicioso, ou de alguma forma negativo – o que algumas vezes foi assim interpretado – mas essa invenção foi constituindo o que Mudimbe vai nomear de uma “biblioteca colonial”²⁰. São descrições de pessoas, de culturas, de rituais que irão tornar-se parte do imaginário europeu e posteriormente americano em relação ao continente africano, sendo que muitas vezes não refletiam a realidade. Essa biblioteca de termos e de descrições vai “inventar” uma África mítica, exótica e que, podemos dizer, até os dias de hoje ainda habita o imaginário daqueles que possuem pouco ou nenhum aprofundamento sobre as populações do continente. A imagem de tribos de homens negros segurando lanças e de savanas com leões e elefantes até o século XXI habita o imaginário de grande parte dos ocidentais. Basta ver as representações da África em grande parte das revistas não acadêmicas. Na verdade, a África é imensa e diversa. E para usar das palavras de E. Blyden,

Existem negros e negros. As numerosas tribos que habitam o vasto continente da África são tão pouco passíveis de serem consideradas iguais em todos os aspectos quanto o são os numerosos povos da Ásia ou da Europa. Há entre os africanos as mesmas variedades tribais ou familiares que entre os europeus... Ora, há de ser evidente que nenhuma descrição sucinta pode incluir todos esses povos, nenhuma definição isolada, por mais abrangente que seja, pode abarcá-los a todos. (BLYDEN, 1967, 272-273, apud APPIAH, 1997, p.49).

¹⁹ THORNTON, 2004, p. 401.

²⁰ Valentin Mudimbe (2013) vai utilizar do termo “biblioteca colonial” para referir-se ao conjunto de termos e de conceitos que vão sendo construídos acerca do continente. Muitos desses termos são pejorativos ou foram utilizados com o objetivo editorial de tornar o continente um espaço exótico angariando dessa forma leitores ávidos de aventuras.

Dessa forma, fica claro que a visão constituída pelos europeus da África era uma visão restrita, homogeneizante e que de forma alguma condiz com as realidades do continente, seja no século XVIII, XIX, XX ou XXI.

Mais especificamente em relação ao texto que utilizamos, a autobiografia de Equiano, as narrativas de ex-escravos vão ganhar força a partir da década de 1780. Pratt (1999) aloca esse tipo de narrativa em um subgrupo que ela nomeia de relatos de sensibilidade, ou *sensibilité*, que vão surgir a partir da década de 1760 junto com os relatos naturalistas. De acordo com a autora, esse tipo de relato de sensibilidade está baseado naquilo que conhecemos como literatura de sobrevivência que passa a existir a partir do século XV, mais ou menos com o advento das Grandes Navegações. Desse tipo de obra, muitos serão os elementos que as narrativas sentimentais irão aproveitar e aperfeiçoar como forma de seduzir seus leitores. Dentre exemplos desse gênero podemos citar “A História Trágico Marítima” de Bernardo Gomes de Brito (1998). Elementos como a religiosidade, o sofrimento, a morte e a luta por um determinado ideal são características que vão se adequar aos relatos de escravizados. Nesse contexto, o espaço geográfico africano torna-se palco de uma série de obras que serve para constituir o imaginário europeu.

Conforme Mary Louise Pratt (1999) e Célia Montóia (1999), já no início do século XVIII começam a surgir descrições do continente e de suas populações que vão aos poucos sendo incorporadas, de relato em relato, construindo uma ideia da África. Grande parte dessas descrições são feitas por homens que tinham por objetivo servir de “olhos do império”, para usar do título do livro de Pratt. Esses homens, em grande medida, são naturalistas a serviço dos Impérios europeus, aventureiros em busca de reinos míticos, ou mesmo exploradores a serviço de empresas privadas que recebiam a concessão das nações europeias que não tinham condições de desbravar e conhecer suas colônias.

São exemplos dessas obras citadas por Pratt, em relação a África meridional: *A situação atual do Cabo da Boa esperança* (Alemanha, 1719), de Peter Kolb; *Viagem ao Cabo da Boa Esperança* (Suécia, 1775), de Anders Sparrman; *Viagens na terra dos Hotentotes e dos Kafirs* (Grã-Bretanha, 1789), de Willian Paterson e *Viagens ao interior da África meridional* (Grã-Bretanha, 1801), de John Barrow. Em se tratando da África Ocidental, região mais próximo àquela descrita por Equiano, teremos uma das mais famosas obras da época descrevendo os caminhos do Rio Níger, *Viagens ao interior da África* (Grã-Bretanha, 1816), de Mungo Park. A obra desse aventureiro teve diversas edições e foi amplamente divulgada. Park viajou pelo Níger baseado na ideia de Heródoto de que esse rio encontrava-se com o Nilo no interior do continente.

É dentro desse contexto que Equiano produz sua obra e, sendo assim, nada mais fidedigno do que um africano que sobreviveu à “Passagem do Meio” e viveu na Europa para descrever em detalhes o continente. Gustavus na verdade faz parte desses “europeus” que construíram a biblioteca colonial; sua obra é bastante carregada de preconceitos e ideias conflitantes acerca das populações africanas. E não poderia ser diferente, por mais que Olaudah tenha buscado reencontrar sua origem, por mais que tenha sobrevivido no mundo atlântico rodeado por outros africanos e suas lembranças, Gustavus tornou-se um homem europeu. Suas crenças, seus preconceitos e sua forma de pensar o distinguem daqueles que ele busca descrever.

A África foi e vem sendo construída no imaginário europeu e americano desde os tempos de Equiano. São poucos os textos relativos ao continente produzidos de forma a apresentar seus espaços e suas populações sem carregar uma carga de preconceitos ou utilizar um vocabulário exótico que remeta suas populações a povos bárbaros ou ágrafos.

É preciso ter cuidado ao ler o relato de Gustavus Vassa. Não sabemos o quanto esse africano está impregnado por essa “biblioteca colonial” de que fala Mudimbe (2013) e o quanto seu relato também serve aos “olhos do império”, como diz Mary Louise Pratt (1999). Sua obra é rica e fonte importantíssima no entendimento e conhecimento das populações africanas do período anterior ao encontro dos Igbo com o colonizador. Contudo, é preciso saber que até mesmo Equiano foi leitor dessas obras que relatavam uma África mítica. É necessário filtrar em seu texto o que foi extraído de obras anteriores à sua e o que realmente é a lembrança, a memória desse Igbo.

1.3 Autobiografia afro-americana e as narrativas de escravos

O texto que utilizamos como fonte principal em nossa pesquisa tem sido estudado desde os anos sessenta e setenta do século passado profundamente por outras áreas das ciências humanas. Talvez a área de pesquisa que mais tenha produzido trabalhos referentes à autobiografia de Olaudah Equiano seja a literatura, principalmente nos Estados Unidos. O forte movimento em prol dos direitos sociais, aliado à descolonização da África e o surgimento das jovens nações africanas trouxeram à tona obras conhecidas como biografias afro-americanas e narrativas de escravos. Esses textos, que foram em sua grande maioria produzidos no final do século XVIII até meados do XIX relatam a experiência vivida de escravizados.

Em sua grande maioria essas obras foram produzidas com o objetivo principal de abolir a escravidão e posteriormente de contar a jornada de vida daqueles homens e mulheres que haviam passado por essa trágica experiência. São narrativas de cunho panfletário²¹, o que de forma alguma as impossibilita de tornarem-se fontes para os estudos históricos.

Os escravos, ou ex-escravos, como no caso de Gustavus Vassa, que produziram esses textos, foram financiados, na grande maioria das vezes, por pessoas ligadas ao movimento abolicionista. Na Europa e Estados Unidos, no caso de Equiano, sua obra possuía nada menos que 321 apoiadores diretos, pessoas que já estavam comprometidas com a aquisição da obra e sua distribuição. Constavam entre esses artistas, escritores, políticos, gente de diversas classes sociais, com diferentes visões de mundo, mas que naquele momento histórico tinham um objetivo comum ou uma simpatia pelo fim da escravidão. Acreditamos ser importante problematizar o momento em que essa obra foi produzida e apresentar ao leitor o mundo no qual nossa fonte estava inserida para que possamos discutir nosso argumento de que, por não buscar apresentar o mundo dos marítimos, por não ter um cunho de idealização quanto à vida dos marinheiros, a autobiografia de Vassa é fonte de grande importância em se tratando dos estudos acerca da cultura e cotidiano dos homens do mar, sejam eles Africanos ou não, no período estudado.

A autobiografia de Olaudah não foi o primeiro texto a ser produzido nesses moldes. Antes dele, em 1787, Ottobah Cugoano ou John Stuart publicava pela primeira vez sua obra, com o auxílio de seu amigo Gustavus Vassa. “Thoughts and Sentiments on the Evil and Wicked Traffic of the Slavery and Commerce of the Human Species” (Pensamentos e sentimentos sobre o mau e perverso tráfico da escravidão e do comércio da espécie humana). Antes dele, outros autores também vinham produzindo obras nesse sentido, algumas em forma de poesia²². O título da obra de Cugoano já expressa seu maior objetivo, a luta pela abolição. O autor, além de Olaudah e uma série de outros homens e algumas mulheres, foram peças chave para o fim da escravidão na Inglaterra, mesmo que muitas vezes essa participação pareça um tanto limitada. Não só antes de 1807/08, quando da abolição do tráfico pela Inglaterra, mas depois disso, esses textos continuaram a ser produzidos e tornaram-se sucesso editorial por bastante tempo, adentrando o século XX. Uma das mais famosas e conhecidas dessas narrativas é a obra de Frederick Douglass (1845), escravo fugido que não só escreveu

²¹ Nos referimos a esses textos como panfletários pois eles tinham por objetivo apresentar ao leitor, em geral europeu, a brutalidade do processo escravista. De forma alguma estamos questionando sua validade ou as informações que essa documentação abordava.

²² Dentre as primeiras obras que se tem notícia estão: *Adam Negro's Tryall*, de 1703, e a que se considera a primeira obra em prosa afro-americana, *A Narrative of the Uncommon Sufferings Deliverance of Briton Hammon, a Negro Man*, de 1760.

sua biografia como também narrava em público as mazelas que havia sofrido durante a escravidão²³.

No transcorrer do século XIX, muitas dessas obras foram distribuídas na América do Norte, constituindo uma forte identidade afro-americana que iria, no século seguinte, ser o propulsor ou servir de suporte dos movimentos pela luta dos direitos dos negros capitaneada por Martin Luther King. No Brasil, o século XIX, apesar das leis de proibição do tráfico a partir de 1830, foi um dos momentos de maior entrada de escravizados no país, fosse pela via legal ou pelo contrabando. Refletir sobre isso nos faz questionar a enorme diferença entre os direitos dos afrodescendentes nos EUA e no Brasil. Contudo, essa não é a discussão que propomos nesse trabalho.

Essas narrativas produzidas por ex-escravos tinham muitas características em comum, fossem na forma como foram escritas ou nos elementos que os autores privilegiavam para recordar-se. É claro que em grande parte delas havia pessoas que auxiliavam esses sujeitos na produção de seus textos. Eram outros autores, conhecidos hoje como *ghost-writers*²⁴, como Equiano, Cugoano ou Douglass, ou mesmo os editores que sabiam quais eram as “chaves” para o sucesso ou não das obras²⁵.

O caso de Equiano torna-se novamente particular por alguns motivos. Sua obra foi publicada pela primeira vez em 1789 e teve mais 37 edições até 1857, sendo nove edições na Grã-Bretanha e uma nos EUA ainda durante a vida do autor. Foi traduzida para o holandês, russo e alemão, mostrando-se um verdadeiro sucesso editorial. Como foi uma das primeiras, é

²³ De acordo com Mary Louise Pratt (1999), os textos dos escravizados serviram também para compor o que se conhece como literatura de viagens. Essas obras muito apreciadas desde o início das Grandes Navegações aos poucos foram tornando-se pouco fidedignas. Já os relatos dos escravizados acabam por ser obras que relatam o vivido, a realidade do sujeito. Mesmo que saibamos que muitas vezes seja apenas a seleção de momentos escolhida pelo autor ou por seu editor.

²⁴ Na literatura desse período, e mesmo hoje, existem autores que se valem de um companheiro para produzir suas obras, sem que esse assine junto a obra ou seja considerado coautor. São os chamados *ghost-writers*, ou escritores fantasmas. Trata-se de pessoas com muita habilidade para produzir textos e que auxiliam os autores principiantes nos segredos de tornar uma obra atrativa aos olhos do leitor. Além disso, no caso da literatura de escravizados ou afro-descendentes, muitos desses possuíam pouco ou nada do conhecimento da escrita. Sendo assim, muitos foram os textos ditados e que foram compilados por outros redatores, e muitos foram os que se utilizaram de um companheiro ajudante na hora de produzir sua obra. Exemplo disso é que o próprio Vassa ajudou outro africano a produzir seu texto dois anos antes da publicação de sua autobiografia. Esse outro africano chamava-se Ottobah Cugoano e seu texto também figura entre as obras mais importantes desse período.

²⁵ A grande maioria dessas obras seguia um tipo de roteiro. Primeiro, o escravizado era submetido às maiores privações e brutalidades possíveis. Posteriormente, se rendia ao discurso cristão da bíblia e se convertia. Depois da conversão era como se a vida se transformasse. É claro que não é difícil entender os porquês dessa ritualística. Esses textos estavam sendo escritos para os europeus que estavam sendo angariados no auxílio da abolição. Dessa forma, não se pode pensar que os escravizados estivessem mentindo ou dissimulando. O que ocorre é que provavelmente foram selecionadas, das obras possíveis de serem produzidas, aquelas que de alguma forma tocassem mais fundo na “alma” dos leitores. É provável também que não houvessem tantos escravizados com capacidade de recordar sua vida ou que quisessem fazê-lo em público.

provável que as outras que se seguiram buscassem alguma inspiração nas “chaves” do sucesso de Gustavus.

O que buscaremos apresentar aqui são alguns desses elementos “chave” que fizeram dessas literaturas o sucesso do momento. A “África” estava na moda, como diria um escritor da época. Não cabe a nós aqui nessa pesquisa problematizar os motivos disso, apesar de alguns serem fáceis de identificar. Cabe sim visualizá-los para que, no que concerne a pesquisa histórica, não se tornem um desvio para a análise.

Dentre os elementos importantes que julgamos analisar está a questão da origem dos autores. Ao que parece, havia uma maior importância dada àquelas narrativas nas quais os autores tivessem nascido em África, e não na América. Talvez isso se deve à questão da importância dada à terrível e famosa “passagem do meio”. O trecho denominado de “passagem do meio” consagrou-se na literatura afro-americana como sendo a parte mais difícil da viagem dos escravos vindos da África para a América. Era o momento no qual não havia como retornar: daquele trecho em diante, independentemente das adversidades, o barco não retornaria ao porto de onde havia saído, ele iria para o continente americano. Sendo assim, era o fim do último fio de esperança dos escravizados de retornar para casa ou fugir da embarcação.

As narrativas dos escravizados nascidos no continente americano eram talvez menos importantes, pois esses não haviam feito a jornada do Atlântico. Ao final desse trabalho, no tópico que trata de África mais especificamente, pretendemos dedicar um espaço à discussão acerca do nascimento ou não de Equiano em território africano, o que nos últimos anos tem gerado discussão entre especialistas como Paul Lovejoy (2012) e Vincent Carreta (2005).

Outro elemento importante que julgamos analisar nesses textos diz respeito ao caráter da religiosidade de seus autores. Em sua grande maioria, esses escravos ou ex-escravos tornaram-se cristãos, metodistas ou luteranos. A grande maioria acabou por incorporar a seu modo de vida a religiosidade de seu opressor.

São duas as opções mais pertinentes que consideramos para explicar o fato de os africanos terem absorvido a fé na bíblia. Acreditamos que muitos o fizeram no intuito de encontrar algum tipo de paz de espírito em vista de diminuir os ardores de sua condição. Outros o fizeram para procurar entender e adequar-se ao mundo no qual estavam inseridos. É claro, sem falar na situação de que não poderiam professar sua fé, fosse ela qual fosse. Se fossem muçulmanos, seriam perseguidos sumariamente. Se seguissem suas crenças originárias de África, que poderiam ser muitas, também não teriam como fazê-lo.

É certo que muitos escravizados, talvez a maioria, tenham seguido suas crenças de forma velada. Existem pesquisas que mostram como as religiões de matriz africana foram incorporadas e sincretizadas à tradição cristã. É possível que alguns tenham adotado os ritos cristãos e suas variantes apenas com o intuito de mesclar-se e poder sobreviver de forma mais digna no contexto de sua vida. Contudo, daqueles que nos deixaram essas narrativas, grande parte tornou-se seguidor da bíblia, das mais diversas formas. Outro elemento que corrobora esse dado diz respeito aos *quakers*. Esse grupo de dissidentes do luteranismo participou ativamente do movimento abolicionista. Apesar do último dono de Vassa ser possuidor de muito escravos e embarcações que levavam e traziam escravizados, o Sr. King, de acordo com Gustavus, era um homem muito bom e generoso e cuidava de seus escravos como nenhum outro. Conforme Olaudah, quando algum de seus escravos tornava-se rebelde ou algo de gênero, Dr. King não os maltratava, como faziam os outros senhores, mas apenas os deixava de lado, os ignorava. Aos poucos o escravo sentia-se “culpado” e, temendo ser vendido a um amo mais vingativo ou violento, pedia desculpas ao senhor e voltava ao trabalho da melhor maneira possível.

É claro que o escravo buscava, na condição em que se encontrava, a melhor maneira possível de sobreviver. Dessa forma, muitas vezes possivelmente revoltava-se com sua condição mas voltava atrás, pois sabia que aquele lugar era “menos pior” que muitos outros onde poderia estar.

Contudo, o que analisamos aqui é que a religiosidade das igrejas protestantes, de certa maneira, produzia um alento aos escravos, um caminho para uma vida melhor e um entendimento do mundo daqueles que os escravizavam.

Para Gustavus Vassa, a religião foi uma ponte de salvação. Ou pelo menos é o que ele transparece em seu texto. Partimos do princípio de que devemos acreditar no que nosso autor fala, fazendo os questionamentos necessários. Acreditamos sim que a crença em Deus, no deus da bíblia, tenha sido uma das formas desse africano se fortalecer enquanto sujeito, uma das formas de conseguir, apesar de todas as adversidades a que estava submetido, sobreviver no mundo de seus sequestradores²⁶. Pensar que Equiano ficou aferrado às crenças de seu povo Igbo na África seria ingenuidade nossa, visto que ele passou a maior parte de sua vida longe

²⁶ Quando dizemos que devemos acreditar no que nosso autor fala, estamos nos referindo à Tese de Philippe Lejeune (2012) que diz que deve haver um contrato entre o leitor e o autor de uma autobiografia; que o leitor deve “acreditar” no que diz o autor. Claro, isso não é regra e sim uma ótima chave de leitura que esse teórico nos proporciona para que possa existir uma ligação entre leitura e escrita. No contexto historiográfico, devemos sempre buscar contestar nossa fonte com outras fontes possíveis de serem comparadas. Além do mais, é preciso fazer perguntas à fonte que muitas vezes não terão como ser respondidas. Entretanto, achamos importante partir do princípio que Lejeune nos oferece, o princípio da verdade.

de seus costumes e, nas embarcações, passando por uma intensa provação todos os dias. Seria de se esperar que buscasse proteção em algo maior, como seus companheiros de bordo. Além do mais, como abordaremos no subtópico “Companheiros de Bordo”, no capítulo II, a camaradagem de seus colegas de trabalho e as influências daqueles em quem confiava e a quem buscava como inspiração era de homens tementes a Deus, o deus da bíblia. Outro argumento importante para se refletir é que Gustavus escreve para um público temente e crente em Deus, os europeus, e sendo assim essa seria uma forma de dialogar melhor com seus leitores.

Quanto ao distanciamento de suas crenças originais, acreditamos que, na grande maioria dos casos, isso não seria problema, visto que as religiões ou crenças africanas não fazem alusão a não poder professar outras crenças concomitantemente, diferentemente do que acontecia com as religiões monoteístas.

Gustavus vassa inicia sua autobiografia dizendo que é uma pessoa comum, que talvez seu texto não seja importante pois não é o de um herói nem de um tirano. Contudo, o autor, no momento da escrita de sua obra, não é uma pessoa desconhecida, como se autodenomina. Em primeiro lugar, nesse momento histórico, os negros africanos livres na Inglaterra não eram muitos. Além disso, Gustavus já era conhecido por escrever para periódicos e por participar ativamente, junto ao grupo conhecido de abolicionistas, em batalhas judiciais e formas de auxílio aos africanos que tinham problemas. Gustavus foi o único negro que participou ativamente do projeto de restituir africanos ao continente africano, que iria dar surgimento ao país de Serra Leoa. O projeto foi financiado pelo governo inglês com a ajuda de filantropos ingleses, entre esses Granville Sharp, grande amigo de Olaudah.

Gustavus falava e escrevia perfeitamente em Inglês, tanto que foi o único de que temos conhecimento a produzir sua autobiografia sem “a mão de um branco” por trás de sua escrita. De acordo com Thomas Diggers, famoso abolicionista, o autor era um “africano ilustrado, de bom juízo, bons modos e excelente caráter”²⁷(*apud* MONTIOIO,9). Vassa estava inserido no mundo no qual seu texto seria produzido e convivia com o público que iria consumi-lo. Realmente acreditamos que poucas, ou nenhuma edição de sua obra chegou ao continente africano por muito tempo. O texto foi escrito para europeus e alguns outros africanos “ilustrados”.

²⁷ Thomas Diggers era um irlandês abolicionista e um dos apoiadores da obra de Equiano (EQUIANO, 1999, p. 08-09). De acordo com ele, Gustavus foi um instrumento fundamental para levar adiante a proposta de abolição da escravidão na Inglaterra.

Refletir sobre o momento em que nossa fonte foi produzida e o mundo onde nosso autor estava inserido é um dos pontos de maior importância nesse trabalho. Acreditamos que essa fonte seja rica e muito pouco utilizada no Brasil. Dessa forma, o quanto mais pudermos questioná-la, seja em seu texto ou em seu contexto, mais ela servirá para futuras análises de outros pesquisadores.

1.4 Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa? A dupla consciência de um marinheiro africano no Atlântico Negro

Pode um homem tornar-se duas pessoas distintas ao longo da vida? Essa pergunta provocativa, que mais parece saída de um manual de psicologia para iniciantes, serve de reflexão para pensarmos a dupla condição de vida que Gustavus Vassa ou Olaudah Equiano visualizou quando começou a escrever sobre sua vida, pensando em sua trajetória desde África até sua residência em Londres²⁸.

Ao estudarmos essa autobiografia, nossa fonte principal, nos deparamos com dois sujeitos desconhecidos e distantes. Num primeiro momento, um menino africano da etnia Igbo, filho de um principal em sua comunidade. Do outro lado um marinheiro negro, africano, livre, protestante, residente em Londres, casado com uma mulher branca, que viajou por grande parte do mundo ocidental, cosmopolita, e que lutou ativamente pela abolição da escravidão, de nome Gustavus Vassa.

Duas pessoas completamente díspares, com uma consciência de mundo muito distante e ligadas por um oceano complexo que, ao longo de período que compreende essa pesquisa, o século XVIII, em grande parte modificou completamente a vida de milhares de seres humanos, em sua grande maioria, africanos. Entender a dinâmica desse espaço e o período que estudamos passa pelo desafio de entender como Olaudah Equiano tornou-se Gustavus Vassa e como essa dupla consciência sobreviveu para que Vassa pudesse ao fim da vida

²⁸ Tomando por base as reflexões do livro “Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência”, de Paul Gilroy (2001), que serviu de suporte para grande parte dos questionamentos que fizemos ao texto de Gustavus Vassa, essa seria uma pergunta importante se pudéssemos questionar o autor. Como pode um homem que teve a vida transformada, como esse sujeito, escrever sobre seu passado tão distante. As reflexões de Gilroy aproximam-se de outro autor que utilizamos nesse sentido, James Clifford (1992). Ambos falam de pessoas que tem sua vida constituída a partir de elementos que não são fixos. Ambos tratam de sujeitos que se constituem em movimento, culturas que se deslocam, e pessoas que carregam em si elementos constitutivos sem terem de permanecer em seu local de origem.

escrever sua autobiografia e nos permitir mergulhar no que foi o cotidiano de centenas de africanos que foram engajados ou que se engajaram na faina marítima do Atlântico; utilizando dessa forma esse espaço e essa labuta como um amplo campo de possibilidades para buscar sua liberdade.

A experiência vivida por Gustavus é única, mas, como diz Alessandro Portelli (1996), expressa a possibilidade de experiência de vida de uma grande parcela de negros naquele momento, sendo eles africanos ou não, escravos ou libertos. Poucos talvez tenham se tornado Gustavus Vassa, mas muitos, milhares, foram Olaudah Equiano. O que é diferente na trajetória de vida desse sujeito são elementos que buscamos refletir nessa pesquisa. Alguns desses elementos são inerentes ao sujeito “Equiano” e permitiram a ele tornar-se o adulto Gustavus Vassa. Ou seja, são elementos que consideramos endógenos. Outros, os que consideramos exógenos, estão relacionados ao distendimento ou recrudescimento das estruturas que moldavam a época de vida desse homem e que permitiu que em alguns momentos sua vida fosse potencializada e em outros fosse restringida. Esse exercício de ampliar a lente para analisar o sujeito e retornar ao ambiente geral será um dos exercícios que utilizaremos como metodologia nessa pesquisa.

Buscamos auxílio nas teorias da micro-história para pensar o quanto a vida desse homem foi particular em relação ao mundo no qual vivia ou o quanto algumas dessas experiências refletem a experiência vivida do grupo social a que esse sujeito pertencia. O que torna essa reflexão mais rica é que Equiano pertenceu a mais de um grupo ao longo da vida, como a maioria das pessoas contemporâneas. Mas isso não era tão comum quando nos referimos ao século XVIII. Contudo, um elemento nunca se modificou em sua jornada, o que nos permite inseri-lo como “ator” principal se utilizarmos como base o livro “Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência”: ele sempre foi um negro. E ser negro nesse momento não lhe permitia uma grande margem de manobra em sua vida.

Para o trabalho a que nos propomos, a vida de Gustavus Vassa serve de fio condutor para navegar ao longo do século XVIII até o mundo ou a memória de África que esse homem cosmopolita e abolicionista construiu a partir de seu presente. Suas reflexões acerca do mundo, da escravidão em África, na América e na Europa, sobre o comércio, sobre a vida e a morte, sobre as religiosidades, sobre a condição humana em geral, permitem ao historiador fazer quase uma viagem antropológica e subir a bordo das naveas do período labutando junto aos marinheiros daquele século, entrando e saindo de portos ao longo da América Central, Europa, América do Norte e Mediterrâneo.

Como homem de seu tempo, Vassa viveu o nascimento do mundo moderno, a ascensão do capitalismo, o fortalecimento dos nacionalismos. Durante sua jornada de vida, nunca esqueceu seu mundo em África, sua aldeia, os costumes de seu povo, as crenças a que viviam submetidos. Manteve ao longo da vida uma dupla consciência, de negro africano escravizado e de Europeu livre. Viveu dois mundos muito distantes e teve o melhor e o pior dos dois²⁹.

Conforme Paul Gilroy, é muito difícil ser negro e europeu ao mesmo tempo. Gustavus experimentou essa dualidade ainda no período da escravidão, o que dever ter sido ainda mais difícil. Percorrer a trajetória de vida desse escravo até a liberdade é navegar nas hibridações de culturas que povoaram o convés e a coberta das embarcações do século XVIII. Portugueses, cabindas, franceses, gascões, espanhóis, holandeses, igbos, krus, brasileiros, ingleses, fantes, bijagós e uma outra centena de grupos e origens distintas se apinhavam e conviviam nas embarcações sob uma disciplina marcada pela privação, doença e pela brutalidade³⁰.

Gustavus Vassa resgatou seu nome africano Olaudah Equiano somente no final da vida. É curioso que, aos olhos de hoje, o nome africano desse homem, essa sua outra consciência, seja o que lhe traga fama. Serve isso para refletirmos sobre o tempo histórico, o tempo da historicidade, como fala Koselleck (2006). Foi a consciência africana subsumida que trouxe notoriedade ao final da vida desse marinheiro negro europeu. Equiano nunca deixou de refletir sobre a escravidão, sobre os dilemas de sua vida, sobre os outros escravizados. Poderia facilmente ter assumida uma postura de vida de quem conseguiu ultrapassar os limites impostos ao seu redor, superá-los, o que outros também o poderiam mas não tiveram “capacidade”. Mas ele não optou por essa visão. Gustavus conseguiu enxergar alguns dos elementos que potencializaram sua jornada de vida, que hoje conseguimos nomear como estruturas ou subestruturas. É possível ler isso em sua obra. O autor não se considera

²⁹ Seria ingenuidade pensar que Gustavus não tornou-se europeu. Sim, ele tornou-se um negro europeu, talvez um dos primeiros a ser dono de seu destino. Contudo, foi essa condição que permitiu ou que fez com que esse novo homem europeu quisesse não esquecer de seu passado em África. Alguns estudos acerca do trabalho de Equiano acabam por colocá-lo em uma situação de constrangimento, como se ele tivesse traído suas origens. Acreditamos que Gustavus venceu as estruturas que o tornavam escravo do sistema em que estava inserido, e sobreviveu da melhor forma que pôde. Ao fim da vida buscou ajudar os outros escravizados; quis de alguma maneira recordar o mundo no qual havia nascido e crescido.

³⁰ Compactuamos com as ideias de Marcus Rediker (2011) e Peter Linebaugh (2008) de que no convés das embarcações havia um ideal de liberdade e de que os marinheiros eram um grupo que, dentro dos limites, permitia uma hibridação maior do que ocorria entre os grupos em terra. Contudo, acreditamos também que dentro desse grupo, os marinheiros africanos ou negros eram de certa maneira explorados, visto que não era necessário nenhuma desculpa para matar ou surrar os homens de pele negra. Acreditamos que a camaradagem de bordo serviu de plataforma para tornar melhor a vida de africanos ou afro-americanos marinheiros. Mas, mesmo nesse espaço, pensamos que esses sofriam abusos e discriminação.

um homem especial no sentido do termo contemporâneo *self-made man*. Considera-se afortunado sim por ter sido beneficiado, seja pelo Deus em que tanto acredita ou por homens que cruzaram seu caminho e ajudaram-no a chegar aonde chegou.

Se me considerasse europeu, podia dizer que meus sofrimentos foram enormes, mas quando comparo minha sorte com a da maioria dos meus compatriotas, me considero especialmente favorecido pelo céu e reconheço a misericórdia da providencia em cada incidente da minha vida. (EQUIANO, 1999, p.37).

Não há como pensar Vassa sem Equiano. Um constitui o outro. Não fosse essa consciência africana, talvez o texto nunca tivesse sido escrito, editado e reeditado e se tornado cânone nos estudos afro-americanos. Se não houvesse surgido a consciência do europeu Gustavus Vassa, talvez aquele pequeno e franzino menino escravizado que por vezes desejou morrer não tivesse se tornado escritor, abolicionista e o marinheiro que se tornou.

Acreditamos, como Paul Gilroy (2001), que é com essa dupla consciência que surge a modernidade, através de homens que não possuem as raízes fixas ao solo onde nasceram, mas sim fixas ao próprio homem em si. Essa dupla consciência que alguns carregaram, como no caso de Olaudah, no convés das embarcações por onde transitou. Criaram-se assim culturas híbridas, móveis, circulando de lá para cá entre nações, constituindo microssistemas de hibridez linguística e política.³¹

Essas Culturas Viajantes, de que fala James Clifford (1992), também são alvo de nossas reflexões. Como dizer hoje no Brasil que algo é de origem portuguesa, ou que aquilo é de origem africana se o que realmente está em jogo é uma disputa de poder, de constituição de identidades e que em se tratando de Brasil, há muito priorizam a europeia à africana. A dualidade de Gustavus Vassa e Olaudah Equiano serve para refletirmos em relação ao Brasil. Nos ajuda a ver o quanto é importante fugirmos dos essencialismos, o quão mais rico se torna perceber as miscigenações, as mesclas entre as diferentes culturas. Quando essas culturas tem uma tradição na construção histórica do país próximas, como as europeias, esses embates de poder ficam em um plano mais ameno. Mas quando entra em jogo a questão africana, a balança normalmente pende com força para as culturas europeias. Isso, é claro, se deve à questão da escravidão e principalmente do racismo. É muito mais fácil buscar a memória de um descendente espanhol, mesmo que esse tenha sido um dos milhares de marinheiros que

³¹ Gilroy, 2001, p.52

trabalharam ao lado dos marinheiros africanos no Atlântico, do que reconhecer em pé de igualdade que todos temos heranças culturais, tanto europeias quanto africanas.

Se Gustavus Vassa tivesse esquecido o menino Olaudah Equiano - o que pode ter acontecido com muitos outros africanos que puderam comprar sua liberdade e tornarem-se europeus, algo plenamente justificável naquele momento histórico - hoje não teríamos essa importante fonte de pesquisa que nos permite refletir sobre a riqueza que é ter, na herança dos americanos, duas, três ou quantas forem as consciências que moldaram a modernidade.

Dentro da discussão acerca do texto de Olaudah, há o que Ângela de Castro Gomes (2004), vai chamar de “escrita de si”. Esse é um ponto importante de reflexão em relação aos estudos afro-americanos e que não poderíamos deixar de lado. Deixaremos um subitem destinado apenas à análise dessa questão na sequência do trabalho, visto que é ponto fundamental, a nosso ver, para a análise da fonte.

1.5 Gustavus Vassa e a escrita de si

Buscamos aqui problematizar um elemento que julgamos importante no que tange a análise de nossa fonte principal. Conforme Ângela de Castro Gomes (2004), a escrita de si merece certas análises bastante particulares para ser utilizada como fonte no processo de construção histórica. É certamente uma fonte confiável e válida, mas não pode ser tratada nem lida simplesmente da mesma forma como outras fontes. Na verdade, cada fonte tem suas especificidades e cabe ao historiador criticá-las para tornar seu trabalho mais confiável ao leitor, o que pretendemos fazer aqui.

Gustavus Vassa ou Olaudah Equiano foi e vem sendo bastante estudado, principalmente por seu papel como militante no processo abolicionista na Inglaterra. Sua obra é peça fundamental no contexto dos debates acerca da abolição no século XVIII. Sendo assim o texto de Gustavus é uma escrita permeada pela luta política e pela militância em prol dos direitos dos escravizados.

Entretanto, o conteúdo que buscamos “mais a fundo” no texto desse marinheiro envolve suas descrições da vida a bordo das embarcações, suas relações com seus pares e com outros que transitavam nesse mundo marítimo. Dessa forma, acreditamos que, como a fonte não foi escrita com o objetivo de mostrar aos leitores como era a vida dos homens do mar ou

como eram suas relações, suas descrições se mostram mais nítidas e menos permeadas por uma construção idealizadora. É claro que não se pode imaginar que não vá haver alguns exageros ou mesmo confusões, mesmo que busquemos na fonte os elementos que não constituíram seu principal fim.

Novamente usando da reflexão de Ângela de Castro, um dos problemas mais comuns em se tratando das autobiografias diz respeito à construção de um personagem pelo autor. No caso da nossa fonte, o autor dá até nome a esse personagem, Olaudah Equiano, seu nome de batismo em África.

É importante pensar que a crítica que fazemos aqui não diz respeito a desacreditar o texto do autor, ou mesmo diminuir sua importância ou dos acontecimentos que ocorreram em sua vida, nem a veracidade dos mesmos. O que se pretende é problematizar ainda mais a importância da fonte como uma das poucas formas de mergulhar no mundo dos marítimos, no seu cotidiano, sem ter de “ler” esse universo através das descrições de viajantes ou mesmo dos capitães das embarcações, visto que a grande maioria dos marinheiros, principalmente os africanos, eram iletrados. Foram poucos os africanos ou escravos que tiveram acesso ao letramento, por diversos motivos. Alguns deles dizem respeito à dificuldade, visto que nem mesmo a língua era comum a todos. Além disso, grande parte da África, nesse momento, ainda tinha na tradição oral sua maior fonte de transmissão de conhecimento, o que tornava as coisas mais difíceis para aqueles africanos que buscassem esse tipo de conhecimento.

O período de vida de Gustavus, a segunda metade do século XVIII, foi o período de ascensão das biografias e autobiografias. A partir do século XVII, esses textos foram se consolidando como gêneros literários. Na realidade, é a partir desse momento, no qual nasce a modernidade, que passa a existir um “homem” singular, um homem dissociado do coletivo, e que sua singularidade torna-se importante no contexto social, mostrando aos outros – leitores – a vida cotidiana. No campo da literatura, esses trabalhos ganham mais fôlego do que no campo da história. No caso de Equiano, como já apresentamos no tópico sobre as literaturas afro-americanas, seu texto tem uma particularidade imensa, pois é um dos primeiros a mostrar não só a vida cotidiana de uma pessoa comum, mas a vida de um escravo. Dois anos antes do lançamento do texto de Olaudah, outro africano publicou sua autobiografia: Ottobah Cugoano, auxiliado por Equiano.

O fato da obra possuir esse objetivo político em nada diminui a importância desses textos enquanto fontes. O que cabe aos historiadores é ter um cuidado teórico-metodológico que permita ver os limites do texto enquanto fonte histórica e enquanto documento político-panfletário. Os africanos que escreveram suas narrativas eram sujeitos bastante peculiares

naquele momento; um momento no qual muitos deles haviam deixado a vida de escravo por meio de batalhas judiciais ou mesmo através do viés da fuga. Poucos foram os que puderam comprar sua liberdade, como Vassa. Nesse contexto, um elemento que Gomes (2004) levanta em seu texto acerca da escrita de si é bastante distinto em relação aos ex-escravos. De acordo com a autora, o momento da ascensão desse gênero literário tem a ver com o nascimento do indivíduo moderno ocidental que tem por princípios básicos a igualdade e a liberdade. Para os ex-escravos, esses eram realmente os limites que o mundo moderno impunha a eles e seus congêneres que ainda viviam a condição de escravos. Dessa forma, mais uma vez podemos ver como Equiano e muitos outros escravos tomam forma como agentes produtores do mundo moderno e não apenas como mão de obra na construção desse.

A partir de agora, levantaremos alguns elementos que, de acordo com Ângela de Castro (2004), são advertências importantes para utilizar uma autobiografia como fonte histórica. A primeira delas diz respeito à questão da verdade ou da sinceridade. Quando trabalhamos com uma fonte na qual a vida de alguém é contada por essa mesma pessoa, não podemos acreditar que aquilo que está sendo “dito” pelo sujeito não seja verdade, “a verdade dos fatos”. O que deve importar, o que o historiador deve buscar, não é o que aconteceu, e sim o que o sujeito que está contando a história experimentou, sentiu, qual a sua visão daquele acontecimento. Dessa maneira é possível ao historiador fugir do que a autora chama de “feitiço da fonte” e deixar-se levar pela “verdade” do autor. Aquela possível verdade pode, talvez, ser verificada no cruzamento com outras fontes. Mas, na leitura dessa fonte, ela deve ser vista como a experiência desse sujeito, sua experimentação. O que nos leva aos estudos de Alessandro Portelli (1996) é a experiência social de um homem que pode representar a possibilidade que todo um grupo poderia ter experimentado, o que tratamos por “campo de possibilidades”, ou universo social compartilhado. Nessa questão, o pesquisador não pode ser ingênuo a ponto de pensar que a vida de alguém pode ter a coerência e continuidade que um texto literário apresenta, o que Pierre Bourdieu (1996) chamou de “ilusão biográfica”.

Outro ponto importante a ser levantado, e que no caso de Gustavus torna-se crucial, diz respeito à relação do “autor” com o “personagem”. Gustavus cria Equiano a partir de seu passado, mas o personagem é na verdade uma representação do autor, ou o que ele gostaria de ter sido. O autor é uma “*invenção*” do próprio texto, como diz Castro (GOMES, 2004, p 21). Essa escrita acaba por tornar-se a constituição identitária do sujeito. Nesse contexto, devemos pensar o autor como um editor. Até porque, se formos pensar dessa forma, grande parte das narrativas afro-americanas possuíram algum tipo de editor. Equiano participou na edição do texto de Cugoano e é bem provável que tenha auxiliado na produção de outros. Esse trabalho

de ordenamento da vida não pode ser esquecido pelo historiador no momento de analisar uma fonte tão rica. Algumas omissões, mesmo que pequenas, são elementos que mostram os objetivos principais da obra. O que é esquecido torna-se tão importante quanto o que é lembrado. No caso de Equiano, que diversas vezes trabalhou levando e trazendo escravos nas embarcações nas quais labutava e que foi capataz numa fazenda por algum tempo, esses elementos quase passam despercebidos ao leitor desatento, questão que não pode subsumir a leitura do historiador.

Pouco antes de zarpar rumo à costa dos mosquitos, subi com o doutor a bordo de um barco guineano a fim de comprar uns quantos escravos para levar conosco e cultivar uma plantação. Somente escolhi compatriotas meus, alguns deles procedentes da Líbia. (EQUIANO, 1999, p.202).

O texto produzido a partir da escrita de si serve a muitos objetivos, entre eles a literatura pura e simples, a catarse, o prazer, a comunicação com outros ou consigo mesmo, como no caso dos diários, e, como no caso de Gustavus, na luta política a partir de uma narrativa de vida. Um último elemento que consideramos importante criticar em relação à nossa fonte diz respeito ao distanciamento entre o autor e o personagem construído pelo mesmo. Cada momento histórico tem seus elementos de aceitação social. No caso do texto em questão, a Inglaterra protestante do século XVIII. Dessa forma, o autor Gustavus Vassa vai produzir uma obra que, a partir de sua trajetória de vida, vai apresentar a um público leitor o mundo dos escravizados e sua brutalidade. Certamente foi necessário omitir algumas passagens da vida desse marinheiro para que o livro tivesse sucesso. A vida embarcada e o contexto da escravidão são dois elementos de extrema brutalidade no século em questão. Eram comuns estupros de todas as formas nas embarcações, fossem com jovens grumetes, ou escravos. As situações-limites, em casos de naufrágios, perdas de rumo e outros acidentes proporcionados pelas forças da natureza ou pelas doenças, descritos por outros cronistas, beiram a selvageria. Nesse ponto, nosso autor foi bastante “delicado” em suas descrições. Esse conjunto de limites e escolhas que Gustavus fez ao produzir seu texto nos mostra o cuidado que o autor teve nas escolhas durante a construção de seu personagem e de sua narrativa, não diminuindo em nada, como já dissemos, a importância nem a veracidade de seu texto. Essa acuidade nos faz ver o rigor com que sua obra foi produzida e a importância que o autor deu a ela.

A importância que a história vai dar a esse tipo de texto começa a partir da metade do século XX. Antes desse momento, essas autobiografias não passavam de obras literárias,

salvo algumas pesquisas esparsas. A partir dos anos setenta, com mais força no Brasil, a História Social e Cultural ganha espaço e esses textos passam a tornar-se fontes importantes de pesquisa histórica, como fazemos agora.

Acreditamos que a autobiografia de Gustavus Vassa é uma fonte riquíssima para analisar a vida dos escravos que trabalharam como marinheiros no Atlântico do século XVIII. Serve também para que possamos visualizar os africanos como agentes constitutivos do mundo moderno, não apenas como uma massa homogênea de trabalhadores braçais. A autobiografia desse marinheiro africano apresenta elementos visíveis da construção do homem moderno, como mobilidade geográfica, questionamentos religiosos e científicos, a questão de ultrapassar seus limites, de lutar por ideias, da liberdade como elemento primordial da humanidade. Criticar a fonte como fizemos nesse tópico faz parte de nosso ofício como pesquisadores e torna esse trabalho o mais perto possível do que consideramos como verdadeiro, no sentido de assimilar ao conhecimento científico o subjetivismo do ser humano como produtor de fontes.

1.6 Os limites das estruturas que constroem e a agência dos sujeitos

Existe uma tensão entre a vida de um sujeito e o quanto as estruturas de sua época limitam a importância de sua existência e de seus feitos. Até onde pode chegar um homem? Qual o limite de sua capacidade de superar as barreiras que o cercam, sejam elas, naturais ou sociais? Buscamos nessa reflexão encontrar algumas respostas para esses questionamentos, fugindo, é claro, dos voluntarismos que apresentam limites irrestritos à capacidade de superação dos seres humanos, dotando-os, muitas vezes, de uma agência superior e transformando-os, aos olhos da história, em heróis e, tentando escapar da armadilha do determinismo que coloca as estruturas e instituições, criadas pelo próprio homem, como limite intransponível para seus objetivos.

A história de vida de Equiano serve novamente de fio condutor para buscarmos encontrar pontos de distensão ou de aproximação que permitiram a ele superar ou não as estruturas rígidas de seu momento histórico. Africano escravizado aos onze anos de idade e que, ao longo da vida trabalhando como marinheiro, foi capaz de comprar sua liberdade e participar ativamente na luta pela abolição da escravidão. Não existem respostas simples para

as questões propostas, até porque elas são ímpares para diversas situações. Contudo, acreditamos que a reflexão sobre esse tema seja importante no sentido de entender que tipo de estrutura é mais ou menos flexível e até que ponto essa flexibilização depende ou não dos sujeitos. Quais as capacidades e limitações que fizeram com que determinadas empreitadas tornaram-se completamente impossíveis de serem realizadas, e quais seriam possíveis? É importante pensar nos diversos caminhos que se apresentam ao sujeito e quais estão completamente limitados; quais possibilidades seriam possíveis de acontecerem e quais não poderiam.

No início dos estudos teóricos sobre a escravidão, normalmente essas reflexões levavam a crer na completa passividade dos escravizados, o que caracteriza as teorias deterministas. Aos poucos, começaram a aparecer biografias ou autobiografias, como a de Equiano, que apresentavam uma maior agência desses sujeitos, o que conhecemos como teorias voluntaristas. Porém, se não forem estudadas tendo em conta esses limites junto às estruturas, essas histórias correm o risco de tornarem-se contos de heroísmo, tal e qual as façanhas de heróis gregos, romanos ou de europeus da idade média. É preciso que se rompa com essa “aura” de mitificação para que se consiga atingir o conhecimento científico que permita ao leitor refletir realmente sobre o quão importante foi a agência de determinado sujeito ou o quanto seu campo de possibilidades tornou impossível ou possível suas realizações.

1.6.1 Sujeito

Quem é esse sujeito ao qual nos referimos nesse trabalho? Essa questão por si só já caberia uma análise historiográfica. É um homem, uma mulher, um branco, um negro, um chinês, um brasileiro, um homossexual, um heterossexual? Cada uma dessas identidades pressupõe uma gama diferente de estruturas a que cada um desses indivíduos está submetido. É quase impossível tentar colocar essas diversas identidades no mesmo “tubo de ensaio” e fazer conjecturas a respeito do que cada uma delas teria sido capaz de realizar em seu momento histórico. Podemos, com cuidado, refletir sobre cada um desses sujeitos, em um determinado tempo, e pensar sobre suas realizações e limitações. E quando citamos aqui tempo histórico, não estamos nos referindo apenas aos longos períodos, mas também aos curtos. Se pensarmos que nos anos oitenta do século passado, um homem poderia ser demitido de seu emprego por ser homossexual ou negro, e que isso seria completamente

aceitável, veremos que algumas estruturas podem se modificar no decurso de uma vida humana, enquanto outras não.

Aos olhos de hoje, essas situações citadas acima seriam, no mínimo, passíveis de ação judicial. O que não quer dizer que elas ainda não continuem acontecendo, principalmente em regiões mais distantes dos centros urbanos de poder. Entender a distância entre o que pode acontecer e o que é permitido juridicamente também faz parte dessa análise. Sabemos que até hoje existem trabalhadores escravos pelo mundo. No próprio Brasil, todo ano são descobertas novas fazendas nas quais esse tipo de relação trabalhista e brutal ainda ocorre. Entretanto, isso ocorre hoje à sombra da legislação. É importante pensar no tempo histórico dessas legislações e refletir sobre como isso ocorreu também no processo de abolição no início do século XIX.

É a vida desses sujeitos que buscamos entender aqui. É possível que uma mulher afegã de um vilarejo distante da capital Kabul tenha noção da liberdade vivida por uma brasileira que mora no Rio de Janeiro? É possível que um garoto homossexual do interior do Rio Grande do Sul saiba das facilidades que poderia ter ao viver em São Francisco, na Califórnia? Esses exemplos servem mais do que tudo para nos mostrar o quão distinto é o mundo dos sujeitos. Tempo e espaço são elementos impossíveis de serem analisados a parte desse conjunto. Entretanto, nessa reflexão tentaremos nos aprofundar na ligação direta entre sujeito e estrutura, independentemente de seu tempo e espaço.

Esse sujeito ao qual nos referimos é também um sujeito coletivo, um sujeito que de forma alguma pode viver deslocado ou desconectado do mundo que o cerca. Seria imprudente pensar que ele ou ela pode simplesmente viver sozinho, sem se preocupar com o mundo à sua volta. Dessa forma, as estruturas que o cercam são elas mesmas que o criam, ou pelo menos que norteiam sua vida. Mesmo que pareça brutal pensar essa ingerência quase total dos sujeitos em relação às estruturas, o que acontece está muito próximo disso. O caso de Equiano serve de exemplo. De acordo com suas memórias, era filho de um dos principais de sua aldeia e com o tempo possivelmente ascenderia ao posto que seu pai possuía. Se pensarmos em relação a seu mundo em África, outros meninos que não fossem filhos de um dos principais não teriam as mesmas condições de vida a que Olaudah seria agraciado caso tivesse continuado em sua região. Independentemente de ser na África, América ou na Europa, dentro de cada estrutura existem aqueles que são mais ou menos privilegiados.

Meu pai era um desses anciãos ou chefes que mencionei, e se chamava *embrenché*; termo esse, me recordo, que significava a mais alta distinção e que na nossa linguagem significava um sinal de grandeza. Esse sinal se confere à pessoa que tem direito a ele cortando-lhe a pele na parte alta da

testa e baixando até as pálpebras. Quando se faz isso, se empurra com a mão quente até que encoste em um ferro grosso que cruza a parte baixa da testa. A maioria dos juízes e senadores tinha esse sinal. Meu pai tinha desde muito tempo, e eu vi como ele o deu a um de meus irmãos, e também eu estava destinado a receber de meus pais. (EQUIANO, 1999, p.39).

Pensemos nas gentes do mar, homens que nascem e crescem em uma comunidade de pescadores ou ligados a lide marítima. Pode esse sujeito se desvincular dessa realidade e tornar-se um bancário? Sim, é claro que pode. Mas esse sujeito terá que transpor barreiras que irão modificar para sempre suas relações familiares, sua relação com a comunidade. Irá causar uma verdadeira revolução em sua vida e na daqueles que o cercam. E são essas brechas, essas margens, esses limites que buscamos encontrar nesse trabalho.

Imaginemos um negro africano como Gustavus na Londres de 1789, ano do lançamento de seu livro. Equiano já é uma figura de destaque. A grande maioria de seus compatriotas, como costuma falar, ainda estão sob o jugo do modelo escravista. E esse não faz parte de um pequeno grupo de trabalhadores do campo que foi ludibriado e enviado a trabalhar em uma fazenda distante e que não tem meios para fugir e comunicar sobre sua escravização. Dentro desse mundo, no qual Equiano lança seu livro, no qual a França vive momentos de revolução, a escravidão faz parte da estrutura, e não apenas isso, ela é um dos pilares dessa estrutura do império. Nesse momento histórico, ser um negro, africano, escritor e livre ia completamente contra as regras ditadas pelas estruturas e tornava esse sujeito um homem vulnerável ao sistema. Muitos foram os casos de negros que foram sequestrados depois de libertos, ou mesmo que nunca haviam sido escravos e foram levados para trabalhar sob regime de escravidão. É também o caso da história de Solomon Northup, que em 2013 ganhou as telas de cinema e recebeu inclusive o Oscar de melhor filme. Entretanto, a maioria nunca conseguiu retornar, pois a estrutura era muito mais forte que a possível agência do sujeito em questão³².

³² Em relação ao filme “12 anos de escravidão”, já existe uma tradução do livro original para o português, NORTHUP, Solomon. *Doze anos de escravidão: a história real de Solomon Northup, cidadão de Nova York, sequestrado na cidade de Washington em 1841, e resgatado em 1853 em uma plantação de algodão na Louisiana*. São Paulo, Seomen, 2014.

1.6.2 Estrutura

Podemos imaginar que as estruturas são formações imaginárias criadas pelos próprios homens, mas que ao longo do tempo tornam-se “entidades” poderosas e que assumem um papel definidor na vida dos sujeitos.³³ Não podemos deixar de pensar que essas estruturas são nada mais do que a própria relação entre os sujeitos, e que nessa tensão entre diversos sujeitos, individuais e coletivos, as estruturas podem vir a constranger os sujeitos ou potencializar suas realidades.

Como exemplo, podemos refletir sobre a estrutura escravista da modernidade. A princípio, uma estrutura de relação de compra e venda costumeira na África antiga, mas que ao se potencializar durante o período das grandes navegações toma proporções nunca imaginadas, “coisificando” os escravizados de uma forma como nunca havia existido, ou que se tenha registro. Contudo, essa estrutura nada mais era do que uma relação entre sociedades distintas com uma finalidade comercial.

De acordo com Christopher Lloyd, “As estruturas econômicas e sociais são formações misteriosas: ao mesmo tempo intangíveis, invisíveis, até certo ponto, incompreensíveis, são, contudo poderosas e, em diversos casos, amplas e de longa duração.” (LLOYD, 1995, p. 21). Pensando dessa forma, é possível refletir que as estruturas são forças de dominação desenvolvidas pelos próprios homens, com o objetivo de, muitas vezes, desenvolver um determinado projeto, seja ele coletivo ou individual, ou constranger e limitar projetos que não sejam desejados a esse sujeito ou coletivo. A estrutura é, dessa forma, uma arma de poder nas mãos de determinados sujeitos, capacitando-os ou limitando-os.

A estrutura escravista na África antiga, de acordo com Paul Lovejoy (2006) ou Victor Uchendu (1977), seguia regras muito distintas das que foram utilizadas na escravização moderna durante o período da expansão dos impérios europeus. Havia cinco ou seis formas de escravização no continente e todas ou quase todas eram reversíveis. Isso significa que o sujeito tornava-se escravo, mas a própria estrutura tinha mecanismos que permitiam que viesse a tornar-se livre novamente, fosse pelo tempo, pelo trabalho ou por casamento, no caso das escravas. Essa distinção em relação à estrutura escravista nos faz refletir acerca do tempo histórico das próprias estruturas. Quem diria, em 1789, um dos nossos pontos de referência, lançamento da obra de Gustavus, que a estrutura escravista no Brasil iria permitir a liberdade de crianças nascidas de escravas, ou de escravos idosos. Essa modificação na estrutura se deu

³³ Para um entendimento mais aprofundada desse conceito complexo denominado “estrutura”, Sílvia Petersen e Bárbara Lovato, 2013, p. 245-253.

pela ação de sujeitos, coletivos ou mesmo indivíduos que lutaram para que houvesse essa modificação. Aqui, a estrutura, por mais poderosa que seja, por mais duradoura que seja, que no caso da escravista já tinha mais de duzentos anos, o que equivale a mais ou menos dez ou quinze gerações de pessoas, foi modificada.

1.6.3 Inter-relações

Como já foi dito aqui, é impossível pensar o sujeito de uma forma completamente autônoma sem estar inserido em um mundo social, em um contexto, mundo esse que apresenta a esse sujeito as estruturas capazes de limitar ou ampliar suas oportunidades. Partindo do exemplo que pretendemos analisar, buscaremos encontrar os limites, as margens, as brechas que permitiram que um homem escravizado em África no século XVIII pudesse ter se tornado livre, ascendido socialmente e produzido uma autobiografia de próprio punho que se tornou referência nos debates sobre a abolição da escravidão. Além disso, buscamos revelar quais as subestruturas que podemos encontrar no mundo das gentes do mar, e que, de certa forma, capacitaram esse sujeito a realizar seus feitos.

No período do tráfico internacional de escravos, a grande maioria das estruturas sociais e econômicas existentes restringia violentamente toda e qualquer forma de liberdade por parte dos escravos. Sendo assim, esses sujeitos tiveram de buscar, mais do que quaisquer outros sujeitos, as brechas que permitissem alguma margem de manobra para melhorar sua situação de vida. São essas estruturas constrangedoras os Estados nacionais, o modelo escravista moderno, o comércio internacional, os idiomas utilizados nesse comércio, a religião, a escrita, que em África praticamente não existia e que no mundo atlântico torna-se ponto determinante no controle dos produtos, entre eles os próprios escravizados. Essas estruturas tornam-se barreiras praticamente intransponíveis aos escravizados, principalmente por serem elas estruturas oriundas do mundo ocidental e completamente distintas das estruturas africanas congêneres. Nesse mundo atlântico, era necessário para aqueles que pretendessem transformar sua vida de alguma forma aprender como essas estruturas funcionavam, além, é claro, de buscar formas de se adequar a elas. Pensando teoricamente na abordagem estruturista, seria impossível ultrapassar esses limites.³⁴

³⁴ Essa abordagem estruturista deve ser entendida a partir do que Christopher Lloyd chama de “estruturalismo metodológico”: uma metodologia para abordar a história estrutural. (LLOYD, 1995, p.23)

As estruturas sociais são sistemas emergentes de regras, papéis e relações sociais dentro dos quais nascem as pessoas, e que devem ser coletivamente reproduzidas e ocasionalmente transformadas por agentes humanos, então elas próprias não são agentes.³⁵ (LLOYD, 1995, p.23).

Christopher Lloyd (1995) nos leva a refletir sobre os estudos iniciais da escravidão, já citados aqui, nos quais uma gigantesca população de escravizados trazida ao Novo Mundo não teve qualquer agência sobre suas vidas, o que, com os estudos atuais, sabemos ser um equívoco. Talvez um dos motivos desse equívoco historiográfico, em determinado momento, se deva em parte à ausência de fontes, como a autobiografia de Equiano, que nos permitissem ver que, na verdade, o constrangimento violento do sistema escravista fez com que essas populações buscassem diferentes e inovadoras formas de margear as estruturas ou o sistema dentro delas.³⁶ Esses sujeitos tornaram-se mais “criativos” do que aqueles que não necessitavam buscar as brechas para sobreviver. Dessa forma, teoricamente a mesma estrutura constrangedora torna-se potencializadora, é claro, dentro de certos limites. Essa negociação é na verdade o caminho pelo qual os sujeitos buscam sobreviver ou muitas vezes modificar as estruturas existentes.

Cabe aqui uma reflexão acerca do que se pode ou não transpor dentro dos limites impostos pelas estruturas e pelo sistema, de forma lícita, e as transgressões feitas pelos sujeitos, de formas ilícitas. As contestações e transgressões sociais de forma ilícita podem ocorrer a qualquer momento em qualquer estrutura ou sistema e podem ser produzidas por qualquer sujeito. Não existem limites para esse tipo de ação. Contudo, as transgressões e contestações que buscamos nesse trabalho dizem respeito, muito mais, àquelas brechas que a própria estrutura ou sistema permite aos sujeitos, ou de certa maneira tem de se moldar à força das situações impostas por esses: são aquelas margens passíveis de transposição. Exemplo disso é a situação dos barqueiros escravos ou livres na cidade do Recife durante o século XVIII e XIX. A grande maioria dos homens que trabalhavam na pesca e no transporte de pessoas e víveres na região era escrava ou ex-escrava. Entretanto, era proibido o trabalho a esses sujeitos. Esses homens trabalhavam para outros senhores ou pagavam parte de seu lucro para outros para que fosse permitido sua atividade. A estrutura, ou, nesse caso, o sistema, teve de moldar-se e permitir uma brecha nas relações trabalhistas que permitisse àqueles sujeitos

³⁵ Apud Lloyd, p. 83.

³⁶ Existem diversos relatos de africanos ex-escravos ou mesmo livres. Entretanto, os três relatos citados são de homens que trabalharam na faina marítima e conseguiram, de certa maneira ascender socialmente trabalhando em embarcações, muitas vezes negreiras. A grande particularidade no texto de Olaudah Equiano é que foi escrito por ele mesmo, diferente dos outros que foram trabalhos de reconstituição histórica ou mesmo biografias.

impossibilitados de exercer a atividade em nome das forças sociais que necessitavam do trabalho dos mesmos.³⁷

As teorias econômicas, através das estatísticas, normalmente apresentam os limites, em números, de onde os sujeitos estão inseridos e qual seu campo de possibilidades. A grande falha nessas teorias é desconsiderar a capacidade de superação dos sujeitos. É claro que elas servem como ponto de equilíbrio para mostrar o quanto um determinado grupo de sujeitos é excluído de certos meios, ou outro é incluído. Contudo, deve-se prestar atenção àqueles sujeitos que transcendem as regras e alcançam outros objetivos. Essa quebra de barreiras torna-se tão importante pois serão esses os sujeitos que irão “abrir portas” para outras teorias capazes de apresentar outras realidades a um determinado grupo de sujeitos em questão. Serão eles que irão ampliar o campo de possibilidades que antes podia mostrar-se restrito àquela classe ou grupo social. O economicismo tem grande valia no sentido de mostrar o quanto os determinados grupos estão isolados ou excluídos de certos ambientes, mas não pode de forma alguma, ser o ponto final da reflexão.

Existe uma tensão permanente entre o sujeito e a estrutura que o cerca. Se a estrutura nada mais é do que o conjunto das relações sociais, os constrangimentos gerados por ela são a resposta à ações de outros homens em detrimento de alguns. No caso da escravidão moderna, esse “constrangimento” tornou-se uma das maiores marcas da disparidade entre os seres humanos; disparidade essa que perdura até os dias de hoje e que acabou por marcar para sempre um grupo de seres humanos pela sua diferença de cor.

1.6.4 Subestruturas

As embarcações no período do tráfico internacional de escravos em geral apresentavam regras muito distintas dos outros espaços físicos de trabalho. Analisar esse espaço como sendo uma estrutura distinta, seguindo regras particulares, é uma das proposições desse trabalho. Acreditamos que essa estrutura, o barco, foi um dos capacitadores

³⁷ Para uma análise mais criteriosa dessa realidade no Recife do nordeste antigo ver Luiz Geraldo da Silva (2001).

que propiciaram a Equiano e outros escravizados uma ascensão social ímpar em relação a outros escravos que trabalhavam, em grande parte, nas *plantations* do novo mundo. Um dos motivos para pensar isso se deve à existência de outros relatos de marítimos que tiveram sua vida transformada ou potencializada pela lide marítima. Dois exemplos desses sujeitos são Mohammed Baquaqua e o Alu Rufino³⁸. Os dois ex-escravos tiveram em sua trajetória uma passagem por trabalhos ligados à lide marítima e utilizaram desse espaço para arrecadar fundos que lhes permitisse comprar sua liberdade. Baquaqua optou pela fuga que era outra via de liberdade potencializada aos trabalhadores marítimos, visto que esses possuíam um trânsito intenso e normalmente uma maior facilidade para desaparecer. É provável que existam muitos outros casos similares a esses, contudo acreditamos serem esses dois, Baquaqua e Rufino, os mais próximos da realidade de Olaudah.

Analisando a estrutura das embarcações e suas relações sociais, podemos encontrar pontos de flexibilidade que permitiram a esses homens tornarem-se agentes de sua vida em um período no qual isso era negado à grande parte dos escravizados. As embarcações constituíam um microcosmo no qual o poder de vida e morte estava nas mãos do capitão da embarcação. Sendo assim, se o sujeito fosse um bom marinheiro, tivesse boa conduta e seguisse as regras impostas na embarcação, ele poderia ser agraciado com algumas benesses, fosse qual fosse sua nacionalidade ou cor. Ter um bom homem no mar era difícil em qualquer situação, e em uma estrutura na qual a vida de todos dependia do trabalho bem feito de cada um, algumas contingências sociais podiam ser deixadas de lado em detrimento da sobrevivência. De acordo com Emma Christopher (2006), os negros que trabalhavam nas embarcações eram algumas vezes apenas aceitos no grupo, não conseguindo inserir-se completamente³⁹. Entretanto, esse ser aceito era muito mais do que aqueles que estavam sendo levados como carga. Sendo assim, essa estrutura, a embarcação, seria uma estrutura mais flexível, teoricamente, na qual sujeitos quaisquer poderiam buscar uma melhor condição de vida, independentemente de sua origem. Pensando teoricamente, esse seria o espaço no qual o sujeito teria como ultrapassar certos limites, intransponíveis em terra ou outro local e, dessa forma constituir-se como agente de sua vida. A vida embarcada era brutal, os homens

³⁸ Para a vida de Rufino, (REIS; GOMES; CARCALHO, 2010). Para Baquaqua, (LOVEJOY; LAW, 2003).

³⁹ De acordo com Emma Christopher (2006), as tripulações eram multirraciais, principalmente nos navios negreiros que são o principal objeto de estudo da autora. Para um melhor entendimento da questão, ler o capítulo dois do referido trabalho da autora, intitulado “The multiracial crews of slave ships”.

dependiam uns dos outros a cada dia, e um bom marinheiro com bons conhecimentos náuticos não poderia ser desperdiçado, sendo ele escravo, livre, ou de onde viesse.⁴⁰

Acreditamos, então, que um dos fatores que constituíram o “sucesso” da vida de Olaudah Equiano foi o fato de ele ter conseguido engajar-se na faina marítima. Isso de forma alguma desmerece sua capacidade de agência em sua vida ou desmerece seus feitos como marinheiro. Esse homem, que tinha toda a estrutura escravista de seu período histórico jogando contra sua vida, foi capaz de reverter sua condição e impor o ritmo que desejava a seu futuro. Entretanto, como buscamos nessa análise encontrar fatores visíveis dos limites entre a agência do sujeito e o constrangimento que a estrutura a seu redor lhe impõe, o exemplo de Equiano serve para entendermos essa flexibilização. Talvez outros sujeitos que desfrutaram da mesma situação de Equiano não tenham aproveitado a mesma oportunidade. Isso mostra o quanto a agência depende também do sujeito em questão, suas capacidades de superação, suas capacidades de adaptar-se ao sistema e a estrutura que lhe são impostas. Podemos pensar que nem a agência é ilimitada para o sujeito e nem a estrutura é intransponível completamente. Mas, se formos criteriosos na análise, podemos encontrar os pontos mais flexíveis de tensão, de limite, nos quais essas margens são transpostas, criando novos cenários de vida e mostrando que o homem continua sendo o motor da história.

⁴⁰ Para um maior aprofundamento sobre o cotidiano da vida dos embarcados, ver: OLIVEIRA, Vinicius Pereira. *Sobre áreas revoltas: cultura política maruja na cidade portuária de Rio Grande/RS (1835-1864)*. Tese de Doutorado – UFRGS – a ser publicada no repositório digital da UFRGS. (2013), RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo, Cia das Letras, 2005. REIS, João Jose. *O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (c.1822-c.1853)*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. MERRIEN, Jean. *A vida quotidiana dos marinheiros no tempo do Rei-Sol*. Lisboa; Editora livros do Brasil, S.d. LINEBAUGHT, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Cia das letras, 2008. REDIKER, Marcus, *O navio negreiro, uma história humana*. São Paulo, Cia das letras, 2011. Algumas das obras referem-se a períodos anteriores ao analisado, entretanto, a vida cotidiana a bordo praticamente não se modificou entre o século XVII e XIX.

2 O ATLÂNTICO COMO PORTA DE SAÍDA PARA O MUNDO

2.1 Vida de marinheiro

O mar tem sido, ao longo da história, via de escape para muitos grupos sociais que buscavam uma vida melhor daquela que tinham em seu local de origem. Tem sido também ponto de ligação entre as diversas culturas do planeta e fonte de sobrevivência para populações costeiras ou mesmo do interior dos continentes. O mar faz parte da história dos seres humanos desde tempos remotos, separando e unindo os homens de acordo com a capacidade que esses foram desenvolvendo para domá-lo. Para que isso ocorresse, um grupo especializado de homens aprendeu, aos poucos, a dominar a arte da navegação, do fabrico de embarcações e da marinharia. Essa arte foi sendo transmitida ao longo dos tempos, tornando-se uma sabedoria riquíssima e que até os dias de hoje continua sendo muito mais empírica que acadêmica.

Marinheiros não são formados dentro de universidades, ou mesmo nas academias militares. Marinheiros são “forjados” no mar, no dia a dia, através da experiência e do convívio com os outros marinheiros.

Essa sabedoria, esse conhecimento peculiar, criou um grupo social distinto, com regras e hierarquias rígidas. Aliado a isso surgiu também uma cultura particular, uma cultura marítima que distingue esses homens dos outros, seja pela linguagem ou mesmo pela brutalidade de seu trabalho. Independentemente da língua que falam, da fé que professam, do lugar de onde tenham nascido, identifica-se, em pouco tempo de convívio, quem faz parte de seu grupo e quem não faz. Basta um par de horas no convés da embarcação e já sabem dizer se o marujo novo é ou não é capaz, se sabe ou não os nós necessários para a manutenção da embarcação, se conhece ou não os jargões da lide que permitem que as embarcações cheguem a seu destino.

Em certos momentos da história, esses homens foram muito valiosos, principalmente no período entre os séculos XIV e XIX, no qual o grande meio de ligação entre os continentes eram as embarcações, e no qual os homens se relacionaram de tal forma como nunca havia acontecido até então. Talvez, como diriam alguns, nunca souberam fazer uso dessa sua importância. Viveram, na maioria dos casos, uma vida de agruras, de privação, distantes da família, muitas vezes moribundos pelos portos. Muitos não puderam aproveitar os recursos que as viagens proporcionavam. Em sua grande maioria, seus salários não eram muito superiores aos de seus congêneres de terra. Contudo, as viagens e os deslocamentos

geográficos possibilitavam ganhos extras que os outros não teriam. Além disso, e tão importante quanto, lhes dava a chance de conhecer outros lugares, outras pessoas, outros mundos. A vida marítima abria a esses homens sem cabedal, sem possibilidades, um mundo de experiências e um campo de possibilidades que aos que ficavam em terra seria impensável. O risco da vida no mar era a chance de uma vida melhor, ou no mínimo, a chance de liberdade.

Nesse trabalho, nos propomos a analisar mais precisamente o século XVIII, ou melhor, a segunda metade deste: o período que compreende a vida do sujeito que utilizamos como fonte principal para analisar a vida dos marinheiros no Atlântico desse período, Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa. A trajetória de vida desse homem serviu de fio condutor para estudar esse grupo social específico, sua cultura, suas relações em um período no qual existia um contingente imenso de marinheiros a serviço das marinhas de guerra ou comercial. Trata-se de um período histórico particular no qual as embarcações foram as responsáveis pela transmissão de culturas, pela hibridação dessas e pelo trânsito de todos os tipos de pessoas e mercadorias pelos quatro cantos do Atlântico. Além disso, durante esse período, a escravidão nunca deixa de existir e continua sendo fonte de lucro para uma série de pessoas, sejam esses grandes mercadores ou a arraia miúda, como diz Jaime Rodrigues (2005)⁴¹.

O Atlântico tornou-se, para os homens que conseguiram trabalhar como marinheiros, uma grande porta de saída para o mundo, um grande campo de possibilidades que permitia a homens com pouco ou nenhuma instrução ascensão social ou econômica em um mundo no qual as estruturas eram rígidas e muitas vezes intransponíveis. Fosse esse homem europeu, africano ou mesmo americano, a via marítima proporcionava a aqueles que se sujeitavam ao rigor da vida nas embarcações, à brutalidade dos capitães e ao risco iminente de morte, uma possibilidade de tornarem-se agente de seu destino, e quem sabe ter uma vida melhor em outro mundo, ainda a ser descoberto.

Os marinheiros não tinham um salário muito tentador, o ritmo de trabalho era pesado e as condições de vida no mar, em se tratando de alimentação e conforto, eram demasiadamente insalubres. Mas havia algumas benesses que faziam com que essa profissão se tornasse, para alguns, lucrativa e inspiradora. Uma delas era a possibilidade de fazerem

⁴¹ Jaime Rodrigues é um dos mais respeitados pesquisadores em se tratando dos marítimos, seja no costa do Brasil, na costa africana ou no trânsito destes. A partir de seus trabalhos é possível ver as formas de sobrevivência utilizadas por essas pessoas de baixa extração social e as formas de buscar recursos para sobreviver de uma forma mais digna. Os diversos trabalhos do pesquisador em questão estão listados na bibliografia desse trabalho.

pequenos negócios, ou participar, com um pequeno quinhão, na receita do navio em que trabalhavam. Desde os tempos dos descobrimentos, por volta do século XV na carreira das Índias, que os marinheiros eram arregimentados com a possibilidade de receberem uma quintanada; ou seja, os marinheiros tinham direito a uma certa quantidade da pimenta dos porões que voltavam abarrotados das Índias para venderem quando do retorno da embarcação à Europa⁴². Essa quantia não era tributada pela coroa e o sujeito podia fazer o que bem entendesse com ela. Muitas vezes essas quintanadas rendiam ao marujo um lucro maior do que ele receberia durante toda sua vida trabalhando em sua terra natal. Além do mais, era possível trazer outros pequenos bens que sempre rendiam bons ganhos aos que regressavam daquelas insanas viagens que levavam em torno de cinco meses por trecho. No caso das viagens à América, mais rápidas e tranquilas, os marinheiros negociavam aves, como papagaios, por preços exorbitantes.

Afora a questão financeira, havia ainda a questão da liberdade e do falso romantismo que as viagens ultramarinas inspiravam, através dos relatos de viajantes dos séculos XV, XVI e XVII. “Falso” no sentido de iludir muitos homens com o sonho de enriquecer em um lugar paradisíaco após alguns meses embarcado. Mas o que a maioria encontrou foram doenças como o escorbuto, o tifo, a malária, naufrágios, piratas, e muitos dos que conseguiram chegar ao destino eram mortos pelos povos ancestrais, ou mesmo devorados⁴³. Centenas de homens buscaram nos conveses das embarcações o paraíso mítico e o que encontraram foi o mar mais traiçoeiro de todos. Apesar do Atlântico não ser o maior dos oceanos, seu ritmo de ventos e correntes é de difícil entendimento e as tempestades são muito perigosas. Existem teorias que dizem que os chineses comandados pelo Almirante Zheng-He teriam chegado ao continente americano antes dos europeus, pois esses haviam navegado da China até a África oriental em gigantescas embarcações, em viagens que duravam anos, durante os primeiros anos do século XIII⁴⁴. Entretanto, sabemos hoje que isso teria sido impossível, pois o que permitiu aos chineses chegar e retornar à costa da África foi o domínio das monções, que funcionam em um sistema de ir e vir de acordo com as estações do ano no oceano Índico, o que é

⁴² Para um melhor entendimento dessas questões relativas aos marinheiros dos séculos XV e XVI, os autores que utilizamos foram: Fábio Ramos (2000; 2008) e Paulo Miceli (2008).

⁴³ Novamente aqui se faz necessário buscar o entendimento da vida nas embarcações do período nos textos de autores como os citados acima. Além desses, utilizamos também reflexões utilizando fontes bem mais conhecidas, como: Michel Mollat (1983), José Luís Martínez (2001). Jean Merrien (s/d). Leila Perrone-Moises (1992) Antônio Pigafetta (2007).

⁴⁴ Em relação às navegações do comandante Zheng-He, os trabalhos que consideramos mais importantes de serem citados são do pesquisador Jose Malhão Pereira (2006). A maioria de seus trabalhos encontra-se disponível no site da Universidade de Lisboa, no endereço eletrônico: http://chcul.fc.ul.pt/membros/jose_pereira.htm. Acesso em 10/03/2015.

completamente diferente no Atlântico e que tornou tão longo e difícil o aprendizado dos marinheiros que navegavam nessa região do mundo. Era fácil ir até um certo ponto, mas quase impossível retornar.

No período aprofundado para esse trabalho, o século XVIII, grande parte do Atlântico já estava mapeado e haviam cartas náuticas bem detalhadas da grande maioria dos portos da África, América e Europa. Entretanto, eram poucos os que tinham acesso a essas cartas, e os instrumentos necessários para tornar as viagens mais seguras não eram baratos (LINEBAUGHT; REDIKER, 2008). O que favorecia para mais ou para menos, na maioria das vezes, a sorte das embarcações, era possuir mestres, pilotos e marinheiros qualificados e conhecedores do Atlântico. No período anterior ao que estudamos, muitas vezes esses cargos importantes para o bom andamento das embarcações eram comprados por homens que não tinham conhecimento algum do mar, mas que buscavam o comércio, ou mesmo a aventura, o que causou muitos acidentes e naufrágios. Conhecer a arte da navegação, familiarizar-se com o linguajar, com os cabos, com as velas foi um dos pontos determinantes na constituição das Gentes do Mar, e entre eles os marinheiros.

Dentre os diversos tipos de marinheiros que tiveram no atlântico sua via de escape, o grupo que buscamos analisar mais a fundo foi o de escravos marinheiros, ou marinheiros que foram escravos e compraram sua liberdade trabalhando no mar; ou mesmo aqueles que continuaram trabalhando como marinheiros mesmo sendo escravos. De acordo com Luiz Geraldo Silva (2001), na península Ibérica já era comum os africanos trabalharem na lide marítima, e isso acabou se transferindo para outros lugares⁴⁵. No caso de Olaudah Equiano, o que aconteceu foi que, por sorte do destino, ele acabou sendo comprado por um capitão de embarcação e assim tornou-se escravo desse homem, a partir daí passando a viver embarcado.

A partir da leitura da autobiografia de Vassa é possível refletir sobre algumas questões em relação aos escravos marinheiros nas naves inglesas do século XVIII. Acreditamos que, como ele, existiam muitos escravos trabalhando nas embarcações inglesas. Na própria fala de Equiano, em diversas passagens esse se vê envolvido com negócios nos quais outros como ele também estavam tentando ganhar algum dinheiro, quem sabe até para comprar a liberdade. As naves de guerra eram abarrotadas de homens, muitos deles escravos. De acordo com Peter Linebaught (1983), em algum momento do século XVIII, grande parte dos marinheiros da

⁴⁵ Luiz Geraldo (2001) traça em sua obra um perfil desses homens ligados à lide marítima, desde os primeiros contatos entre os indígenas, portugueses e africanos trazidos para trabalhar no novo mundo. Esta obra, que foi fruto de sua Tese de Doutorado, é rica em reflexões acerca de como os africanos foram sendo introduzidos na faina marítima.

Marinha Inglesa era composta por africanos, fossem eles libertos ou escravizados⁴⁶. Equiano pertencia a um tenente, Michael Henry Pascal, tenente da armada britânica, mas que também trabalhava em alguns momentos na marinha mercante, o que era comum no período. Ao longo de sua trajetória, foi ascendendo de patente e carregando junto consigo seu escravo. Se um tenente tinha o direito de ter um escravo seu a bordo, é provável que a maioria dos oficiais também pudesse, o que não quer dizer que todos tivessem. Entretanto, nesse momento histórico, existem registros que corroboram com isso. Afora o contexto da Marinha de Guerra, à qual Olaudah fez parte no início de sua vida marítima, muitos homens do mar tinham consigo escravos marinheiros. Essa era uma forma de receber mais de um salário quando levavam seu escravo trabalhando. É claro que o ganho do escravo nunca seria o mesmo de um homem branco na mesma função. Mas dessa forma era possível ao dono angariar algum fundo maior, com uma parte ficando com o escravo, que dessa forma podia acumular algum capital, como foi o caso de Equiano.

Nessa primeira fase de sua vida como grumete, ou ajudante, Olaudah não recebia salário, mas a vida embarcado foi tornando-se atrativa ao menino africano que sonhava em tornar-se livre. Equiano, assim como muitos africanos, ficava fascinado pela bússola e pelo astrolábio. Como esses homens brancos usavam aqueles utensílios? Seria mágica! Posteriormente descobre e aprende a usar os utensílios de navegação. Além do mais, Equiano faz amizade com um menino pouco mais velho que está embarcado com o objetivo de aprender a navegação. Esse novo amigo torna-se quase um irmão para o pequeno africano, ensinando-lhe rudimentos da língua, da escrita e auxiliando o menino a conhecer esse novo mundo. Os dois tornam-se o que Marcus Rediker (2011) vai chamar de “companheiros de bordo”, um termo que desenvolveremos mais em outro tópico do trabalho, pois consideramos de grande importância para tentar entender como esse mundo brutal do mar permitiu a alguns homens ultrapassar certos limites impostos pelas estruturas da época.

Durante seus primeiros anos embarcado a serviço de seu dono, Olaudah participou do conflito conhecido como Guerra dos Sete Anos. Esse conflito envolveu Inglaterra e França e seus aliados e perdurou entre 1756 a 1763, precedendo a Independência dos Estados Unidos. Grande parte das batalhas foram travadas em território que hoje compreende o Canadá. Um dos objetivos da guerra era o controle do comércio marítimo das colônias das Índias e da

⁴⁶ De acordo com o autor, estima-se que, ao final do século XVIII, um quarto dos componentes da Marinha Real Inglesa consistia de homens de origem africana, o que não seria de estranhar visto a necessidade que a Inglaterra tinha de mão de obra nas navas e a dificuldade de conseguir homens que se sujeitassem ao rigor do trabalho. Para os africanos, era provavelmente um lugar no qual poderiam ter uma vida melhor do que nas *plantations*, um dos argumentos que buscamos reforçar nesse trabalho.

América do norte. Essa fase da guerra é muitas vezes denominada Guerra Franco-Indígena, pois os ingleses lutavam ao lado de seus colonos norte-americanos e os franceses ao lado de alguns grupos indígenas da América do Norte. Uma peculiaridade dessas batalhas é a descrição que Equiano faz de um embate no qual morrem índios e marinheiros, homens que o menino tivera contato direto a bordo das embarcações, e a sua descrição da “cabeleira de um rei índio na mão de um soldado”. Por essa época, Equiano tinha mais ou menos doze anos. Qualquer guerra deve parecer assustadora aos olhos de um menino tão novo. Contudo, se refletirmos sobre a quantidade e diversidade de experiências violentas que esse jovem africano já havia experimentado ao longo de sua curta vida, esse é um dos primeiros momentos e dos raros no qual Equiano encontra-se do lado que vence a batalha, por mais que pensemos não existir tal lado. A Inglaterra saiu vitoriosa dessa curta guerra, que já foi nomeada como o primeiro conflito mundial por redes comerciais e que iria ter continuidade nas duas grandes guerras do século XX. Estando do lado que ganhou, tanto seu dono como os próprios escravos vencedores tiveram direito a seu butim, ou seja, pegar aquilo que pudessem carregar daqueles derrotados. Fossem eles franceses ou mesmo os indígenas norte-americanos. Nas palavras do autor:

Teria eu aquele dia na mão a cabeleira de um rei índio que havia morrido nesse combate: a cabeleira havia sido arrancada por um combatente escocês. Também vi os adornos desse rei que eram muito singulares e eram feitos de plumas [...].

A esse bom menino e a mim nos fazia muito felizes nos vemos com frequência, até ao menos o mês de março de 1761, quando nosso barco recebeu de equipar-se de novo para uma nova expedição. Uma vez prontos, nos unimos a uma imensa frota em Spithead. Estávamos sob o comando do comandante Keppel e seu objetivo era atacar Belle Isle. Nos acompanhavam vários barcos de transporte que transportavam as tropas e iam desembarcá-las no lugar. Assim, zarpamos mais uma vez em busca da fama. Ansiava envolver-me em novas aventuras e presenciar novas maravilhas. (EQUIANO, 1999, p.80; 93).

Durante os períodos de guerra, os marinheiros em geral eram arregimentados, muitas vezes à força, para trabalhar nas embarcações. No caso do Brasil, de acordo com Amaral da Lapa (1968), quando as naves da Carreira da Índia aportavam no porto de Salvador, todos os marujos e barqueiros da Baía de Todos os Santos desapareciam pelas pequenas comunidades com medo de serem embarcados à força para uma viagem que muitos sabiam ser só de ida. No caso da Marinha Inglesa, a lei era clara. Os homens podiam ser solicitados para trabalhar nas naves de guerra. Como o serviço de marinheiro era bastante especializado, aqueles que não quisessem embarcar tinham de desaparecer. Contudo, ao que consta, isso não ocorria. Os

marujos, como de costume, embebedavam-se nos bordéis e tavernas do porto e, quando as guarnições saíam em busca de voluntários, bastava carregá-los bêbados e desacordados para dentro das naves que, quando acordassem, estariam em alto mar e teriam de submeter-se à lei do Capitão.

De acordo com Equiano, algumas naves de guerra do período eram como cidades, como é o caso do *Royal George*, com canhões de bronze e que podia ter até 800 tripulantes embarcados, e no qual havia até uma escola dentro da embarcação. Nas palavras do autor:

O Royal George era o maior barco que havia visto. Assim, quando embarquei me surpreendeu a grande quantidade de pessoas, homens, mulheres e crianças de todo tipo que iam a bordo, assim como o tamanho dos canhões, muitos deles de bronze, que via pela primeira vez. (EQUIANO, 1999, p.79).

Milhares de pequenos comércios eram realizados ali, permitindo a essa *arráia Miuda* um mundo de negociações. Trabalhar numa embarcação dessas deve ter sido uma experiência incrível para um menino que nunca tinha saído de sua aldeia. Homens de diversos lugares do mundo, falando uma infinidade de línguas em um lugar completamente distinto daquele em que Olaudah havia crescido.

Apesar de parecer assustador em um primeiro momento, o pequeno menino foi se adaptando ao ritmo das marés e, como seu dono o tratava com muito cuidado, às vezes o menino esquecia sua condição de escravo. Equiano tinha amigos, comida, alguém que cuidava dele com afinco. Isso tudo para um menino em sua condição desviava sua atenção da condição em que se encontrava dentro daquela estrutura. A vida a bordo não era das piores se comparada à vida dos escravos nas *plantations* do novo mundo, bem ao contrário. Os escravos participavam de toda a faina do barco, tal e qual qualquer tripulante. É claro, não recebiam o soldo igualmente e também, como afirma Jaime Rodrigues (1999), é bem provável que as punições fossem mais severas com os negros. Contudo, naquele ambiente hostil, brutal, de muitas privações, havia regras e costumes que permitiam que aquela estrutura social fosse favorável a um escravo marinho. Na embarcação, os homens dependem a cada momento um do outro. São infinitos os casos citados nas fontes desde o século XVI de homens que, por um descuido, caem da amurada e desaparecem no mar. Os acidentes são frequentes, as febres também, e dessa forma, aquele companheiro que pode ser um espanhol, um português, um inglês, ou mesmo um africano, escravo ou liberto, pode ser o homem que vai salvar a vida de seu companheiro de bordo. Conforme Rediker e Linebaugh (2008), a vida a bordo podia ser coletivista, igualitária e antiautoritária, em alguns momentos, é claro.

Após o término dos conflitos, grande parte das tripulações que foram arregimentadas para trabalhar nas embarcações acabou por continuar trabalhando no mar em barcos de comercio. Muitos deles em embarcações negreiras, já que nessa época a escravidão está ainda a plenos vapores. Muitos marinheiros ingleses não gostavam de navegar na costa africana, por causa das doenças tropicais, tão disseminadas nas histórias de viagem dos séculos anteriores⁴⁷. Os índices de morte de marujos por febres na costa africana eram enormes, além, é claro, do risco em relação à violência de sua carga. Não foram poucas as revoltas, os motins a bordo dessas embarcações, nas quais toda a tripulação foi morta. O caso mais famoso talvez seja da embarcação *Amistad*, na qual quase toda tripulação foi morta e os escravos, sem saber como manobrar a embarcação, foram aportar na costa dos EUA⁴⁸. Sendo assim as tripulações que trabalhavam nas embarcações negreiras eram ainda mais especializadas e provavelmente cobravam mais por isso. Além, é claro, de poderem negociar artigos diretamente com as populações africanas responsáveis pelos cativos na costa do continente. Equiano trabalhou com embarcações de cativos, mas não na costa africana, e sim na costa americana. Os cativos vindos da África desembarcavam e eram transportados a outros portos. Muitas vezes o autor foi com seu patrão buscar uma “carga” de escravos para o trabalho. Equiano sempre se refere com muito pesar a essas situações. Não devia ser fácil para um homem que havia sido escravo, ou, mesmo quando ainda era escravo, tratar como carga seus conterrâneos. Apesar de que a ideia de uma África e de africanos como um só povo ainda não existisse, isso é importante ser colocado.

Levar e trazer produtos de um ponto a outro, fosse no continente americano ou europeu, era um dos grandes trabalhos dos marítimos. Posteriormente, quando já possuía um maior cabedal de conhecimento marítimo e de trato com as pessoas, Olaudah conseguiu um trabalho como camareiro em um barco de passageiros, outra ótima ocupação para os marujos. Nesse trânsito do Atlântico, era possível ir comprando e vendendo produtos aqui e ali, algo que Equiano aprendeu nos navios de guerra. Comprava frutas em uma ilha e vendia em outra por um preço maior, dessa forma arrecadando capital para comprar sua liberdade. Não eram só alimentos que eram negociados, havendo também produtos como vasos e outras quinilharias.

⁴⁷ A questão das diversas doenças transmitidas na costa da África era assunto comum nas narrativas de viagem desde o século XVI. Para um entendimento melhor, ver Fábio Ramos (1997; 2000).

⁴⁸ O caso do *Amistad* tornou-se emblemático, pois o governo norte-americano não devolveu a embarcação à Espanha e os escravos que sobreviveram a batalha judicial foram enviados novamente ao continente africano. Sobre o assunto, existe um filme produzido em 1997 por Steven Spielberg, e recentemente o autor Marcus Rediker redigiu uma obra acerca do assunto que ainda não possui tradução para o português. REDIKER, Marcus. *The Amistad Rebellion: An Atlantic odyssey of slavery and freedom*. Viking Penguin, USA; 2012.

Nesse mundo do Atlântico e das embarcações, a religiosidade era ponto determinante. Apesar dos marinheiros terem a fama de bêbados, desordeiros, ladrões e diversas outras alcunhas pejorativas, sempre foram muito religiosos. Desde os tempos das grandes navegações ibéricas, a proteção divina era requisitada para salvaguardar as embarcações e as almas de seus marujos. Não seria diferente com os africanos embarcados. Desde os primeiros momentos que subiu ao barco, Equiano foi tendo contato com a Bíblia. No caso das embarcações inglesas, o protestantismo já havia se instaurado e, como o trânsito desse jovem marujo se deu pelo mundo anglo-saxão, não é de estranhar que tenha sido essa sua opção. Entretanto, como Equiano teve a possibilidade de transitar por diversos portos do planeta, pôde conhecer e visitar as igrejas na Espanha, França e também na Turquia.

Durante a vida como marujo e já como homem livre, em determinado momento o jovem marinheiro deseja conhecer a Turquia e embarca para os confins do Mediterrâneo com o objetivo de visitar a terra dos mouros. Nesse período histórico era comum referir-se a qualquer tipo de muçulmano como turco. Olaudah teve o prazer de visitar as mesquitas e conhecer os hábitos e as crenças do Islamismo, mas já havia se tornado um servo de Cristo.

Desde os primeiros momentos em que teve contato com a Bíblia, o jovem marinheiro buscou conhecê-la mais e mais. Procurou até o fim de sua vida tornar-se pastor para poder retornar à África e transmitir a palavra do senhor a seus conterrâneos, o que não conseguiu. A vida dos homens a bordo, como já dissemos, era permeada por incidentes diários, mudanças bruscas no clima, doenças, e sempre que conseguiam salvar-se dessas situações limite, alguns acreditavam ser a providência divina. Fossem cristãos, anglicanos, calvinistas, ou mesmo maometanos. A religião até hoje faz parte da vida das gentes do mar, de forma um tanto quanto distinta dos da terra.

Gustavus sempre ficou muito incomodado com a vida lasciva dos marujos, com os palavrões a bordo, com a bebedeira, com a questão de não poder honrar as festas santas nas embarcações, ou mesmo pelo trabalho dominical. Em algum momento chegou a buscar outra vida longe do convés dos barcos, mas a vida aventureira e a boa remuneração fizeram o marinheiro voltar a singrar o Atlântico. De alguma forma aqueles homens tinham sua fé em deus e seguiam algumas das regras do evangelho. É claro, nada comparado aos cristãos em terra.

Os pontos principais de contato entre as embarcações no Atlântico eram a Europa, no caso de Olaudah, Londres, as ilhas da América Central e a América do Norte. A África era de domínio quase total das embarcações negreiras. Esse vasto território permitia a um homem que tinha sido escravizado quando pequeno conhecer uma infinidade de pessoas, de lugares,

de situações, algo que a maioria das pessoas, mesmo aquelas que houvessem nascido livres, não tinha. Viajar nesse período era algo dispendioso e muitas vezes perigoso. Equiano acabou por tornar-se marinheiro de 1ª classe, o que equivalia a ganhar 36 xelins mensais e mais o que conseguisse arrecadar com seu pequeno comércio. A aventura da vida no mar, apesar de seus riscos, acabou por tornar-se a grande porta de saída desse escravo para o mundo livre. Olaudah viveu por volta de 10 anos como escravo, sofreu todas as brutalidades que a escravidão no mundo Atlântico pode proporcionar, mas conseguiu, como marinheiro, libertar-se e viver a maior parte de sua vida como homem livre. Provavelmente muitos outros escravos singraram esse caminho. Os registros são poucos, ainda mais nesse século. Posteriormente, teremos mais relatos, como o de Mahhommed Baquaqua, ou mesmo do alufá Rufino. O que nos interessa é apresentar, a partir do relato desse homem, o “campo de possibilidades” que permitiu a esse sujeito ultrapassar uma séria de estruturas rígidas e brutais que a escravidão impunha.

2.2 Filhos do mar: os africanos na lide marítima do Atlântico

No tópico trabalhado acima, buscamos, através das experiências do jovem Olaudah Equiano, apresentar o mundo dos marinheiros no Atlântico do século XVIII. Apesar de buscarmos essa especificação em relação ao período (século XVIII), temos a clareza de que, por mais que tenha havido uma mudança nas condições de navegação, no fabrico das embarcações, no conhecimento das correntes, dos ventos, na evolução dos portulanos e das cartas náuticas, a forma de viver e as condições de vida dos homens embarcados nas nave que cruzavam o Atlântico desde o período das grandes navegações não sofreu grandes transformações. O que ocorreu foi uma diminuição nas distâncias, pelo aumento da velocidade das embarcações e alguns outros avanços tecnológicos que permitiram aos donos das embarcações e seus capitães terem um maior controle sobre sua carga e sobre suas embarcações. No que tange a qualidade de vida dos embarcados e seu trabalho diário, tudo continuou praticamente igual até o século XIX, quando começaram a surgir embarcações híbridas, com velas e rudimentares motores a vapor.

Os marinheiros, fossem eles livres ou escravos, labutaram em uma rotina muito similar por mais ou menos 300 anos. Viviam no convés e na cobertura inferior do navio, dormiam em

redes ou onde melhor lhes conviesse, cuidavam da manutenção das vergas, do velame e da carga, fosse ela de escravos ou não. Trabalhavam em turnos de 06 horas em geral, conhecidos por “quartos”, sendo as vinte e quatro horas do dia divididas por turnos de quatro horas, criando seis quartos, e se alimentavam na grande maioria das vezes no convés da embarcação. Essa rotina era normalmente bastante pesada e fazia com que cada marinheiro embarcado fosse arregimentado para o trabalho, independentemente de sua cor ou nacionalidade. As doenças atacavam a todos e não era diferente com negros ou brancos.

Equiano, em seus primeiros anos de convés, contraiu ao menos duas doenças bem comuns entre os marinheiros: frieiras e varíola. Ao longo da vida, sofreu outros males ligados ao trabalho pesado da embarcação, mas quase perdeu a perna por causa das frieiras. É certo que os africanos seriam mais resistentes às doenças da costa ocidental africana pela convivência com essas doenças desde a infância, e, sendo assim, poderiam constituir-se como importantes peças de trabalho para as embarcações negreiras. São poucos os relatos que conhecemos acerca desses trabalhadores, visto que, por um longo período do século XIX, essas embarcações trabalharam à margem da lei. Anteriormente a isso são pouquíssimos os relatos como o de Gustavus, no qual um homem negro descreve sua vida embarcado.

Contudo, a partir desse raciocínio, acreditamos que muitos capitães que se aventurassem no tráfico negreiro teriam a necessidade de ter marinheiros africanos a seu serviço. Além do mais, as populações costeiras da África, como os Bijagós e os Kru, os Fante, os Cabinda e os Muxilundas, eram conhecidos por sua capacidade de reconhecer os baixios, as correntes e os métodos de navegação costeira, além dos caminhos que os rios percorriam continente adentro. Além desses, de acordo com RODRIGUES (2011), os cabo-verdianos eram famosos desde o século XVI pelo comércio com a Guiné. Também os Vili de Loango eram famosos pelo fabrico de embarcações, manejo de barcos pesqueiros e pelo deslocamento costeiro.

Somente aqui, nesse curto parágrafo, podemos em poucos exemplos enumerar uma série de grupos africanos que serviram aos europeus prestando suporte marítimo nas costas do continente. Além desses, existiram muitas outras comunidades, principalmente na costa oriental, que faziam outro tipo de comércio já citado aqui, através das monções com a costa indiana e os povos da Ásia. Basta olhar o mapa da África e ver a proximidade de Moçambique com Madagascar para refletir sobre a navegação entre a ilha e o continente, que possivelmente existia muito antes dos europeus. Os portugueses colonizaram Moçambique até o século XX, e muitos marinheiros a serviço das nave lusitanas transitaram pelos mares da costa oriental africana no ir e vir às colônias nas Índias, grande parte deles provavelmente

africanos. Conforme RODRIGUES (2005), de 2.000 marinheiros de navios negreiros entre 1780 e 1863, 17,5% eram africanos de diversas regiões, o que equivale a 346 homens.

As embarcações negreiras ficavam ancoradas por meses a fio, aguardando a carga e as negociações. Aos que imaginam que os europeus eram senhores absolutos do continente durante esse período, essa é uma informação equivocada. Se pudéssemos ter uma visão de um satélite naqueles tempos, o que veríamos possivelmente seria um grande movimento costeiro, com embarcações aguardando as negociações, que poderiam durar meses, com os chefes africanos. Além disso, poderia se ver uma pequena parcela de homens brancos, que provavelmente não se aventuravam mais que algumas léguas adentro do continente negociando em barracões às margens do Atlântico.

Nesse espaço, muitos africanos devem ter ido a bordo das embarcações europeias em busca de novos conhecimentos náuticos que vinham com os estrangeiros. Conforme Rediker (2011), da folha de pagamento do navio *Hawk* numa viagem de Liverpool para a Costa do Ouro em 1780 constavam cinco nomes de marinheiros da etnia Fante. Todos receberam salários e alguns receberam adiantamento ainda na costa africana, em ouro. Grande parte dos marinheiros ingleses não queria trabalhar no tráfico negreiro e, sendo assim, havia vagas disponíveis aos africanos que buscassem engajar-se nessa labuta e pudessem suportar a situação limite de ter de servir de carcereiro a outros africanos, mesmo que fossem de outras culturas.

Cabe aqui uma importante reflexão: no que tange ao entendimento acerca dos “africanos”, os povos do continente, como já foi citado aqui, não se identificavam como um grupo único. A ideia de união entre os africanos vai se dar a partir da saída da África. Dessa forma, não havia qualquer problema moral para homens negros trabalharem carregando negros africanos como carga. De acordo com Emma Christopher (2006), a questão da raça e da racialização entre os africanos foi sendo construída a partir da criação de uma unificação africana.⁴⁹

Os salários pagos aos marujos das embarcações negreiras eram relativamente bons em se tratando de uma classe de trabalhadores de baixa remuneração. Variavam em torno de US\$ 1.500,00 dólares, dependendo da ocupação do sujeito e de sua experiência. Além disso, havia a chance de fazer pequenos negócios que iriam compor melhor seu rendimento, o que aconteceu ao longo da vida de Equiano. Muitas vezes a viagem podia não render um bom lucro ou o soldo não ser dos melhores, contudo, algumas ilhas centro-americanas permitiam

⁴⁹ CHRISTOPHER, Emma, 2006, p.14.

que o marujo fizesse ótimos negócios com frutas e outras bugigangas como água de colônia, brincos, aguardente, fazendas e fumo. Dessa feita, muitas vezes era mais importante ao sujeito transitar por bons lugares de comércio do que fazer longas e difíceis travessias por um salário melhor.

Um caso já bastante conhecido é o de Rufino (REIS, GOMES, CARVALHO, 2010), africano escravizado que tornou-se livre no Brasil e em algum momento da vida passou a trabalhar como cozinheiro de um embarcação negreira. Entretanto, nessa mesma embarcação não havia apenas Rufino como africano embarcado. O outro africano embarcado era Duarte Martins Pereira (ou da Costa). Ambos eram não só tripulantes, mas donos de parte da carga da embarcação. Rufino era parte da tripulação e tinha seu soldo, também vendia doces e transitava seu pequeno comércio entre as margens do Atlântico. Outro exemplo é o de Vicente Francisco Camacho, morador de Salvador na Bahia e que trabalhava de barbeiro e sangrador na escuna vencedora na carreira da África, natural da Costa da Mina. Apenas para finalizar as exemplificações, os estudos de Carlos da Silva Jr (2011) mostram que os africanos controlavam as profissões marítimas em Salvador, na região do Recôncavo, no final do século XVIII. Grande parte dos negros que trabalhava como marinheiro, pescador, mergulhador, barqueiro era nascida na África, e outros mais seriam crioulos.

O trabalho de marinharia era serviço de gente negra, fossem livres ou escravos. Seriam diversos os exemplos desses. O que consideramos mais importante de apresentar sobre esses sujeitos é dar-lhes nome, identidade, torná-los sujeitos vivos, aparentes, e não apenas “os africanos” que trabalharam na faina marítima do Atlântico. De acordo com Rodrigues (2013), no sul e sudeste do Brasil também os africanos se caracterizavam pela lide marítima. No Rio Grande do Sul, no Paraná e no Rio de Janeiro, estudos recentes comprovam a quantidade de negros trabalhando nas lides do mar.

Ao que podemos inferir, o trabalho marítimo ou embarcado, fosse de longo curso ou não, era uma atividade realizada por homens das classes mais baixas ou escravizados. A necessidade de mão de obra para as embarcações, não só no Brasil como nas ilhas centro-americanas produtoras de açúcar, na América do Norte produtora do tabaco e mesmo na Europa, no trânsito de pessoas e de produtos, foi amplamente espaço de alargamento das estruturas, permitindo aos subalternos formas de liberdade e sobrevivência. No caso dos africanos, mostrou-se o que buscamos argumentar: um grande “campo de Possibilidades” para manutenção do que Jaime Rodrigues (2011) nomeia de “construção de liberdade/autonomia” permitindo a esses homens trânsito livre e dignidade laboral muito distinto da grande maioria dos escravizados nas *plantations*.

Não podemos aqui imaginar que a vida do marinheiro como um “mar” de tranquilidade e liberdade para os africanos ou afro-americanos. Alguns pesquisadores como Daniel Vickers (1989) consideram que as regras seguidas pelos marujos dos veleiros tornavam sua vida tão brutal e controlada quanto a vida dos escravos nos *plantations* do novo mundo. Realmente acreditamos que a brutalidade de ambas as situações eram similares. Contudo, pensamos que a mobilidade geográfica que a vida embarcada permitia tornava a vida dos marinheiros africanos um campo de possibilidades mais promissor ao caminho da liberdade. Além disso, havia a questão dos pequenos negócios, nos quais seria possível angariar fundos para a compra da liberdade, o que no caso dos *plantations* era quase impossível.

Não se busca aqui idealizar a vida no mar como um paraíso para os africanos, nem de tomar a vida nas *plantations* como o verdadeiro inferno, mas de mostrar quais elementos dessa subestrutura que era o navio permitiam uma maior mobilidade social ao africano, livre ou escravo.

A empresa do tráfico era poderosa e rendia lucros até aos pequenos marinheiros. Equiano, não fugiu à regra. Como seu texto é escrito no contexto da abolição e ele mesmo tornou-se figura marcante no movimento abolicionista, essa sua passagem pelo tráfico aparece um tanto quanto “apagada” em sua autobiografia. É importante refletir que seu livro tinha objetivos diretos e explícitos: apresentar ao público leitor da Inglaterra o quanto a escravidão era aterradora e pernicioso, coisa que seu trabalho fez com muito louvor. Mas, para nós que buscamos o relato dos africanos no mundo marítimo, é importante ver o quanto essa empresa marítima do tráfico era forte durante o período. Além disso, como diz João Azevedo Fernandes (2011), o caso de Equiano como escravo, marinheiro, traficante e abolicionista é exemplar e deve ser analisado em seu conjunto. Revela as forças das estruturas, que fizeram com que muitos africanos viessem a trabalhar na labuta das naves negreiras, pois era o melhor trabalho que a estrutura lhes permitia, novamente retornando à dialética entre a agência do sujeito e as limitações impostas pelas estruturas.

Um bom marinheiro que fosse africano, familiarizado com os jeitos e falas dos escravizados seria uma ótima aquisição a um navio que levasse carga humana. Dessa forma, é provável que os capitães buscassem pagar melhores soldos a esses homens ou dar-lhes regalias que não eram dadas a outros marujos.

Equiano não omitiu em sua autobiografia que levava e trazia escravos nas embarcação do Dr. King, nem que foi ele quem selecionou a carga diversas vezes. Nem mesmo que foi o capataz de uma fazenda de açúcar na Costa dos Mosquitos, e que cuidava com muito zelo de

seus “compatriotas”. Esse período da vida do autor é tratado com muito cuidado e parcimônia em sua obra, visto que não há outra forma de fazê-lo. Durante um determinado período, Equiano foi responsável por cuidar dos escravos que trabalhavam na fazenda, como um tipo de feitor. Não haveria motivos para que duvidássemos da verdade nas palavras dele, visto que lutou ativamente contra a escravidão ao final da vida. Conforme Philippe Lejeune (2008), a partir do momento que trabalhamos com uma autobiografia, é preciso que se confie no que o autor está escrevendo. É claro que, para o historiador, é necessário fazer as devidas ligações e conexões com outras fontes e bibliografia para descobrir “de que maneira” aquela verdade está sendo escrita. Mas a reflexão que mais nos importa é a de que esses homens foram encaminhados a trabalhar no mar por força das estruturas, para seu bem ou não. E que dentro dessa faina, o lugar onde eles teriam um melhor rendimento e fossem mais bem empregados deveria ser nos tumbeiros.

Desse contato não se pode imaginar que não tenha existido uma grande hibridação entre as culturas marítimas desses povos. Não só as tecnologias europeias foram sendo incorporadas aos conhecimentos africanos, como o inverso também aconteceu. De acordo com Paul Gilroy (2001), o convés das embarcações foi o maior transmissor da cultura negra antes do disco de vinil. Foi nesses espaços que os próprios africanos passaram a se conhecer. Residentes de um continente com mais de 30.000.000 km², os africanos não conheciam grande parte das populações que viviam em regiões mais distantes que alguns dias de caminhada de sua comunidade. O próprio Equiano, quando é sequestrado de sua vila, não reconhece os lugares para onde é levado. Não conhecia o mar e nunca tinha visto homens brancos. Mas, ao chegar ao litoral, a língua falada ainda era similar a sua, pois os Igbo e as comunidades ao redor possuíam uma raiz linguística muito próxima.

Em diversos momentos de sua narrativa, Olaudah se refere a homens negros que, como ele, trabalhavam em embarcações. Alguns tornam-se seus parceiros de comércio, principalmente nas ilhas centro-americanas. Alguns desses homens conseguiram comprar sua liberdade, tal qual Vassa, e outros ainda trabalhavam como escravos de ganho. Luiz Geraldo da Silva (2001), em seu livro “A faina, a festa e o rito: uma etnografia histórica das gentes do mar”, traça um panorama extremamente interessante sobre os negros que trabalhavam nas lides, não só do mar, mas também dos rios no nordeste do Brasil. A cidade de Recife é o foco de análise do autor. Era conhecida como a Veneza brasileira pela quantidade de rios e córregos que cruzavam a cidade no passado, tornando esse espaço um verdadeiro arcabouço de homens ou gentes do mar, entre pescadores, remadores, construtores de balsas e pequenas jangadas, marinheiros de cabotagem, marinheiros de longa distância, provedores de gêneros

para as viagens, uma infinidade de pequenos trabalhos ligados a essa vida marítima e que tinham muitas vezes nos negros escravos seu maior contingente de mão de obra. Se a costa brasileira era o ponto final de recebimento das cargas de escravos, no qual havia toda essa movimentação, porque deveria ser diferente na costa africana, ou nas ilhas centro-americanas e da América do Norte?

Pensamos que centenas de africanos foram incorporados ao trabalho marítimo no período do tráfico internacional de escravos por alguns motivos especiais. Motivos esses que corroboram com a ideia de que essa faina marítima seria uma forma de distender o rigor da estrutura escravocrata em favor desses homens, encontrando uma brecha na qual os escravos pudessem de alguma forma buscar sua liberdade. Dentre os fatores que corroboram com essa ideia está a questão da mobilidade geográfica. Homens que tivessem a capacidade de deslocar-se de um ponto a outro através de embarcações, fossem elas de pequeno, médio ou grande porte, como no caso de Equiano, teriam facilidade para fugir para outros lugares, caso sua situação de vida se tornasse violenta ou insustentável. Não só utilizando a via de fuga como porta de saída da escravidão, esses homens podiam utilizar-se desse ofício para trabalhar e arrecadar dinheiro para comprar sua liberdade. Aos donos desses escravos, essa seria uma ótima opção. Grande parte dos escravos que trabalhavam nas *plantations* tinham apenas um dia para trabalhar em sua lavoura e produzir os gêneros necessários para alimentar sua família, o que não era o suficiente.

Na navegação de longo curso, muitos foram os marinheiros escravos de que se tem notícia. Embarcações inglesas, principalmente, arrematavam esses trabalhadores, pois pagavam salários mais baixos e muitas vezes os negros eram melhores marinheiros que os brancos. De acordo com Equiano, grande parte dos marinheiros brancos eram bêbados e preguiçosos. Acreditamos que alguns deveriam o ser, até porque havia uma imensa falta de mão de obra qualificada em se tratando desses trabalhadores, então qualquer homem que soubesse dar alguns nós e entender o linguajar para receber ordens do mestre podia ser embarcado ao trabalho. Além do mais, as tripulações sempre foram conhecidas por sua rebeldia em relação ao cumprimento de ordens. Conforme Emma Chistopher (2006, p.9), 300.000 a 350.000 marinheiros partiram para a África entre 1750 e 1807, uma das mais significantes forças de trabalho das colônias.

Nos estudos das universidades africanas, não encontramos trabalhos que tratem das gentes do mar que lidavam com as embarcações que vinham buscar escravos. Acreditamos que existam, entretanto nossos limites de pesquisa são bastante estreitos. Não só porque grande parte dos trabalhos produzidos pelas universidades africanas não chega a nosso

conhecimento, mas também por causa da barreira da língua. É enorme a dificuldade de qualquer pesquisador acerca do continente africano, ou não, que busque se debruçar pelas “gentes do mar” do continente africano. Grande parte dessas populações ainda continuam iletradas e suas tradições e culturas continuam a ser transmitidas de forma oral, o que dificulta em muito a pesquisa. Contudo, deveria haver centenas de marítimos na costa africana dispostos a trabalhar no tráfico de escravos ou como marinheiros de alto mar, como Equiano, ou como canoeiros na costa. As embarcações negreiras não conseguiam aproximar-se muito da costa. Era necessário que pequenas embarcações levassem a carga, os negros, para os tumbeiros. Além disso, havia a necessidade de manutenção das naves, que muitas vezes sofriam avarias na viagem. Seguramente formaram-se estaleiros formais e informais nas costas africanas com o objetivo de substituir tripulações reduzidas por mortes nas viagens, consertar as embarcações que navegavam nos baixios, construir balsas e canoas para o ir e vir dos navios negreiros.

Se tomarmos como exemplo o gigantesco mercado de gentes do mar que se formou na costa lusitana durante o período dos descobrimentos, podemos mensurar que algo similar deve ter ocorrido na África. A grande diferença está na quantidade de trabalhos acerca desse tema e no potencial financeiro que as universidades portuguesas investem nesses trabalhos. A ideia de uma nação de marítimos ainda permeia o imaginário lusitano. Quanto às universidades africanas, o investimento é raso. Portugal tem no mínimo dois ou três grandes pesquisadores que se debruçaram sobre as populações costeiras e sua ligação com o mar: Amandio Barros (1997; 2000; 2004; 2006; 2007), Amélia Polônia (1995; 2004) e Jose Manuel Malhão Pereira (1996; 2001)). Quanto aos estudos africanos, ainda são poucos os trabalhos acerca desse tema, por diversos motivos. Um dos principais é a participação dessas populações como colaboradores no tráfico internacional de escravos. Seria impossível que os europeus mantivessem seus navios ancorados por meses no litoral africano aguardando as cargas de escravos sem suprimento e manutenção de suas naves. Esse tipo de limitação torna difícil o entendimento de como funcionavam as sociedades de marítimos na África.

Acreditamos que pesquisas como a nossa sirvam para estimular trabalhos mais aprofundados em relação a essas populações africanas. Ao ultrapassarmos a dialética de escravizador e escravizado africano, podemos buscar entender as diversas populações que se entrelaçavam na lide marítima do continente, e aqueles que dela se beneficiaram.

2.3 Companheiros de bordo

Talvez a relação mais importante que podemos aprofundar para entender o argumento de que a vida embarcada tenha sido um campo de possibilidades muito importante para os escravizados seja a de “companheiros de bordo”, utilizada por Marcus Rediker (2011) para definir a estreita relação que se criava entre os homens embarcados, em especial os escravos, mas não somente com esses. Além disso, essa relação foi muito importante, de acordo com Linebaugh e Rediker (2008), em se tratando da luta pelos direitos dos homens tanto na Revolução Inglesa quanto na Revolução Americana⁵⁰.

Buscamos dessa maneira ilustrar como africanos e afro-americanos tiveram papel determinante nas revoluções e revoltas no Atlântico Negro, para utilizar da ideia de Paul Gilroy (2001), e participaram ativamente na construção do mundo moderno.

“Companheiros de Bordo” é um conceito utilizado para definir a relação estreita formada pelos marinheiros do Atlântico dentro das embarcações, ou mesmo fora delas; homens privados de tudo, expostos aos rigores da natureza e a brutalidade dos capitães, com escassos suprimentos de alimento e água. Vítimas de doenças incuráveis ou de chagas incontornáveis por acidentes mal resolvidos, acabavam por cooperar mutuamente e criar laços de amizade que muitas vezes superavam as relações familiares. Se nos aprofundarmos nessa questão em relação aos escravizados, essas relações superavam em muito quaisquer outras relações que pudessem conhecer. Depois de arrancados de suas comunidades, os escravizados eram subjugados por todos os tipos de homens por onde transitassem. Para eles, tornar-se companheiro de bordo, fosse de outros negros ou brancos, seria uma forma de encontrar novamente os laços perdidos ao longo da vida. Equiano experimentou essa sensação logo no início de sua vida embarcado, e foi em uma situação bastante peculiar.

Quando Olaudah foi comprado por um capitão da marinha mercante, Michael Henry Pascal, para presentear uma pessoa na Inglaterra, foi levado a bordo da embarcação *Industrious Bee*, uma nave que carregava tabaco e outros gêneros. Nessa viagem, Equiano tornou-se amigo de um menino um pouco mais velho e que se afeiçoou pelo pequeno africano. Richard Baker tinha quinze anos e era filho de um senhor de escravos. Estava embarcado para aprender sobre as embarcações e também sobre o tráfico. O menino tornou-se amigo

⁵⁰ Em especial, o artigo de Peter Linebaugh (1983), “Todas as montanhas atlânticas estremeceram”, aprofunda a importância dos marinheiros e de suas relações de solidariedade durante a Revolução Inglesa. O autor busca mostrar como o convés das embarcações e os portos eram o espaço privilegiado para que os grupos subalternos, em especial, dos marinheiros, se unissem em torno da luta por seus direitos.

inseparável de Vassa e passou a ensinar algumas coisas importantes ao jovem escravo, desde rudimentos da língua da religião até formas de se portar frente aos europeus⁵¹.

Cabe aqui ressaltar alguns pontos que consideramos importantes em relação a Gustavus Vassa. Durante toda autobiografia, é possível perceber o quanto o autor se interessou por buscar novos conhecimentos, entender o mundo no qual estava inserido, não só a sua vida mas a vida daqueles que o cercavam⁵². Afora a questão de que Equiano escreve sobre sua vida na idade adulta e de que cria uma certa “mística” de predestinação nas narrativas de ex-escravos nesse período, achamos importante destacar essa qualidade particular do autor. Na verdade, um dos pontos importantes que buscamos aprofundar em relação aos estudos históricos nesse trabalho diz respeito a busca para enxergar essa dinâmica entre os limites das estruturas e a agência dos sujeitos, como já explicitamos. Dessa forma, consideramos importante relatar que um dos motivos que levou Gustavus a atingir seus objetivos, a conseguir comprar sua liberdade, tornando-se agente ativo na luta pela abolição da escravidão, tenha sido essa necessidade de buscar novos conhecimentos acerca de tudo que o cercava.

Desde o primeiro momento em que embarcou como escravizado, Olaudah buscou entender como aquele imenso barco movia-se e parava, como aqueles homens sabiam onde estavam no meio do oceano. Nas palavras de Equiano: “durante a travessia, havia aprendido muitas das manobras do barco, e em várias ocasiões me fizeram disparar os canhões.” (EQUIANO, 1999, p.78). Depois disso, buscou aprender a língua daqueles a quem servia, buscou aprender aritmética, entender sobre comércio e religião. Mas o que consideramos mais importante talvez seja a questão de buscar entender o mundo a que estava submetido, a escravidão, a violência dos homens, o abuso de poder, as brutalidades impostas às escravas dentro e fora das embarcações, e o divino, tão distinto daquele que tinha vivido em África na infância. Nas palavras do autor:

...e era quase uma prática constante entre nossos supervisores e outros brancos deprender com violência a castidade das escravas. Eu, com pesar, me via obrigado a ceder sempre, sendo incapaz de ajudá-las. Quando levamos algumas dessas escravas a bordo dos navios de meu amo a

⁵¹ Em seu texto, Gustavus Vassa dá uma atenção especial a seu novo amigo branco. Em mais de uma passagem, Equiano refere-se ao jovem como um irmão e tem nesse toda a confiança depositada. Refletindo sobre a vida nas embarcações, é de se pensar que ao jovem Baker, o pequeno africano, apesar de fragilizado socialmente, também seria um alento, visto a brutalidade das relações entre os outros marinheiros, algo que o jovem Baker também não deveria estar acostumado.

⁵² Durante a narrativa, algumas vezes Gustavus procura passar essa impressão de que sempre esteve em busca do conhecimento. Fazendo as devidas críticas que possamos pensar, pois dessa forma ele estaria buscando encaminhar o leitor para os segredos de seu sucesso, e querendo mostrar que outros menos curiosos não o tivessem conseguido por não buscarem esse mesmo conhecimento, acreditamos que essa foi uma característica intrínseca do autor que potencializou sua vida dentro das estruturas que o limitavam.

outras ilhas ou à América, soube que nossos oficiais cometiam esses atos da maneira mais vergonhosa, para desonra não só dos cristãos, mas de todos os homens. Inclusive soube que satisfaziam sua brutal paixão com mulheres que não chegavam aos dez anos de idade, e alguns praticavam essas aberrações em um grau tão excessivamente escandaloso que um de nossos capitães chegou a despedir um oficial e outros tantos. (EQUIANO, 1999, p.112).

Pensamos ser esse interesse, essa busca do saber, uma forma que o autor encontrou e que o permitiu distender o limite das estruturas poderosas que limitavam sua vida, ultrapassar seus limites e tornar-se agente de seu destino. Não se trata aqui de buscar mitificar o homem, transformá-lo em herói ou mesmo em exemplo, o que Equiano realmente acabou se tornando em seu círculo, mas sim analisar e refletir acerca do que teriam sido características endógenas do sujeito que permitissem que esse, diferentemente de outros que certamente trabalharam na mesma faina, se tornasse o homem que se tornou. De acordo com Silvia Petersen (2013), esse tipo de reflexão torna-se importante no estudo da História Social no sentido de que essas “estruturas” das quais tanto falamos nada mais são do que organismos criados pelos próprios homens para reprimir ou potencializar determinados grupos; e que são os mesmos homens que podem ou não ultrapassar ou transformar essas “estruturas”.

Voltando à questão do jovem amigo de Equiano, Richard, durante sua estada na embarcação, foi possível ao pequeno Olaudah sentir-se um pouco mais tranquilo, um pouco mais humano perto do que havia experimentado no navio negreiro. Como o menino europeu estava na embarcação na qualidade de passageiro, tinha acesso à mesa do capitão, podia alimentar-se melhor e tinha livre acesso aos espaços do navio. Dessa forma, Equiano acompanhava o jovem “senhor de escravos” como um escudeiro, podendo ir e vir pelo convés, coisa que seria impossível caso fosse uma embarcação negreira. Entretanto, nessa viagem, como de costume, houve momentos em que se fez necessário regular a quantidade de suprimentos para não correrem o risco de ficarem sem comida e água durante a travessia. Isso afetava a todos os embarcados, fossem eles passageiros escravos e trabalhadores. Certamente, os oficiais e passageiros teriam acesso a melhores recursos nessas situações, mas escravos marinheiros e marinheiros possivelmente alimentavam-se da mesma quantidade e qualidade de ração na maioria das vezes.

Equiano e Baker foram companheiros de bordo por dois anos e o africano refere-se ao jovem “Senhor de escravos” como seu professor e companheiro. Seguramente, Olaudah aprendeu muito com seu amigo e pôde, a partir daí, adquirir um certo conhecimento do mundo europeu e do mundo embarcado que iria garantir-lhe no futuro a profissão de

marinheiro de primeira classe. Esse capital cultural ou social foi possivelmente um dos elementos que permitiu a Equiano, no futuro, comprar sua liberdade e tornar-se dono de seu destino. É provável que muitos dos outros africanos que vieram a trabalhar nas embarcações do século XVIII, mas que não conseguiram sua liberdade nessa faina, não tenham tido um “companheiro de bordo” mais velho, com mais fluxo dentro da embarcação e que tivesse se preocupado em ajudar aquele outro jovem menino a entender o mundo. Acreditamos que isso em nada desmerece os esforços de Olaudah, mas nos ajuda a desvendar o caminho que permitiu seu sucesso, diferente de muitos outros.

Conforme Marcus Rediker (2011), muitos marinheiros eram experientes aos 15 anos de idade. Se formos analisar o caso de Equiano, isso se torna ainda mais visível. Embarcado desde os onze anos de idade, o jovem marujo, aos quinze, já havia navegado por diversas partes do Atlântico. Além do mais, havia experimentado barcos negreiros, navios de guerra e embarcações de comércio. Nessas condições, é provável que conhecesse diversos tipos de navios, e suas distintas formas de navegar, além, é claro, diversos tipos de marinheiros de diversas nacionalidades. Grande parte das embarcações carregavam uma certa quantidade de jovens meninos, muitas vezes escravos do capitão, ou não, com o objetivo de treiná-los nas lides marítimas.

Eram diversos os grupos sociais que compunham os marinheiros: homens de classe média, meninos de orfanatos e reformatórios, ex-presidiários, alguns filhos de boas famílias que buscavam aventuras, aprendizado, ou que não se encaixavam em seu mundo. Além desses, é claro, os escravos ou libertos, os negros forros, ou mesmo africanos livres, compunham essa turba heterogênea das “gentes do mar”. É bem provável que, pelo tipo brutal da labuta, as classes mais baixas ocupassem a maior parte dos postos de serviço no convés das embarcações.

Apesar de existirem centenas de embarcações e uma infinidade de marinheiros pelo Atlântico, havia uma certa especialização, fazendo com que certos sujeitos acabassem por trabalhar normalmente com o mesmo tipo de carga, embarcação, ou mesma rota. No caso dos tumbeiros, navios que faziam o tráfico negreiro, isso era bastante específico. A maioria dos marinheiros ingleses não queria trabalhar no tráfico negreiro e diversos eram os motivos para isso. Em especial estava a questão das doenças na costa ocidental africana. Além disso, havia o perigo em relação à carga embarcada. Os escravos podiam rebelar-se e, na maioria das vezes, a proporção da carga em relação à tripulação era enorme. Para se ter uma ideia, a embarcação *Zong*, em 1781, carregou da África ocidental para a Jamaica uma carga de 470 escravos com uma tripulação de 17 homens (REDIKER, 2008, p.248).

Afora a questão dos tumbeiros e da arregimentação forçada em períodos de guerra, os marinheiros organizados, como Equiano iria se tornar, tinham plena liberdade para escolher o melhor capitão, a melhor rota e as melhores embarcações para trabalharem. Utilizamos a alcunha de organizados para definir aqueles marinheiros que conseguiam utilizar-se de seu deslocamento geográfico e de sua profissão para buscar angariar fundos e buscar uma melhor condição de vida, o que não era comum nessa profissão. De acordo com Vinicius Pereira (2013), os marinheiros eram vistos como bêbados, arruaceiros, brigões, falsários e diversas outras definições de cunho negativo. Conforme Rediker (2011), só embarcavam quando já não possuíam nenhum dinheiro no bolso e já tinham se endividado o suficiente para fugir antes que fossem para a cadeia. John Nelson descreveu os marujos do tráfico como “o rebotalho e a escória da nação”, oriundos “de cadeias e prisões militares”. (REDIKER, 2011, p.235).

Entretanto, alguns capitães definiram os homens que trabalhavam nos tumbeiros como ótimos marinheiros. Além do mais, estavam acostumados a uma violência extrema, o que provavelmente os tornava ainda mais próximos uns dos outros. Mais do que em qualquer outra embarcação, ali no convés do tumbeiro, a vida de um dependia do trabalho bem feito do outro, fosse ele brutal, como realmente era. Os marinheiros dos negreiros eram, além de tudo, carcereiros.

Não existem estudos, ou mesmo fontes conhecidas que permitam analisar o quanto os marinheiros brasileiros ou afro-brasileiros estiveram presentes nas embarcações negreiras e como se davam suas relações a bordo. Os estudos mais aprofundados vem sendo desenvolvidos por Jaime Rodrigues (2005, 2011, 2013) e nos fazem refletir no seguinte sentido: seria mais “tranquilo” aos marítimos brasileiros o trabalho nas naves negreiras, mesmo que esse trabalho fosse muitas vezes mais perigoso. Alguns dos motivos são o longo tempo em que o tráfico foi permitido no país, a proximidade da costa brasileira com a costa ocidental da África, local de intenso tráfico de escravos e a enorme quantidade de escravos desembarcados na costa brasileira, fazendo com que o marinheiro brasileiro estivesse mais acostumado à cultura dos africanos. Além, é claro, da falta de controle em relação às embarcações. Não havia no Brasil a “cota” necessária de marinheiros brasileiros a ser embarcada, o que era diferente em relação à Inglaterra, mesmo que isso nem sempre tenha sido cumprido⁵³.

⁵³ Nos referimos aqui à questão de que, nas naves europeias, em especial inglesas, havia uma regulamentação que obrigava que a embarcação tivesse um determinado número de marinheiros de acordo com a origem do

Voltando à vida de Equiano, em 1759, quando viaja ao Mediterrâneo, ele sabe que irá encontrar-se com seu antigo companheiro de bordo, Dick. Gustavus fala da alegria em poder rever o amigo que tanto o ajudou a superar grande parte de seus primeiros temores frente à situação de embarcado. Contudo, ao encontrar-se com a embarcação na qual o amigo deveria estar, descobre que o mesmo faleceu. Os pertences do menino são entregues ao dono de Equiano, que prontamente entrega a ele o baú do amigo. Apesar de terem se separado há bastante tempo, de não navegarem mais na mesma embarcação, os vínculos de amizade daqueles que sofreram com as mesmas necessidades cria o que a historiadora Emma Christopher (2006) chama de “parentesco fictício”, fazendo desses homens de culturas e nações distintas “irmãos marujos”. (REDIKER, 2011, 9.239).

Ao longo de sua narrativa, é possível identificar que Gustavus cruzou com os mesmos marinheiros em diversos lugares diferentes ao longo da vida, possivelmente em situações distintas. Homens que durante a guerra eram colocados em lados opostos, em outros momentos tornavam-se companheiros, com a vida de um dependendo do outro. Aqui, o autor fala de quando trabalhou com um homem que, durante a guerra, lutou em uma batalha em que ele participou, mas a favor dos franceses.

Tempos depois naveguei com um homem que havia combatido em uma das baterias francesas durante esse enfrentamento, e me disse que aquele dia nossos barcos haviam causado sérios danos na costa e nas baterias. (EQUIANO, 1999, p.89)

Não bastasse a batalha diária contra as forças da natureza em certas ocasiões, como durante a Guerra dos Sete Anos, na qual as embarcações batalhavam durante horas a fio, ou mesmo dias, viver ou morrer passava a ser uma questão de sorte. Ao fim do dia, era possível ao marinheiro ter perdido todos seus companheiros em uma batalha. Os marinheiros não passavam de “bucha de canhão”, o que é comum nesses conflitos. O oficialato ficava confinado às naves mais robustas e em posições confortáveis, se é que se pode dizer que existia alguma “posição confortável” dentro de uma embarcação do século XVIII durante uma batalha.

Arregimentados às pressas e à força, a tripulação não tinha muita opção, nem mesmo a escolha de qual parte da embarcação servir. O que não sobraria aos africanos embarcados, fossem livres ou escravos? Durante essas guerras, muitos africanos escravizados foram

navio. Sabe-se que nem sempre essa regra era cumprida, não só pela falta de mão-de-obra, como também pela necessidade de as embarcações carregarem marinheiros diferentes para diferentes tipos de viagens.

arregimentados com a promessa de liberdade. Provavelmente grande parte não viveu para usufruí-la.

Alguns elementos das “estruturas” que nos referimos anteriormente podem potencializar a capacidade dos sujeitos. Durante as batalhas, algumas embarcações de grande porte eram providas de escolas para ensinar aos jovens marinheiros escrita, leitura e matemática. O objetivo era formar melhores marujos e futuros suboficiais. Sendo assim, além de poder aprender com outros marinheiros mais experientes, ou mesmo amigos, como no caso de Gustavus, dentro das embarcações os marinheiros que tivessem a sorte de trabalhar nessas grandes naves e tivessem o interesse por aprender, poderiam fazê-lo, e provavelmente seriam incentivados a isso. Durante o período que Equiano serviu na embarcação *Namur*, grande barco da frota inglesa, pôde estudar. Quando deixou a embarcação, já havia aprendido mais acerca dos modos e da cultura de seus dominadores. No *Etna*, outra embarcação da frota, o jovem africano aprendeu com o secretário do capitão a escrever, noções de aritmética e regra de três⁵⁴.

Nesse momento, as relações travadas com seus companheiros de bordo, aliadas ao bom uso das estruturas, já permitiam que Equiano se tornasse um menino diferenciado em relação a quaisquer outros escravos das *plantations* ou mesmo outros que trabalhassem na faina marítima. No *Etna*, Oludah foi também presenteado com a amizade de um marinheiro mais velho, Daniel Queen, que de acordo com o menino, teria em torno de quarenta anos, e que o ensinou, em especial, algo que ele buscava a algum tempo: ler, entender e compreender melhor a Bíblia. Esse homem Equiano considerou como um “pai” pelo tempo dispensado em ensinar-lhe sobre as escrituras. Gustavus chegou a dizer que, pelo seu empenho no aprendizado, chegaram a chamar-lhe de “cristão negro”. Conforme suas palavras:

Só pensava em obter a liberdade e trabalhar para mim mesmo, e deste modo ganhar dinheiro que me permitisse receber uma boa educação, pois sempre havia sentido grande desejo de ser capaz, ao menos de ler e escrever... Havia também um tal Daniel Queen, homem de uns quarenta anos, muito bem educado, com quem às vezes comia no barco, encarregado de vestir e cuidar do capitão... Me ensinou a barbear e pentear um pouco e também a ler a Bíblia, explicando-me muitas passagens que eu não compreendia... Em poucas palavras, era como um pai para mim, e inclusive havia quem usualmente chamava-me por seu nome; também me chamavam de cristão negro. (EQUIANO, 1999, p.99)

⁵⁴ Buscamos novamente aqui frisar o quão poderosa podia ser essa potencialização que os marinheiros que buscassem conhecimento tinham acesso. Em comparação ao mundo das *plantations*, a possibilidade de aprender um ofício, aliado ao conhecimento da escrita e da leitura, podiam transformar a vida de um homem, o que aconteceu com Gustavus.

Contudo, nem todos os marinheiros eram amigos, nem todos os capitães eram gentis e amistosos. A verdade é que os homens do mar cultivavam sim essa proximidade e essa cooperação, mas também havia casos de abusos, principalmente com os novatos. Nos relatos de viagem dos séculos XV e XVI, havia muitas situações de estupros e violações de grumetes e jovens marinheiros por parte dos veteranos⁵⁵. Isso sem falar nos roubos de alimento e as diversas brincadeiras, na maioria das vezes bastante violentas. Há exemplo disso, o próprio Equiano em seus primeiros tempos embarcado conta que os marinheiros mais velhos colocavam ele e outros jovens meninos para brigar, como forma de divertimento para os marujos. De acordo com Rodrigues (1999), os rituais de travessia do Equador eram muitas vezes bastante violentos, principalmente com os noviços ou escravos.

Em determinado momento da vida, Equiano é vendido por seu “amo” a outro capitão. Sendo que, durante todo o tempo que participou da Guerra dos Sete Anos, sua parte do butim era arrecadada por seu capitão. Esse homem tomou todo o dinheiro do menino, que na verdade nunca chegou a suas mãos, o que demonstra o quão difícil podia ser a vida de um escravo marinheiro. Em outra situação, Gustavus confia o pouco de capital que havia conseguido esconder para comprar um bote e fugir da embarcação em que estava, já que não sabia nadar, como a grande maioria dos marinheiros. O marinheiro que levou seu dinheiro não só deixou de comprar o bote como denunciou o menino escravo ao capitão. Esse tipo de comportamento, acreditamos, não era realmente o mais comum entre os homens do mar, a despeito dos textos e das descrições feitas. Contudo, certamente haveriam todos os tipos de homens nessa labuta, não permitindo que idealizemos um sujeito honesto, amigável e companheiro em todas as embarcações do Atlântico. Na situação descrita acima, Gustavus narra que, quando seu barco zarpou, os outros marinheiros passaram a desprezar o marujo que havia enganado o menino. Isso talvez fosse uma forma de mostrar que o sentimento de cooperativismo entre eles era ponto primordial.

Acreditamos ser importante destinar as reflexões aqui propostas sobre essa questão do companheirismo de bordo em relação aos marinheiros embarcados, em especial aos africanos, fossem eles escravos ou livres. Um dos motivos diz respeito a esse “preconceito”, na maioria das vezes justificado, para com os marinheiros. O próprio Equiano muitas vezes se remete a seus colegas de bordo de forma pejorativa, dizendo que estão sempre bêbados ou que são

⁵⁵ Para melhor entendimento acerca desse período, novamente citamos as obras de Fabio Pestana Ramos (1997, 2000, 2008). Para utilização de fontes, ver o trabalho de Bernardo Gomes de Brito, *História Trágica marítima* (BRITO,1998).

brutos e que não querem trabalhar. Nas palavras do autor, em um momento de naufrágio na embarcação:

Havia somente quatro pessoas dispostas a manobrar os remos comigo: três homens negros e um marinheiro crioulo holandês. Apesar de que aquele dia saímos cinco vezes com o bote, não contávamos com a ajuda de ninguém mais. Penso que se não tivéssemos feito esse esforço, as pessoas não poderiam ter se salvado, porque nenhum dos marinheiros brancos fez nada para preservar sua vida, e se embebedaram tanto e tão rapidamente que só foram capazes de se amontoar no convés como porcos de tal maneira que finalmente nos vimos obrigados a trazê-los ao bote e levá-los à força para a costa. (EQUIANO, 1999, p. 154).

Entretanto, se buscarmos analisar os estudos de Peter Linebaugh (1981), veremos os marinheiros como um grupo subalterno de homens que não queriam se submeter ao nascente capitalismo e ao ritmo do mundo moderno. Linebaugh busca as raízes desses homens nos *ranter*s, e *levellers* da Revolução Inglesa e mostra o quanto os africanos fizeram parte dessa “turba” de conflituosos homens que, depois de serem expulsos de suas embarcações piratas no século anterior, passaram a trabalhar para as navas de guerra e de comércio.

Essas relações de cooperativismo e de amizade que parecem não se enquadrar no perfil do marinheiro bruto, bêbado e violento construído por uma historiografia marítima que buscava apenas os mitos de heróis de guerra como estereótipo, se encaixa perfeitamente quando analisamos escravos ou grupos subalternos que tenham sido subjugados e que não tiveram voz antes da ascensão da História Social.

É possível, sim, que esses trabalhadores braçais fossem realmente inconsequentes e que levassem uma vida desregrada, sem vínculos, que não tivessem horários nem residências fixas, até porque seus ideais não se enquadravam no desenho social que estava sendo pintado no século XVIII. De certa maneira, os marinheiros fazem parte de um grupo de pessoas que buscou ao máximo fugir do enquadramento proposto pelo sistema capitalista, no qual a vida viria a ser regida por horários fixos de entrada e saída do trabalho e no qual, aos poucos, a grande maioria da população das cidades passou a viver. Contudo, a partir do advento dos motores, até mesmo os marinheiros começaram a ter de se sujeitar aos rígidos controles capitalistas, visto que já não se dependia tanto da habilidade de marinharia e do conhecimento do ofício para um sujeito tornar-se homem do mar.

Pensamos ser importante ver esse grupo social como uma forma de cooperativa, ou agindo, mesmo que sem controle sobre isso, em forma de cooperativismo, o que de certa

maneira foi um “campo de possibilidades” imenso para os escravos que buscavam sua liberdade e uma forma mais digna de sobreviver.

O Atlântico Negro de Paul Gilroy (2001) tem sido uma forte plataforma para refletirmos sobre a trajetória de vida de Gustavus Vassa; plataforma que ainda tem de ser bastante aprofundado quando buscamos analisar o Atlântico sul. Gilroy centrou seu foco de estudos na região norte do Oceano Atlântico e principalmente nas relações anglo-africanas, ou africanas com a América do Norte. Se pararmos para pensar no imenso contato entre a costa brasileira e a costa africana durante o período da escravidão, podemos imaginar o tamanho da lacuna historiográfica que está para ser pesquisada. Um intenso fluxo de relações em linha direta que conectava a costa brasileira a costa ocidental africana não entrou no escopo de estudo desse pesquisador. Em sua apresentação à edição brasileira de sua obra, Gilroy (2001) fala sobre essa lacuna e deixa em aberto para que esse trabalho tenha continuidade.

O companheirismo de bordo não se resumiu apenas ao período estudado para esse trabalho, ou na navegação à velas. Posteriormente, quando do fim da escravidão no Brasil em 1888 e do início da república, os homens que irão ser arregimentados para trabalhar nas lides do mar nas embarcações de guerra serão, em grande parte, ex-escravos ou negros livres filhos de ex-escravos.

2.4 A cultura marítima do Atlântico

Para iniciarmos essa reflexão, precisamos definir o que consideramos como cultura, explicar porque limitamos o espaço de análise para o Oceano Atlântico, visto que existem outros oceanos, contemplar quem são esses sujeitos que participam desse grupo, sendo que nem todos estiveram constantemente embarcados.

Em primeiro lugar buscamos utilizar o conceito de cultura marítima de acordo com os termos do professor Jaime Rodrigues (2005), o que não difere muito da definição de Peter Burke (1978) ou de Marcus Rediker (2008) sobre o que esse considera a “subcultura” dos marinheiros. De acordo com Rodrigues, os elementos principais que compõe essa cultura são: nacionalidade e internacionalismo, condição social, idade, processo de trabalho, comportamento, disciplina, enfrentamentos com a natureza e com a hierarquia, linguagem, religiosidade, rituais cotidianos e decisões de ordem práticas ligadas à própria sobrevivência e à segurança do grupo e da embarcação. Somado a isso, temos também a definição de Luiz

Geraldo Silva (2001), que consideramos importante para o objetivo que buscamos alcançar. De acordo com esse autor, “cultura” não se resume à música, à arte ou à literatura; mais amplamente, ela incorpora os modos de comer, andar, falar e silenciar-se; ou seja, ações e noções da vida cotidiana (SILVA, 2001, 194). Além desses, outro elemento que consideramos importante e indispensável em se tratando da cultura dos marítimos, em especial africanos ou escravizados, diz respeito a sua cultura política.

Analisando essas definições, fica claro que, em se tratando dos marítimos, a questão do cotidiano, da forma de viver e de relacionar-se com o mundo é o que consideramos serem os elementos formativos de sua cultura. Não pretendemos aqui, principalmente em vista do caráter desse trabalho, analisar todos esses elementos. Buscaremos aprofundar o foco naqueles que julgamos serem mais importantes e que tenham mais condições de serem analisados a partir das fontes que utilizamos.

Outra questão importante a ser definida é o espaço de análise. Em virtude também das fontes e da limitação do trabalho, buscaremos uma análise da cultura que se restringe ao Oceano Atlântico. Demais espaços marítimos ou fluviais, como o Oceano Índico, o Mar Mediterrâneo, o Oceano Pacífico, o rio Amazonas, o rio Nilo e outros grandes rios que possuem características culturais bastante similares ao que vamos estudar não serão contemplados nessa reflexão. Contudo, possuem também outras características bastante específicas e que os tornam extremamente ímpares em relação ao nosso estudo. De acordo com Luiz Geraldo da Silva (2001, p.09-10), existem características dos marinheiros que podem ser visualizadas em sujeitos trabalhadores do mar, seja no Brasil ou na Escandinávia. Contudo, existe todo um outro mundo circundante desses sujeitos que dificilmente pode ser analisado de forma similar. Nesse contexto, existe uma enorme diferença estrutural que deveria ser contextualizada, sendo necessário dessa forma estabelecer limites geográficos de análise.

Dentre os sujeitos que analisamos, a grande maioria são marinheiros. Contudo, de acordo com Michel Mollat (1983) e Amândio Barros (2001), esse grupo pode ser ampliado para as “gentes do mar”, aquela imensa gama de pessoas que, no período histórico analisado, labutou não só sobre as tábuas das embarcações do Atlântico, mas que tinham a vida cotidiana diretamente ligada às embarcações. São esses os calafates, os carpinteiros, os produtores de peças para as embarcações, os pescadores, os canoeiros e aqueles que produziam víveres exclusivamente, ou quase, para essas naves. Dessa forma temos um grupo bastante maior, e que consideramos que acabava por mesclar-se à cultura dos marítimos.

Se tomarmos, por exemplo, a Londres do período estudado, veremos uma cidade com imensos estaleiros e um porto ativo como em poucos outros momentos da história. Além do mais, de acordo com Emma Christopher (2006), os “homens do mar” no período estudado compreendiam um grande contingente de força de trabalho, fosse nas metrópoles ou nas colônias.

A Inglaterra era a maior potência mundial no período que buscamos estudar. Sua imensa frota marítima era o que conectava suas diversas colônias, lembrando que essa frota não pertencia apenas à Coroa, e sim a muitos investidores particulares. Para sustentar essa gigantesca frota, eram necessários muitos e muitos homens, mulheres e crianças. Nem todos eram ingleses de nascimento, sendo grande parte dessas pessoas oriundas de diversas partes do mundo e transitavam pelas ilhas americanas, pela Europa e pela África⁵⁶.

Além de todo esse movimento que ocorria na Europa e noutros lugares no sentido de angariar gente para a faina marítima, as “gentes do mar”, outros espaços também tornaram-se ponto certo de trabalho para os marítimos. Na costa africana, das ilhas Bijagós na Senegâmbia até o que hoje constitui Angola, passando pela Costa do Ouro, o tráfego de embarcações de pequeno, médio e grande porte foi muito poderoso. O motivo de toda essa movimentação foi o gigantesco tráfico de escravos ocorrido nesse tempo. No período analisado, nada menos que cinco milhões de pessoas foram transportadas como escravos da costa ocidental africana com destino ao continente americano e às ilhas centro-americanas⁵⁷. Além desse monumental número de pessoas, uma grande carga de gêneros de comércio também era transportada para servir de moeda de troca na compra desses escravizados. Todas essas mercadorias, além de toda manutenção necessária para que essas naves transitassem pelo oceano, tivessem aguada⁵⁸ necessária, peças de reposição e víveres para o trânsito, era feito por gentes do mar. O imenso vai e vem na costa em pequenas embarcações, levando e trazendo as mercadorias, pois não havia portos para que as naves aportassem, era feito por gentes do mar. Se fazia necessário às grandes naves ficarem ancoradas nas baías, às vezes por até oito meses, descarregando e

⁵⁶ Para uma visão melhor desse mundo que buscamos descrever, o melhor texto é o de Peter Linebaugh e Marcus Rediker (2008), em especial os capítulos 5,6 e 7.

⁵⁷ Os números em relação à quantidade de escravos sequestrados em África e trazidos para a América e ilhas centro-americanas varia muito entre os diversos autores que tem analisado esse assunto. Contudo, como esse não é o foco principal desse trabalho, buscamos encontrar uma cifra que se encontre mais ou menos aceita por grande parte dos pesquisadores. Para um maior entendimento acerca disso, ver os trabalhos de Marcus Rediker citados na bibliografia e o site <http://www.slavevoyages.org/tast/index.faces>, do qual obtivemos grande parte de nossos dados a esse respeito. Acesso em 17/03/2015.

⁵⁸ “Aguada” é a quantidade de água necessária para uma embarcação fazer uma determinada viagem. Nesse período, as viagens já eram muito mais organizadas e seguras do que no período das grandes navegações, no qual muitos marinheiros morreram de sede pela falta de higiene e pela falha na hora de determinar a quantidade de água necessária a uma viagem. Esse tornou-se um ponto determinante na organização de uma viagem marítima.

aguardando a carga. Nesse tempo, o comércio se dava por pequenas canoas, já que o calado⁵⁹ dos ancoradouros era muito raso. Dessa forma, podemos imaginar a imensa massa de gentes envolvidas nesse trabalho, fosse na costa europeia, americana ou africana. De acordo com Elaine dos Santos (2008) formou-se na costa da África um grande maquina com objetivo de suprir não só o comercio de gente, mas as naves, os marinheiros e todos aqueles que transitavam por esse espaço. Era necessário produzir alimento, embarcações, suprir as fortalezas e todo esse comercio estava nas mãos dos povos da região.

O Atlântico tornou-se nesse momento, nas palavras de Peter Linebaugh (2008), um *imenso caldeirão de internacionalismos*. Marinheiros subiam a bordo das naves negreiras em Calabar ou Bonny, desembarcavam na Jamaica, embarcavam em outro navio⁶⁰ e aportavam em Londres, permaneciam alguns meses ali e voltavam ao mar embarcando e desembarcando nas ilhas centro-americanas, no Brasil ou em qualquer outro porto do Atlântico. Suas culturas iam transitando de porto em porto; seus saberes, fossem eles da lide marítima ou não, iam mesclando-se no convés dessas embarcações. As línguas, as comidas, as artes e as histórias de cada povo desses três imensos continentes foram sendo distribuídas por esses homens aos quatro ventos, sem nem mesmo que eles soubessem que isso estava acontecendo. E nos momentos de adversidades, como naufrágios, disputas, guerras, fomes e doenças é que essas culturas mais ainda mesclavam-se mutuamente, pois ali estavam distantes de sua matriz originária e podiam assim ultrapassar os limites que as tradições impunham às culturas dentro de seus espaços de poder⁶¹.

As culturas rígidas de cada mundo tornam-se voláteis, permeáveis dentro da violenta rigidez da estrutura da embarcação. Dentro do barco, o marinheiro é marinheiro e tem de cumprir sua rotina. Se não for assim, não sobrevive. Cristãos trabalhavam todos os dias, muçulmanos trabalhavam todos os dias, não sendo respeitados os dias santos de nenhuma religião em especial. A comida é a que se tem a bordo, quando se tem. Se não quisessem comer porco, não comeriam nada, se não quisessem comer biscoitos, ou se pensassem que a água estava ruim, que não comessem e não bebessem; essa era a regra, a não ser quando estava ruim para todos, aí era bom o capitão tomar suas devidas providências para não perder o barco. As situações de extrema necessidade tanto uniam a tripulação quanto a transformavam em uma turba incontrolável. Em geral, os nacionalismos eram controlados, até

⁵⁹ “Calado” refere-se à capacidade do barco de navegar em águas rasas.

⁶⁰ Em seu trabalho, Equiano se refere diversas vezes aos barcos com a expressão “buque”. Na verdade, buque refere-se a um tipo especial de barco, contudo o autor utilizou o termo para diversos barcos diferentes.

⁶¹ As reflexões feitas nesse parágrafo se devem em grande parte ao artigo do pesquisador James Clifford (2000). Como já citamos aqui, refletir sobre essas trocas culturais entre os diversos tipos de marinheiros em todos os cantos do Atlântico é um dos principais objetivos desse trabalho.

porque, para aqueles homens, a nação não tinha sido tão generosa a ponto de cortarem o pescoço do sujeito ao lado que poderia salvar-lhes a vida num piscar de olhos numa tempestade.

Dentre os elementos culturais que consideramos importantes para se analisar em relação aos marinheiros, um deles diz respeito às línguas faladas nas embarcações, *a linguagem dos homens do mar*. Em geral era praticamente impossível que a tripulação de uma nave fosse composta apenas por homens de uma nacionalidade, mesmo em se tratando de embarcações de guerra. Não havia gente qualificada suficiente para isso. Em 1492, um dos pilotos de Colombo era africano⁶². Era comum, desde a época das grandes navegações, as embarcações carregarem junto à sua tripulação homens que falassem diversas línguas. Esses sujeitos eram conhecidos como *línguas*. Afora esses homens, políglotas, era necessário para o bom andamento das lides do mar que os embarcados se entendessem durante o trabalho. Ao certo é impossível saber quais eram as línguas faladas no convés das naves, mas a melhor hipótese é que, se o marinheiro entendesse um certo número mínimo de palavras de duas línguas em especial que foram muito difundidas no Atlântico ocidental, o inglês e o português, ele estaria apto ao trabalho. Se o marujo tivesse condição de entender uma certa quantidade de vocábulos nesses dois idiomas, estaria apto a falar duas línguas conhecidas como as línguas dos marinheiros do período, o inglês *pidgin* e o português crioulo. Contudo, aqui não estamos nos referindo a algum tipo de versão do inglês ou do português, pois essas duas línguas não comportavam apenas palavras, acentos e vocábulos. Além desses, o que era mais importante na linguagem do mar era o “jeito” de falar. Esse jeito a que nos referimos está inserido naquilo que chamamos no início de “formas do cotidiano”. Apenas aqueles que viviam naquele mundo tinham condições de entender aquele brusco dialeto falado aos gritos entre os marujos, o mestre e o capitão. Certa vez, um homem com sua família comprou uma viagem de barco. Ao tratar do preço e das acomodações, foi falar com o capitão para certificar-se de tudo. Após tudo acertado e verificado dentro do acordo, a embarcação zarpou. Depois da partida e à certa distância da costa, o capitão tornou-se outro homem, bruto e mal educado, falando com o contramestre e seus marinheiros como um bárbaro em uma língua ininteligível para quem não fosse daquele mundo.

Equiano não fugiu a essa regra: desde os primeiros momentos embarcado, buscou aprender as palavras dos estrangeiros para melhor entender o que acontecia naquela máquina. Ao longo da vida, tornou-se falante do inglês. O caso desse africano é muito particular, pois

⁶² GILROY, Paul. 2001, p. 59.

Vassa chega a salvar-se de ser sequestrado em determinado momento da vida por falar muito bem o inglês, o que também o salvou de ser surrado. Como buscou, a partir de um determinado momento de sua vida, viver em Londres, aprendeu a língua o melhor que pôde, mesmo estando sempre embarcado. Equiano buscou seus conhecimentos dentro das naves. Pagava aqui e ali para determinados sujeitos para que lhe ensinassem algumas coisas. Aprendeu inglês, matemática, navegação, sobre a Bíblia e a religião. Quanto aos limites entre ser livre e escravo e os riscos disso, o autor conta o que aconteceu depois de ele e um amigo negro ficarem com a luz acesa depois das nove da noite:

Me disseram que todos aqueles negros que tivessem a luz da sua casa acesa depois das nove da noite seriam detidos e teriam que pagar uns quantos dólares; e caso contrário, seriam açoitados. Algumas dessas pessoas sabiam que eu era um homem livre, mas como o homem da casa não era e contava com seu amo para proteger-lhe, não tomaram as mesmas liberdades com ele do que comigo... Estavam para pôr as mãos em mim quando um deles, mais humano que o resto, disse que a minha condição de homem livre lhes impedia justificar legalmente as chicotadas. (EQUIANO, 1999, p.161).

Além da língua, destacamos outro importante elemento cultural que transitava pelos portos do atlântico e que consideramos ser de grande importância quando se fala de cultura marítima: a religiosidade, ou a fé. Traço marcante de qualquer sociedade no período analisado, a religiosidade não desaparecia quando as embarcações zarpavam para alto mar. Ela apenas sofria algumas transformações e hibridações. Nesse período, grande parte das embarcações que singravam o Atlântico eram de origem europeia. Dessas, grande parte era inglesa ou de suas colônias. Sendo assim, dentro das embarcações não era incomum os marinheiros possuírem Bíblias e professarem o Anglicanismo ou alguma outra forma de cristianismo.

Se analisarmos e dividirmos as franjas do Atlântico que possuíam maior contato com países da península ibérica e aquelas que sofriam maior influência inglesa ou dos Países Baixos veremos que existiam semelhanças, mas também grandes abismos em relação à religiosidade. Contudo, para esse trabalho, buscamos o mundo embarcado e esses homens que não estavam tão interessados nesse assunto a ponto de fazerem essa diferenciação. Nossa fonte principal, Gustavus Vassa, era tão religioso que um dos capítulos de sua autobiografia poderia ser definido como “a vida de um marinheiro temente a Deus”. Equiano quase abandonou a navegação por incomodar-se demais com o paganismo de seus companheiros de

bordo. Chegou a viver em terra por temer o que Deus faria com ele por conviver com aqueles homens e por não poder cumprir as liturgias.

De acordo com Rediker (2010), o trabalho vinha na frente das celebrações nas naves, e, sendo assim, a religião era colocado em segundo ou terceiro plano na ordem das tarefas diárias a serem cumpridas; mas para esse africano, ela vinha em primeiro.

Contudo, não há de se pensar que os marinheiros eram ateus, bem ao contrário. Eram tementes a deus e buscavam o conforto em suas palavras, mas de uma maneira bastante peculiar. De acordo com Jaime Rodrigues (1999), de uma forma mais prática, do tipo toma lá, dá cá.

A vida no mar era cheia de intempéries, sendo que os homens estavam diariamente sujeitos a morrer a qualquer instante do dia ou da noite, fosse por um acidente, por cair no mar, por uma doença, pelo ataque de outra embarcação ou mesmo por falta de comida. Dessa forma, quanto mais a situação tornava-se perigosa, mais vezes “Deus” era requerido para auxiliar nas manobras cotidianas. Muitos faziam promessas a serem cumpridas quando do retorno a suas casas, mas que na maioria das vezes não eram cumpridas. Os marinheiros comuns vinham de um extrato social mais baixo e, sendo assim, tinham um tipo de crença que ultrapassava os limites das liturgias comuns e obrigatórias. Havia uma mescla de promessas a diversos santos distintos, o que, de certa maneira, criava uma “aura” de proteção à embarcação, ou acreditava-se nisso.

Conforme Luiz Geraldo (2001), apesar da distância no tempo, são diversos os relatos de marujos que foram sentenciados pela inquisição no Brasil. Acreditamos que a pressão em relação ao cumprimento das liturgias em naves portuguesas e espanholas era muito distinto das outras naves europeias. Durante uma ancoragem na cidade do Porto, Vassa conta que os marujos tiveram de esconder as Bíblias, pois a Inquisição subia a bordo para procurar exemplares traduzidos, o que consistia em crime de prisão e de trabalhos forçados nas galeras lusitanas aos marinheiros transgressores. De acordo com Equiano:

Nenhum de nós se atreveu a ir a outro barco nem a baixar à terra até que a Inquisição subisse e revirasse o barco em busca de qualquer coisa ilegal, especialmente Bíblias. Todas as que tínhamos, entregamos, e certas coisas mandaram à terra até que os barcos começaram a sair; todo aquele que se descobrisse escondendo uma Bíblia seria encarcerado, açoitado e condenado depois a dez anos de escravidão. (EQUIANO, 1999, p.170).

De maneira geral os marujos acreditavam em Deus, ou temiam a esse e solicitavam o máximo de favores necessários. Conforme já citamos, Rodrigues (2005) fala dessa

religiosidade que acontecia como uma via de mão dupla. Ela havia sido incentivada pela Igreja católica; pedia-se favores aos Santos e a Deus, e se fossem cumpridos, os marujos agradeciam. Senão, a dívida não existia. No caso dos anglicanos ou dos *quakers* com quem Vassa teve muito contato, a relação funcionava de forma distinta. O homem devia ser temente a Deus, praticar boas ações, trabalhar duro e assim seria beneficiado. Ao que parece, os marinheiros colegas de Equiano não seguiam muito essa regra. Ele sim, de acordo com suas descrições, era um praticante. Diversos são os trabalhos acerca desse tema, dessa diferença entre as igrejas ibéricas e as outras no período descrito, e sobre como essa diferenciação operava em um mundo no qual o capitalismo estava se instaurando. Basta ver a questão dos sacerdotes, de que fala Rodrigues (2005): nas embarcações que transitavam no Brasil, nacionais ou de bandeira portuguesa, chegou um momento em que havia por lei a necessidade de haver um sacerdote embarcado com o objetivo de fazer cumprir as regras da igreja. Apesar de não ser totalmente inflexível, Rodrigues mostra que os capitães tinham a necessidade de pagar coimas⁶³ para que os fiscais fizessem vista grossa, caso essa norma não fosse cumprida. Se havia a necessidade desse pagamento, é porque havia a cobrança em relação à regra, e havia, nem que pouca, uma certa fiscalização.

No caso das naves inglesas ou norte-americanas, os próprios marinheiros eram quem professavam a fé, ou não. Essa imensa diferença entre as liturgias e regras das religiões luteranas ou afins e das apostólicas romanas dentro das naves fazia diferença, não só em relação à importância quanto a professar ou não a fé, mas principalmente em relação aos trabalhos litúrgicos. Era impossível, com toda a faina necessária, que os marinheiros parassem para rezar, ou que no domingo não trabalhassem. Sendo assim, já que algumas regras podiam ser quebradas, outras também poderiam. Se nos basearmos apenas nas descrições de Vassa, o mundo religioso fazia parte do cotidiano dos marítimos de forma incrível. Cada vez que acontecia alguma coisa, ou era a fúria de Deus, ou sua benevolência. Equiano buscou ao longo da vida seguir da melhor maneira possível a Bíblia e seus ensinamentos. Contudo, como já problematizamos aqui, era a leitura de um metodista e não de um cristão romano. Além disso, o Sr. King, de quem Vassa foi escravo e depois funcionário, era *quaker*. Os *quakers* tiveram participação importante na abolição da escravidão e durante o período escravista eram conhecidos por serem bons patrões. A filosofia de vida e de trabalho desses

⁶³ Coima é a palavra utilizada para referir-se a suborno de qualquer tipo com os fiscais.

homens renderia um capítulo importante para esse trabalho. Entretanto, esse não é o objetivo no momento⁶⁴.

Além da visão do cristianismo e suas matizes protestantes, mais duas crenças consideramos importantes de tratar em relação à religiosidade na cultura marítima do Atlântico. A primeira diz respeito às religiões de matriz africana. Não encontramos estudos pertinentes ao assunto, contudo, como sabemos que foram muitos os africanos que se engajaram na navegação costeira e de longo curso nesse período, há de se pensar como esses se relacionavam quanto à questão religiosa nas embarcações em que trabalhavam. É provável que muitos, como Vassa, tenham buscado nas religiões ocidentais ou monoteístas abrigo espiritual, visto que suas crenças não eram tão rígidas. É provável que tivessem suas crenças e as seguissem dentro dos limites possíveis. As hibridações religiosas também são elemento importante constitutivo das equipagens⁶⁵.

Uma última crença religiosa consideramos importante problematizar em se tratando da cultura marítima do Atlântico. A costa ocidental africana é, em grande maioria, uma mescla de religiões de matriz originária e de islamismo. Contudo, esse islamismo, principalmente abaixo da região da antiga Senegâmbia, é bastante modificado. Na verdade existe um ditado que diz que não se sabe se o a África foi islamizada ou se o islamismo foi africanizado⁶⁶. Elementos diversos mesclam-se de comunidade em comunidade, adaptando-se de forma a constituir crenças das mais diversas, que possuem fortes elementos regidos pelo Corão. O famoso viajante Ibn Battuta, quando em sua visita ao Mali, ficou espantado com a liberalidade das mulheres, com a simplicidade dos presentes e com outros elementos que destoavam do islamismo que ele conhecia em Fez, sua terra natal. Das fontes que obtivemos, não há menção à prática da fé islâmica dentro das embarcações. Contudo, é quase impossível que não houvessem marinheiros muçulmanos trabalhando no Atlântico. Se haviam, estavam incorporados ao sistema, não professavam sua fé nas embarcações, e se o fizeram, isso não foi

⁶⁴ A redatora da obra de Equiano que utilizamos como fonte principal nesse trabalho destina diversas notas de referência explicando e dando opiniões sobre certos aspectos importantes da narrativa do autor durante o trabalho. Uma dessas notas, bastante extensa, diz respeito a participação dos *quakers* durante o processo de abolição na Inglaterra e nos Estados Unidos. A nota em questão é de número 3 da página 107 no capítulo 5 da obra.

⁶⁵ Seguramente seria um trabalho imenso tentar relacionar as crenças religiosas do período em questão dentro das embarcações. Composta de cristãos, protestantes, muçulmanos, ateus de todas as formas, pagãos, as embarcações eram o arcabouço de uma infinidade de homens que tinham de se relacionar para sobreviver. As hibridações nesse ambiente devem ter sido importantes e extremamente permeáveis para que o trabalho pudesse ser feito. São parcos os relatos que tratam a vida no mar como um espaço de altruísmo religioso. Normalmente os marítimos, as gentes do mar, eram vistas como brutos e não cumpridores dos dogmas de qualquer que fosse a religião. Contudo, era um espaço de crença, no qual um ser superior era invocado quase que diariamente para proteger a vida dos embarcados e o próprio navio.

⁶⁶ Elikia M'Bokolo (2009).

relatado ou não encontramos. A questão é que, para os muçulmanos, uma das principais obrigações de culto é rezar cinco vezes ao dia em direção a Meca. Seria bastante difícil de efetuar essa tarefa na embarcação, pela dificuldade de orientação e também pelo fato de os marujos não disporem de tamanho tempo livre para interromper sua jornada de trabalho para rezar. Elementos outros como não se alimentar de carne de porco seriam de difícil aceitação, visto que essa carne era uma das iguarias que os marujos utilizavam em suas refeições, talvez por seu baixo custo em relação a outras carnes e alto teor proteico.

O que buscamos aqui foi apresentar o quão múltipla podia ser a questão religiosa dentro das embarcações do período. Problematizamos algumas crenças que consideramos as mais professadas e as que de algum modo compuseram culturalmente o caldeirão internacionalista que eram as equipagens do Atlântico⁶⁷. Não encontramos, na fonte principal, situações de conflito em se tratando do tema religioso. Muitos eram os elementos que levavam os marítimos ao conflito, comércio, comida, trabalho diário, brincadeiras mal resolvidas, mas acreditamos que, dentro do possível, havia um respeito mútuo em relação à crença de cada um. Pensamos, sim, que a falta de fé, em qualquer que fosse a religião, não seria uma característica muito bem vinda em um marinheiro. A vida passava diariamente por um fio e acreditar em algo maior que as forças humanas e da natureza era quase que obrigação do marítimo, fosse ele de longo curso, cabotagem, canoeiro, jangadeiro ou fizesse parte desse grande grupo que Mollat (1983) nomeia de “gentes do mar”.

Outro ponto que buscamos analisar diz respeito à cultura política dos marinheiros. De acordo com Vinicius Pereira (2013), acreditamos ser possível utilizar o termo “classe” para determinar os marinheiros, mesmo que, no sentido marxista da palavra, ele encontra-se deslocado em relação ao período de nossa análise. Partindo do princípio de que a classe se determina pela união de um determinado grupo e sua cooperação em relação a outro grupo que se encontra em outra situação, os marítimos podem sim ser classificados dessa forma.

Essa classe, fossem eles escravos ou livres, africanos, europeus ou americanos, acabava por ser submetida às mesmas violações dentro do espaço Atlântico. Em face do comércio e da forma como estavam estabelecidas as relações entre os países e suas colônias no período estudado, a vida dos marítimos acabava por ser em muito similar, fazendo com que suas demandas por melhores condições de alimentação, vestimenta e descanso fossem pontos de ligação que os tornassem companheiros de bordo e de lutas. Independentemente da nacionalidade, da cor da pele e da língua, a vida que levavam a bordo era muito similar,

⁶⁷ Quando nos referimos à equipagens, estamos falando das tripulações que compunham as embarcações que transitavam pelo Atlântico em geral.

criando assim um ambiente de solidariedade e constituindo esse grupo muito heterogêneo como uma classe de trabalhadores.

Os estudos de Peter Linebaugh e Marcus Rediker (2010) apontam para uma necessidade de liberdade por parte desses marujos que fora perdida um século antes, mais ou menos no período do auge da pirataria. Após essa ser estrangulada pelas forças estatais no Atlântico, esses homens acabaram por sobreviver da melhor forma que puderam dentro das naves, mas sempre buscando mais espaço. Apesar de não se constituírem como um grupo organizado com sindicatos e outros mecanismos nascentes à época, os portos eram os pontos de conexão onde marinheiros trocavam de embarcações por um trabalho melhor, auxiliados por outros marujos e no qual escravos marinheiros fugiam sob a proteção de seus congêneres livres.

De alguma forma essa classe buscou ao máximo fugir do estabelecimento de regras imposto pelo trabalho mercantil ordenado pelo nascente sistema capitalista. Sem buscar constituir idealizações ufanistas ou românticas de marinheiros de todos os cantos do Atlântico auxiliando-se sempre que possível, acreditamos que, dentro do possível, esses trabalhadores partilhavam do sofrimento de seus colegas, e, sempre que possível, ajudavam aqueles que estavam em maiores dificuldades.

Durante a leitura da obra de Vassa, é visível essa união e esse sentimento de companheirismo de que tratam Rediker e Linebaugh. Equiano é parte dessa história e seu texto contribui em muito nesse sentido, mostrando que, apesar de escravos ou livres, os africanos participaram de história marítima do Atlântico. Em certo momento, Equiano é enganado por um marinheiro mais experiente que rouba todo seu parco recurso financeiro prometendo conseguir-lhe um bote para fuga. Posteriormente, Equiano fala que os outros marinheiros ficaram “enojados” com o sujeito que havia trapaceado o jovem marinheiro, mostrando de alguma forma esse sentimento de cooperação nas embarcações.

3 GUSTAVUS VASSA E A MEMÓRIA DE ÁFRICA

3.1 Equiano: entre os fatos, literatura, ficção, subjetividade e representatividade

De acordo com Elisabeth Odachi Onogwu, o texto de Equiano é complexo e único em se tratando de narrativas de escravizados. A construção de um relato que compõe memória de infância com os acontecimentos do mundo de seu tempo, aliado à questões filosóficas baseadas na Bíblia, faz do texto de Olaudah uma obra difícil de ser analisada⁶⁸. Não pretendemos aqui fazer um estudo textual profundo de toda obra de Gustavus Vassa, pois isso seria impossível, visto que não possuímos aportes teóricos suficientes para tal.

Nos doze capítulos da obra, o autor difere muito suas perspectivas em relação ao mundo que descreve. O que nos interessa refletir aqui diz respeito aos primeiros dois capítulos, nos quais Equiano descreve a África, ou a lembrança que tem dela. O continente descrito pelo autor é, sem dúvida alguma, um lugar mítico, imagem fortemente combatida hoje em dia nos estudos acadêmicos que surge das lembranças que o adulto Vassa possui de sua infância e dos relatos que chegam à Europa da região na qual esse mesmo adulto teria nascido.

Entre esses, o mais importante é o reino do Benin, tanto por sua grandeza quanto por sua riqueza, por sua fertilidade, pelo cultivo da terra, o poder de seu rei, o número⁶⁹ de habitantes e seu valor guerreiro... Esse reino se divide em muitas províncias e distritos; em um dos mais remotos e férteis, chamado Eboé, nasci no ano de 1745, no encantador vale de Essaka. (EQUIANO, 1999, p.38).

A ideia de um vale lindo e encantador, rico e fértil, fazem parte da literatura e da memória em retrospecto bem construída de Gustavus Vassa. A região de nascimento do autor talvez fosse realmente abençoada, até porque era uma das regiões produtoras de alimentos comerciados com o litoral, como já foi citado aqui. Conquanto, o mundo idílico que o autor reconstrói não é tão verídico. A região da Igbolândia sofria há quase trezentos anos, na época

⁶⁸ ONOGWU, Elisabeth Odachi. *Between literature, facts and fiction: Perspectives on Olaudah Equiano's The Interesting Narrative*. ONOGWU, 2009, pg. 142 In. Appud. KORIEH 141-156.

⁶⁹ A ideia de uma África mítica e selvagem tem sido extremamente combatida pelos pensadores africanos. Autores como Valentim Mudimbe (2013) e Elikia M'bokolo (2009) tem buscado mostrar em suas obras que a África pode e deve ser muito mais do que esse continente construído no imaginário ocidental a partir do que Mudimbe vai chamar de "biblioteca colonial". De acordo com o autor, o período colonial legou ao conhecimento ocidental uma série de preconceitos acerca do continente, que mistificam o mundo africano.

de vida de Olaudah, com as pressões dos sequestros e guerras em função do aumento da necessidade de escravos no Novo Mundo. Os europeus encastelados no litoral iam aos poucos transformando as sociedades do interior do continente, e entre essas estava a dos Igbos.

Entretanto, os “fatos” apresentados pelo autor nos mostram um mundo real, o dos Igbos. Equiano teve a competência de escrever sua obra utilizando-se de uma capacidade literal e ao mesmo tempo apresentando fatos que compõe esse lugar, essa sociedade, e que são, para nós historiadores, o motivo de sua obra ser tão importante. “Se poderia dizer que somos um país de bailarinos, músicos e poetas... temos muitos instrumentos musicais e tambores de vários tipos.” (EQUIANO, 1999, p.40). A riqueza de detalhes do texto lembra uma obra literária. Para muitos leitores, pode parecer que o autor está criando uma ficção, um mundo similar ao que vive em Londres e que, de certa maneira, quer apresentar a seu leitor. Aparentemente, de acordo com estudos atuais, os Igbos são um povo musical, que tem na oratória uma de suas mais importantes virtudes, além, é claro, das capacidades laborais ligadas à terra.

Impressiona a habilidade do autor em construir ao mesmo tempo uma visão ficcional e verídica, sem deixar de lado uma literalidade em relação à sua vida. Aos estudos de hoje, essa mitificação da África se torna prejudicial; entretanto, não se pode deixar de lado a importância que esse tipo de criação literária teve no imaginário dos leitores de Equiano. A palavra “África” vem carregada de uma série de estereótipos, em grande parte negativos, como diz Valentim Mudimbe (2013, p. 33-41). Pensar um continente rico, fértil e organizado, mesmo que idealizado por um ex-escravo no século XVIII, mas que aos estudos históricos se mostra bastante fidedigno, é um grande avanço em relação ao entendimento de como enxergar a África.

Por mais que Equiano tenha tomado emprestada a máscara branca⁷⁰, o que o fez realmente, sua visão de África ainda trazia um mundo distinto do que era relatado por outros de seu tempo. Analisar esses limites entre a ficção, os fatos e a literatura também faz parte do trabalho do historiador, visto que essa obra, enquanto fonte, é rica em todos os três elementos.

⁷⁰ Quando nos referimos à “máscara branca”, estamos fazendo alusão à obra fundamental de Frantz Fanon (2008), intitulada “Pele negra, máscaras brancas”. Fanon descreve a situação de seus conterrâneos que iam estudar na França e, quando retornavam a Martinica, vestiam-se com essa “máscara branca”. Desde o jeito de andar, falar, vestir-se, os lugares onde podiam ser encontrados, a forma de pensar: tudo era uma cópia do que haviam experimentado no velho mundo. Fanon analisa e discute essa situação de forma a buscar entender como esses centro-americanos que, quando estavam na França eram rechaçados e discriminados, quando retornavam à pátria, tornavam-se o “outro”. O livro, que foi publicado em 1952, é obra fundamental para entender as relações pós-coloniais, tanto dos países africanos quanto dos caribenhos. Fanon foi ativista e esteve profundamente envolvido na luta pela independência da Argélia.

Seria uma ingenuidade pensar no texto de Olaudah apenas como um relato a ser dissecado, tentar tirar dali apenas o “verdadeiro”, pois isso seria impossível. A obra é conjunta, é rica e tem de ser vista aos olhos de sua completude⁷¹. Pouco mais de quarenta anos depois da morte de Equiano, outro ex-escravo iria contar sua vida nos EUA, auxiliando os abolicionistas com sua narrativa viva e eloquente no processo de abolição daquele país. Alessandro Portelli cita que: os dirigentes brancos do movimento abolicionista diziam para que Frederick Douglass contasse sua vida da forma mais *objetiva e concreta* possível; “dá-nos os fatos”, e deixe que nós filosofemos”⁷² (PORTELLI, 1996, p. 59).

A ideia de um testemunho factual ou de uma memória nuclear inicial é uma ilusão, de acordo com Portelli (1996). Os fatos, a literatura e a ficção fazem parte da narrativa e da memória. É claro, se faz ainda mais necessário o cruzamento de fontes para que o historiador possa confrontar as histórias e as lembranças. Contudo, as memórias nunca serão idênticas, nunca será a mesma lembrança. É importante buscar outros dados que possam de alguma forma fortalecer os argumentos. No caso de Equiano, isso não se torna difícil. Sua memória, em grande medida, é composto até os dias de hoje de grandes recordações das comunidades Igbos. Como diz Portelli, “a história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (1996, p. 8).

Isso significa que, hoje ou no passado, sua lembrança não foi uma construção equivocada. Talvez fosse um pouco idílica ou idealizada, principalmente pela idade em que escrevia, já na maturidade, e pelo objetivo de sua obra. Mas isso não a torna menos válida, nem menos importante.

É Alessandro Portelli que também nos alerta para a importância de outros dois elementos a serem analisados em um texto como o de Equiano: a subjetividade e a representatividade. O que é subjetivo na obra de Olaudah, e o que não o é? Na verdade, tudo é subjetivo, se partirmos do princípio de que a obra foi escrita por um homem, e isso faz parte da “humanidade”. “A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e

⁷¹ Aqui nos referimos à questão de que o texto de Equiano não pode ser analisado sem pensar que ele foi escrito ao final da vida e que se trata de uma autobiografia. No primeiro capítulo desse trabalho, nos detivemos a refletir sobre o quão importante foi e é essa obra, mas também nos cuidados necessários para analisá-la. É preciso pensar que o africano Equiano é complementar ao europeu Vassa, e que, dessa forma, podemos buscar encontrar o marinheiro Gustavus Vassa, ou o Africano Olaudah Equiano.

⁷² As reflexões acerca da memória, das lembranças, do campo de possibilidades a que os escravizados estavam sujeitos é um dos pontos mais trabalhados por Portelli. O autor inclusive chega a utilizar em seus trabalhos citações de Equiano. Alessandro Portelli é professor da Universidade de Roma, trabalha com História Oral e Memória na área da literatura. Tem sido referência para pensar as memórias de escravizados e outros grupos sociais na área da História.

atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso⁷³.

A subjetividade é o que torna este relato tão rico e tão importante para a identidade dos Igbos. Não fosse ela, talvez a obra não fosse reconhecida da forma que é. E a subjetividade não deve ser exorcizada, como diz Portelli. Deve sim ser analisada com regras, procedimentos que nos permitam utilizá-la. Se assim pudermos, essa pode tornar-se a maior contribuição que a fonte pode fornecer. Se a leitura da obra de Equiano for feita apenas com os preceitos acadêmicos cartesianos de análise, pode ser muito rica. Contudo, sua riqueza se potencializa de forma exponencial se pudermos aliar a esses preceitos cartesianos as leituras de mundo africanas, as subjetividades africanas, aquilo que Valentin Mudimbe vai chamar em sua obra de “gnose” do conhecimento⁷⁴. Essa não é tarefa fácil, principalmente a um pesquisador ocidental; porém, Kwame Appiah diz que basta iniciar essa busca para que já possamos começar a entender essas diferenças e encontrar as semelhanças. A partir daí, o trabalho torna-se muito mais rico.

Quanto ao outro ponto, o da representatividade, surge a questão: porque Equiano torna-se representativo para os africanos e para os Igbos? O que permite essa conexão? Novamente recorremos a Portelli para tentar explicar esse ponto. A narrativa de Olaudah agrupa um “campo de Possibilidades” expresso de todo um momento histórico, de toda uma época e por todo um grupo imenso de pessoas, mesmo que esses não tenham tantas relações entre si, como é o caso dos “africanos”. No caso das comunidades Igbo, isso responde muito melhor, pois, sim, a vida e a trajetória do autor podiam ter sido a de qualquer outro membro da Igbolândia naqueles dias do século XVIII, tanto quanto nos posteriores ou anteriores. Para cada membro de qualquer clã, falando ou não o mesmo idioma, morando ou não acerca do mar, vivendo ou não de acordo com as mesmas regras, seria possível imaginá-la. É o que se pode chamar de uma subjetividade socialmente compartilhada. O importante não são apenas as experiências comuns que fazem culturalmente Equiano ter sido considerado a memória

⁷³ Idem, *Ibidem*. Portelli, p.2.

⁷⁴ Não é fácil tentar explicar o que o autor se refere quando fala em “gnose”. Resumidamente, seriam os conhecimentos africanos que não podem ser expressos dentro dos padrões cartesianos ocidentais, ou porque foram transmitidos pela via oral e não possuem os devidos registros necessários às constatações acadêmicas, ou porque simplesmente fazem parte daquele grupo de conhecimentos ditos ancestrais, ou mesmo “mágicos”. De acordo com Mudimbe: “gnose significa, especificamente, procurar saber, questionar, métodos de conhecimento, investigação e, mesmo ainda, familiaridade com alguém. Normalmente, a palavra é usada num sentido mais especializado, referindo-se a um conhecimento mais elevado e esotérico e, dessa forma, a um conhecimento estruturado, comum e convencional, mas sob o controle estrito de procedimentos específicos tanto para o seu uso como para sua transmissão. Consequentemente, gnose é diferente de doxa, ou opinião e, por outro lado, não pode ser confundida com episteme, entendida tanto como ciência quanto como configuração intelectual genérica”. (MUDIMBE, 2013, p.9).

nuclear das comunidades Igbo, mas sim as possibilidades imaginadas e compartilhadas entre esses grupos que tornaram esse Igbo africano tão representativo aos olhos de hoje.

3.2 Da memória e do conhecimento africano

Antes de iniciar a reflexão acerca das lembranças de Gustavus Vassa e de seu mundo Igbo, julgamos necessário fazer algumas considerações a respeito da diferença entre o espaço que ocupa a memória para a civilização ocidental e para os saberes africanos. Como diz Hampaté Bâ,

É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. Quando descrevo o traje do primeiro comandante de circunscrição francês que vi de perto em minha infância, por exemplo, não preciso me “lembrar”, eu o vejo em uma espécie de tela de cinema interior e basta contar o que vejo... ⁷⁵ (HAMPATÈ BÂ, 2003, p.13).

Acreditamos realmente que essa “lembrança”, essa memória de que nos fala Hampaté Bâ, é verídica e fidedigna. Creio que muitas pessoas, sejam elas ocidentais, orientais ou africanos, possuem lembranças vivas das épocas mais remotas de sua existência. Contudo, o que aqui se apresenta como problema historiográfico é o quanto essa memória é valorada enquanto construção histórica para os saberes dessa disciplina acadêmica no mundo ocidental e o quanto, no mesmo mundo acadêmico africano, ela é válida.

Amadou Hampaté Bâ é um acadêmico, foi um dos grandes pensadores que buscou um entendimento entre os saberes endógenos africanos e o conhecimento cartesiano produzido pelo ocidente. Escreveu diversos textos, livros, artigos, inclusive na coleção História Geral da África, produzido pela UNESCO, que tinha por objetivo escrever uma história da África a partir de leituras dos pensadores africanos, proposta também desse trabalho. É claro, com as considerações de outros pesquisadores não africanos, mas que partilhassem do mesmo propósito, escutar os “sons”, as palavras que vêm de dentro do continente.

O trecho acima descrito nos revela uma África que tem a base de seus saberes na memória e não na escrita, como é o caso dos ocidentais. Dessa forma, é difícil para um

⁷⁵ HAMPATÈ BÂ, Amadou. *Amkoullel, O menino Fúla*. São Paulo, Ed. Palas Athena – Casa das Africas, 2003.

ocidental acreditar em certos relatos, em certas “visões”, como fala Hampaté, que para um africano seriam comumente aceitas. No ocidente, esse tipo de experiência faz parte de um imaginário irracional ou sobrenatural, que é desconsiderado quando se fala em pesquisa acadêmica. Mas como entender um povo, uma cultura, um mundo no qual esse saber é o “grande” saber? No qual essa memória é o grande livro, o grande relato, o cotidiano? Grande parte dos conhecimentos históricos produzidos hoje, seja no ocidente, na África ou no Oriente, acerca de um passado anterior ao século XIX, se baseia em documentos escritos a partir de memórias, de recordações, de lembranças. Heródoto, Marco Polo, as centenas de diários dos franciscanos e jesuítas; grande parte dos textos a que estamos acostumados a trabalhar são memórias, tal qual a de Gustavus Vassa, e os utilizamos como fontes. Talvez, para o saber africano, essas “memórias” tenham um peso que nós ocidentais nunca iremos vivenciar, pois não crescemos nessa tradição, não moldamos nossa lógica de mundo nesse saber. De acordo com Célia Montoio, tradutora da obra de Equiano para o espanhol,

É difícil crer que um menino de onze anos pudesse armazenar uma memória tão nítida dos costumes e da estrutura de sua sociedade, e isso unido ao que ele mesmo reconhece em ocasiões de dúvida contraída com autores familiarizados com a costa da Guiné, que depois descreveram a zona, como seu amigo Cugoano, ou o *quaker* Antony Benezet, é provável que grande parte de sua descrição se apoie na literatura posterior⁷⁶. (EQUIANO, 1999, p. 22)

Ao ler o comentário da autora e o de Hampaté na página anterior, fica claro a distância entre a forma de construção dos saberes que estamos analisando. Contudo, acreditamos não ser impossível encontrar essa “ponte” que possa tornar a forma de conhecimento e as vivências africanas parte do processo aceito por nós, ocidentais, como “acadêmico”. Esse desencontro entre as metodologias de construção do saber vem sendo uma barreira para a introdução do entendimento no mundo ocidental das lógicas africanas há décadas.

É necessário que se ultrapasse essa barreira, que se dê um passo adiante em relação a esse saber. Para isso, é preciso que se tenha mais acesso aos textos de africanistas imbuídos

⁷⁶ Acreditamos que o questionamento de Célia Montoia seja o questionamento de grande parte dos pesquisadores ocidentais em relação às “fontes” africanas. Entretanto, é preciso ultrapassar esse limite, essa barreira, e tentar entender que as civilizações do continente africano, em grande parte, não utilizaram a escrita como forma de registro de seu saber ao longo dos séculos. E, se a utilizaram, não foi com o intuito de registrar seus saberes e sim os registros administrativos. Se pretendermos encontrar uma África endógena, é preciso tentar entender, ao menos, a forma como essa África se entende, sua lógica interna. A tradução do espanhol é livre do autor.

desse objetivo, como Kwame Antony Appiah ou Valentim Mudimbe⁷⁷. Contudo são poucas as obras desses autores traduzidas para o português e menos ainda sua distribuição entre as universidades brasileiras. A grande obra da UNESCO, História Geral da África, que foi produzida nos anos setenta e compilada nos anos oitenta, possuindo oito volumes de fôlego, com quase dez mil páginas, só foi traduzida para o português em 2010, pela Universidade Federal de São Carlos. Essa obra, que foi distribuída gratuitamente para as universidades brasileiras e que possui uma versão on-line em PDF, tem sido hoje grande plataforma de conhecimento dos pesquisadores brasileiros que buscam uma África sujeito. Entretanto, essa já é uma obra bastante desatualizada. Foi lançada inicialmente em 1980 e traduzida para o inglês, francês e árabe entre 1980 e 1990⁷⁸.

Diversas são as barreiras e dificuldades a que o pesquisador principiante se depara. Além da lógica de entendimento, outra grande barreira que se encontra é a da língua. Apesar de a África ser dividida, em grande parte, por falantes do inglês, do francês, do português e de outras línguas europeias, essas línguas são basicamente utilizadas nas vias administrativas e burocráticas, quae não são os lugares dos saberes; esses se encontram nas línguas tradicionais. Os idiomas ancestrais ou tradicionais africanos são milhares. De acordo com o Geógrafo Felipe Jorge Kopanakis, em seu Atlas Linguístico da África, existem sete grandes raízes linguísticas, ou troncos. São eles: Crioulo, Nilo-Saariano, Afro-Asiático, Magalásio, Indo-Europeu, Cóisan, Níger-Congo⁷⁹. Além desses sete troncos, existem outros subgrupos de idiomas, muitos inteligíveis entre si, como no caso da comunidade de Olaudah Equino, os Igbo, “apesar de muitos dias de viagem da casa de minha mãe, essa gente falava exatamente nosso mesmo idioma”. (EQUIANO, 1999, p.55). Só nas últimas décadas, aos poucos, começou a ser buscado por pesquisadores do continente africano, como Hampaté Bâ (2010), entender esses saberes e esses mestres em suas línguas originais. Como Tierno Bokar diz,

⁷⁷ Kwame Anthony Appiah (1997) e Valentim Mudimbe (2013) já foram citados na introdução desse trabalho. São autores “indispensáveis” para o pesquisador que procura entender a África de dentro para fora, como diz Fabio Leite (2008), a África sujeito. Ambos são professores e pesquisadores de renome no mundo acadêmico, seja ele ocidental ou africano. Africanos de nascimento, contudo, tiveram suas vidas transformadas por viver ambas as culturas e saber aproveitar dessa mescla, dessa hibridação. Buscaram, em seus trabalhos, encontrar o que aqui nomeamos de “ponte” entre os saberes ocidentais e os saberes ancestrais ou tradicionais do continente africano.

⁷⁸ Para acessar os oito volumes da História Geral da África – Unesco, buscar o site do Ministério da Educação. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16146 . Apesar da obra estar um pouco desatualizada, como já falamos, é leitura fundamental para o entendimento das metodologias e das distâncias entre o saber ocidental e africano. Em especial o Vol. I. Acesso em 30/03/2015.

⁷⁹ Felipe Kopanakis é Mestre em Geografia pela IESA-UFG e foi consultor de diversos órgãos governamentais, inclusive da UNESCO. Produziu um Atlas sobre o continente africano muito rico e diversificado que foi distribuído gratuitamente em escolas públicas de diversos municípios brasileiros. O atlas pode ser acessado através do link: http://issuu.com/aldeiaagriot/docs/anexo_de_mapas_historia_da_africa_ueg. Acesso em 30/03/2015.

A escrita é uma coisa, e o saber é outra'. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem: a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente⁸⁰.

Acreditamos que se possa encontrar um caminho de entendimento, no qual os saberes africanos e ocidentais se entrecruzem, e esse cruzamento será muito proveitoso para ambos os lados. É possível que o conhecimento cartesiano ocidental possa trazer benesses às sociedades africanas em termos de evolução tecnológica, ou mesmo cultural. E acreditamos que, com certeza, os saberes tradicionais africanos ancestrais podem trazer uma dimensão mais “humana” das sociedades para o conhecimento ocidental e para a civilização moderna que, aparentemente, usando somente do cartesianismo, esqueceu o significado das palavras “humano” e “civilizado”⁸¹.

3.3 A vida na Igbolândia

De acordo com E. J. Alagoa a região do “país” Igbo, é povoado desde a Idade da Pedra, há aproximadamente 5.000 anos⁸². Abrigos, cerâmicas e instrumentos foram encontrados na região de Afikpo e Nsukka, demonstrando uma ocupação de longa data. Além disso, aparentemente a cultura do inhame, tão presente nessas comunidades, data de 3.000 anos (ALAGOA, 2010). Na Igbolândia, como é conhecida a região dos falantes das línguas Igbo, a regra que se estabeleceu foi a concentração de pequenas aldeotas dedicadas à agricultura de subsistência, ao plantio do inhame, do dendê, da banana e dos feijões, além da

⁸⁰ Tierno Bokar Salif, que já foi citado aqui, falecido em 1940, passou toda sua vida em Bandiagara, Mali. Grande mestre da ordem muçulmana de Tijanfyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos. Sobre o autor ver Hampaté Bâ (2010).

⁸¹ Para entender melhor a relação entre a modernidade, o cartesianismo, o tradicional, a oralidade e a forma com que esses conceitos podem ser apropriados e diferentemente utilizados nas sociedades ocidentais e nas sociedades africanas, consideramos o texto de Kwame Appiah, capítulo 6 (1997), *Velhos deuses, novos mundos* como o mais elucidativo. Appiah relativiza o que significa a “verdade” para os saberes ocidentais e como são os processos de constituição dessa verdade, suas falhas e dúvidas. Além disso, apresenta também os limites dentro dos saberes tradicionais africanos e da oralidade; mostra a diferença entre os entendimentos dos saberes dentro das sociedades letradas e iletradas, e quais os benefícios “humanos” para essas sociedades em termos do que consideramos “civilização”.

⁸² De acordo com Victor Uchendu (1977), a nomenclatura africana correta seria Igbo. Ibo é sua transliteração para os Idiomas ocidentais. Como nesse trabalho buscamos encontrar a África endógena, optamos por utilizar Igbo.

criação de pequenos animais como galinhas, carneiros, cabras, a pesca e o comércio⁸³. As estruturas de poder e a ordem social estavam baseadas nas cabeças de linhagens, nas sociedades secretas, nas associações de títulos, nos conselhos de anciãos, nos grupos de idade e sacerdotes, sendo que só tinham acesso a esses títulos aqueles que se destacavam como grandes guerreiros, oradores ou por sua riqueza. Grandes taxas eram pagas para que se pudesse ascender socialmente. Dessa forma podemos imaginar que a unidade básica de vida era a aldeia, ou grupo de aldeias, ou mesmo o clã⁸⁴. É esse o cenário no qual Olaudah viveu até os onze anos de idade, de acordo com pesquisadores e com sua memória. Equiano nos dá um panorama muito similar a esse em suas descrições. Porém, o que se destaca aos olhos do pesquisador é a diferença em relação às nomenclaturas.

Olaudah saiu da África aos onze anos de idade e nunca mais retornou. Viveu durante a maturidade e se constituiu como adulto dentro de embarcações que singravam o Atlântico e o Mediterrâneo. Tornou-se homem adulto no mundo ocidental. Então, suas lembranças remetem a um mundo que ele recorda, mas talvez não entenda completamente. Os Igbo foram em muito escravizados, principalmente no século de vida de Equiano. É, sim, muito provável que ele tenha encontrado ao longo da vida diversos conterrâneos e, aos poucos, reconstruído a lembrança da sua comunidade.

A nação Igbo foi uma das que mais sofreu com o nascimento do mercado internacional de escravos no mundo atlântico, principalmente em virtude de seu tipo de estruturação social e da facilidade com que os escravizados nessas comunidades podiam ser transportados para os grandes portos de distribuição de escravos na costa do Atlântico, como Bonny e Elem Kalabari no delta do Níger, e Calabar no estuário do Rio Cross. Essas aldeotas, pequenas estruturas políticas, tornavam as comunidades Igbo vulneráveis, pois não haviam Estados potentes para protegerem seus residentes, como explicita Ebiegberi Alagoa (2010). Pequenas guerras entre os grupos ou clãs, capturas e sequestros, como o ocorrido com Equiano, fizeram das comunidades Igbo a segunda maior fornecedora de escravos ao mundo Atlântico, apesar de não entrarem em contato direto com os europeus até o final do século XIX e início do XX. “nunca ouvi falar de homens brancos, nem de europeus como tampouco do mar.” (EQUIANO, 1999, p.38). Equiano diz em sua autobiografia que nunca havia ouvido falar dos europeus, nem do mar. Contudo, descreve que havia rumores desses homens que

⁸³ Dois foram os autores principais que utilizamos para situar o leitor na realidade do que se pensa ser o mundo Igbo no tempo de Equiano: Alberto da Costa e Silva (1996) e Ebiegberi Alagoa (2010).

⁸⁴ Para um entendimento dos povos dessa região, de suas conexões, de suas similitudes em relação à ordem social e política, o melhor texto que utilizamos foi “O Benin e o Delta do Níger”, que é um dos capítulos que compõe o livro “A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700”, de Alberto da Costa e Silva (2002).

vendiam produtos que os próprios Igbos consumiam, mas que chegavam a eles através de comerciantes africanos que atravessavam suas terras.

Cabe aqui uma reflexão acerca desse domínio imaginário que pensava-se existir sobre o continente africano. Na verdade, grande parte dos europeus nunca adentrou o continente. Primeiro porque não tinham a capacidade militar para isso e também porque o território era dividido, fazendo com que a cada pequeno trecho fosse necessário uma nova negociação. Dessa forma, as feitorias e a costa foram realmente o lugar desses negociantes. Afora isso, os africanos tiveram gerência sobre a maior parte de seu território até o final do século XIX.

As tradições orais demonstram que, desde longa data, as decisões nas comunidades Igbo eram transmitidas por oráculos ou sacerdotes, sendo que, dentre eles, alguns influenciavam diferentemente as pequenas aldeias, possuindo maior poder do que outros. Os sacerdotes de Nri possuíam grande poder sobre diversas comunidades da Igbolândia. Podiam nomear titulares dos cargos de *ozo* e *eze*, títulos de poder que designavam o homem com sinais exteriores, como a tornozeleira, o bastão e o tamborete. Diz Equiano que “meu pai era um desses anciãos ou chefe dos quais falei, e se chamava embreche, termo esse, me recordo, que era a mais alta distinção e que em nossa linguagem significava um sinal de grandeza”⁸⁵.

De acordo com Alberto da Costa e Silva, Nri desempenha uma posição central no imaginário Igbo: “a rua que a corta é a rua dos deuses e por ela passam todos os que morrem, a caminho da terra dos espíritos” (2002, p. 345). Dessa forma, quem controlasse Nri teria grande influência sobre toda a região. É provável que, quando o tráfico internacional de escravos tomou grandes proporções, esses sacerdotes ou oráculos tiveram o poder de incitar a guerra entre pequenos clãs ou comunidades com o objetivo de adquirir escravos para a venda. A primeira fonte de escravos na África é a guerra, e essa é feita para gerar escravos⁸⁶. No texto de Equiano, temos uma referência a essa questão:

⁸⁵ De acordo com Equiano, seu pai fazia parte da mais alta classe dentro da comunidade Igbo, onde viviam. Em outros trechos de sua descrição, fala da quantidade de filhos e da quantidade de escravos, o que leva a crer que ele também iria ter uma boa situação dentro da sociedade caso não tivesse sido sequestrado. De acordo com John Adams, em Igbo, *breeche* significa “cavaleiro” ou algo similar. E, de acordo com Paul Edwards, esse mesmo termo confere com a dita escarificação de seu pai que Equiano cita. Ambas as citações, de John Adams e Paul Edwards, estão nas notas da fonte (EQUIANO, 1999, p. 39).

⁸⁶ Em relação à escravidão em África, às guerras para gerar escravos e essas difíceis correlações com o que foi o tráfico internacional de escravos, vamos desenvolver o assunto em um subcapítulo mais adiante, principalmente por acreditar que esse é um dos assuntos mais “espinhosos” para serem tratados nesse trabalho. Mais do que os outros assuntos, esse merece que analisemos a escravidão africana sob os olhares de pesquisadores africanos para que possamos fazer relações com o tráfico internacional de escravos sem cair no senso comum de que, se havia escravidão antes dos europeus, esses não fizeram nada mais do que ampliá-la, como alguns pesquisadores já sugeriram no passado.

Pelo que me lembro dessas batalhas, parecem ter sido invasões de um pequeno estado ou distrito em outro com o objetivo de obter prisioneiros e butim. Quem sabe lhes incitavam os comerciantes que traziam os artigos europeus que eu havia falado. Esse modo de fazer escravos é habitual na África, e creio que conseguem mais dessa maneira e com sequestros do que nenhuma outra. (EQUIANO, 1999, p.44).

Grande parte do mundo em que Equiano viveu até os onze anos foi descrito até aqui. Além de lembranças acerca das guerras e da estrutura familiar, o autor deixou um relato da vida cotidiana e das relações sociais. Como já foi citado, as comunidades Igbo entraram em contato direto com a Europa apenas no final do século XIX. Sendo assim, eles obtinham produtos europeus, como armas de fogo e pólvora, por meio de atravessadores do litoral ou comerciantes do interior do país. Esse comércio era feito através das vias de navegação dos grandes rios como o Níger e o Cross. De acordo com Ebiegberi Alagoa (2010), esses atravessadores deviam ser os Aro, controladores das rotas comerciais do interior e de alguns mercados.

Também temos mercados, a eles fui com minha mãe. Às vezes vão a eles uns homens robustos de cor caoba (mogno) procedentes do nosso sudoeste; chamamos eles de OYE-EBOE, termo que significa “homens vermelhos que vivem à distância”. Geralmente nos trazem armas de fogo, pólvora, chapéus e pescado seco. (EQUIANO, 1999, p.43).

Esses atravessadores ou comerciantes de que Equiano nos fala provavelmente serão os mesmos que no futuro serão conhecidos por “pombeiros”: aqueles homens que adentravam os territórios para comerciar os produtos que trocavam com os europeus na costa, mas que viajavam também com o objetivo de obter escravos. Nesse momento e para esse tipo de comerciante, as crianças eram as grandes presas. Podiam ser sequestradas, levadas no colo durante parte do trajeto e posteriormente vendidas na costa, ou mesmo em outra região às vezes bastante próxima.

Essas histórias de sequestro provavelmente eram bastante contadas entre os Igbo e existia uma grande preocupação em relação a isso. Histórias de crianças que brincavam fora da paliçada, ou que tinham ido buscar água no rio, ou mesmo que estavam dentro de casa, como o caso de Equiano e sua irmã, e que nunca mais eram vistas (COSTA E SILVA, 2002, p. 109-110).

Na Igbolândia, a agricultura era a principal atividade de todos na comunidade. Em relação à descrição de Equiano sobre a forma de cultivo nas comunidades, há uma similaridade com o que ocorre até os dias de hoje em algumas aldeias Igbo. Tanto homens

quanto mulheres participam do trabalho. Dessa forma, no passado, as casas com as crianças ficavam vulneráveis aos ataques daqueles que buscavam escravizar.

No texto, é possível identificar alguns exageros em relação às quantidades produzidas, qualidade da terra e produtos. Equiano recria uma África mítica, como já dissemos, o que era muito comum nesse tipo de texto, pré e pós abolição. Em seu relato há abundância em vegetais de todo tipo, terra rica e fértil, enormes quantidades de comida de várias qualidades, frutas e mel de gosto excepcional. Dentro da lógica do texto proposto pelo autor, havia a necessidade de mostrar aos europeus uma África rica de alimentos, de conhecimento e de qualidade de vida, em especial, com o objetivo de argumentar o quanto o tráfico escravista era pernicioso e destruidor.

No século XVIII as notícias que se tinham do continente africano através de viajantes europeus eram de fomes, de doenças exóticas e de barbárie entre os próprios africanos.

É doloroso pensar que quase duzentos e cinquenta anos depois, ainda seja essa a visão que o mundo ocidental tem daquele continente. No entanto, a realidade que se tem conhecimento do continente africano daquele período difere um pouco do que Equiano apresenta. Realmente, haviam muitas crises de fome, tanto quanto a Europa sofreu, principalmente pelas nuvens de gafanhotos relatadas pelo próprio autor e por outros também. Além disso, essa idealização de uma comunidade sem moeda corrente na qual “cada um contribui com alguma coisa ao acervo comum, e como desconhecemos a preguiça não há mendigos entre nós”. (EQUIANO, 1999, p.43), não condiz com a realidade do mundo Igbo da época.

Ao que se sabe, não foram poucas as vezes nas quais alguém era vendido como escravo para saldar alguma dívida, seja da família ou da comunidade. Assim, apesar de terem existido comunidades como as dos Igbo, que só foram entrar em contato direto com os europeus no final do século XIX, a África comerciava com os outros continentes muito antes do tráfico internacional de escravos, de acordo com Immanuel Wallerstein (2010)⁸⁷.

É preciso estar atento à leitura da obra de Olaudah, principalmente em se tratando dessa construção da memória de África. O texto, escrito com os objetivos abolicionistas e, ao início da produção, financiado por 321 assinantes que se comprometiam na compra do livro,

⁸⁷ Durante muito tempo, se considerou apenas o comércio do tráfico internacional de escravos como o primeiro momento no qual as comunidades africanas adentraram o comércio internacional. Contudo, Wallerstein (2010) apresenta dados que corroboram com a ideia de que o continente africano participava ativamente do comércio internacional antes do século XVIII, com diversos outros produtos e em diversas regiões distintas, através principalmente do tráfico Índico e Saariano.

não poderia ser diferente⁸⁸. Cabe a nós podermos discernir o que é passível de exageros e o que realmente remete a uma memória africana originária, sem a intervenção de *Gustavus Vassa*, o europeu. Esses são os limites para analisar a narrativa que nos propomos. Qual a capacidade de Equiano escrever como um africano depois de ter passado décadas distante de seu mundo de origem, e qual o limite que a estrutura à sua volta lhe impõe, permitindo que ele escreva o que realmente se recorda ou o que é necessário que seja escrito? Esse duelo de “identidades” torna ainda mais rica a leitura da obra e sua importância no que tange à história da África.

Conforme Paul Gilroy (2001), são homens como Olaudah que construíram a modernidade sob o madeirame dos navios que cruzavam o Atlântico. Entretanto, esses homens foram, em sua grande maioria, escravizados, ou carregavam na pele a marca da cor que separava os homens em livres ou escravos. Dessa maneira, é sempre estranho pensar que, para que Equiano seja entendido como uma memória verdadeira, é preciso tê-lo como europeu, como *Gustavus Vassa*, quando na verdade ele nunca deixou de ser o africano Olaudah.

O período da vida de Equiano foi um momento conturbado na costa ocidental africana. A chegada dos europeus causou mudanças estruturais nas comunidades que permaneciam quase intocadas por décadas, talvez centenas de anos, não há como saber. O que se sabe é que esse “contato” teve consequências devastadoras para os Igbos. Em *O mundo se Despedaça*, obra fundamental do escritor e pesquisador africano Chinua Achebe (2009), essa relação se apresenta de forma mais clara do que na descrição de Equiano, talvez porque Achebe escreva com os olhos do africano que olha para o passado, vendo o que aconteceu aos Igbos após o contato, sua desestruturação, um mundo despedaçado. Olaudah Equiano escreve com os olhos do africano que vislumbra um futuro melhor para seu povo⁸⁹.

⁸⁸ Era comum nessas biografias de escravos esse tipo de financiamento. O movimento abolicionista utilizou-se muito desse tipo de auxílio para que os autores pudessem escrever suas memórias de África. A nosso ver, o que mais enriquece a obra de Equiano foi ter sido escrita ainda no século XVIII, de próprio punho, o que não aconteceu com a maioria dos outros relatos que se tem notícia. Esses outros foram ditados pelos escravos a algum biógrafo. É possível, nessas situações, “enxergar” facilmente no texto a “voz” do escravo ou ex-escravo e do biógrafo. No texto de Equiano, o que podemos identificar com clareza é a “voz” de Olaudah Equiano, o *Africano* e de *Gustavus Vassa*, o *Europeu*. Nesse sentido *Gustavus Vassa* torna-se como um alter ego de Equiano. Durante a leitura da fonte, muitas vezes é possível identificá-lo como o europeu. e Equiano como o africano. Essa dupla identidade é um dos elementos mais importantes a ser estudado em relação às pesquisas literárias sobre a obra de Equiano. Acreditamos que isso é também um fator importante em relação aos estudos históricos.

⁸⁹ De acordo com Alberto da Costa e Silva (2009, apud, ACHEBE, 2009, p.7), se for perguntado a algum Igbo qual o livro em que mais se reconhece, ele provavelmente dirá *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe (2009). O livro, que é uma obra de ficção, um romance, conta a vida de um homem de uma comunidade Igbo e contém descrições precisas das relações sociais, religiosas e matrimoniais no período próximo à chegada

3.4 A servidão em África e o comercio internacional de escravos: uma reflexão acerca da visão de Olaudah Equiano

Dos assuntos elencados por Equiano, o que vamos tentar aprofundar um pouco mais nesse tópico, dentro dos limites propostos, diz respeito à escravidão. Não o comercio internacional de escravos, a máquina que transpôs mais de doze milhões de almas do continente africano para o novo mundo e Europa, mas a escravidão africana, a escravidão endógena, que será algumas vezes nomeada por nós nesse ensaio de “servidão”: essa servidão por guerras ou por dívidas que existia no continente africano, e que existe na história da humanidade, registrada desde a Grécia antiga no Ocidente. Acreditamos que seja necessário fazer essa distinção em relação a essas duas formas de aprisionamento forçado, visto que buscamos nesse trabalho encontrar a diferença entre as lógicas ocidentais de pensamento e o pensamento africano. Tentaremos entender o que faz Olaudah Equiano querer mostrar a seu leitor o quanto a escravidão na África era mais “amena” do que na América e porque essa escravidão, ou servidão na África era tão distinta do comércio internacional de escravos.

Primeiramente, queremos deixar claro que nenhuma forma de escravidão é justificável a nossos olhos, e também que essa diferença relatada por Olaudah, mais do que tudo, nos faz enxergar a diferença na lógica por alguém que viveu os “dois” mundos: o mundo ocidental e o do entendimento entre a razão e o saber ou conhecimento ancestral, que figura em grande parte do continente africano⁹⁰.

Conforme John Thornton (2004), as operações militares na África para recolher cativos correspondiam às guerras por territórios na Europa. Na África, as terras são abundantes até hoje com centenas de quilômetros passíveis de serem cultivados, alguns mais, outros menos; mas de nada serviriam essas infinidades sem braços que pudessem trabalhar. De longa data na África, os governantes tiveram que buscar arrebanhar gente, fossem esses familiares, súditos ou escravos. Aqueles que possuíam muitos braços seriam os que podiam

dos europeus dentro dessas comunidades. É possível reconhecer o texto de Equiano nas palavras de Achebe, até porque esse é um dos grandes pesquisadores acerca da vida de Olaudah.

⁹⁰ Desde o início dessa pesquisa, não tem sido fácil tentar entender essa discrepância entre os saberes ocidentais cartesianos e os saberes africanos, essa mescla de racionalismos com conhecimentos ancestrais. Contudo, aos poucos, fomos identificando que esse esforço tinha sua necessidade, pois era por nós ininteligível a leitura de textos como os de Valentin Mudimbe (2013) ou Hampatê Bá (2010), ou mesmo de Kwame Appiah (1997), se não nos propuséssemos a entender a verdade do “outro”, como diz Tzvetan Todorov (2010). Em relação ao entendimento do que significou ao longo dos tempos a escravidão em África, utilizamos o texto de Alberto da Costa e Silva, “A escravidão entre os africanos”, capítulo três de “A manilha e o libambo: a África e a escravidão 1500 a 1700”, de 2002. Além desse, também utilizamos Igor Kopytoff e Susanne Miers. *African slavery as an institution of marginality*. Capítulos 1 e 4, e Akosua Adoma Perbi. *A history of indigenous slavery in Ghana from the 15th to the 19th century*, caps. 1, 5 e 7. (PERBI, 2004).

sustentar grandes extensões de cultivo. A forma com que essa servidão aconteceu variou muito ao longo do tempo e dos espaços, tanto quanto a forma de aprisionamento ou de servidão.

De acordo com Costa e Silva, talvez o homem tenha aprendido a domesticar animais depois de escravizar outros homens. Essa não é uma afirmação fácil de ser “digerida” por um ocidental, ainda mais alguém que vive no país que mais se beneficiou dos braços fortes arrancados do continente africano. Mas acreditamos, sim, que o homem tenha aprendido a apresar e escravizar seus congêneres antes ou junto ao que fez aos animais de trabalho. Contudo, em lugares diferentes do mundo, essa relação foi sendo construída de forma muito distinta. Na Europa, os escravos do período moderno eram, em grande parte, escravos de casa, de pequenos trabalhos manuais, ou mesmo servos de seus senhores. Na África, essa prática variou muito. Havia a escravidão por dívidas, a escravidão por culpa, quando alguém era condenado por algum delito, a escravidão por guerras, aquela que mais gerou mão de obra, a escravização por divergências religiosas, como no caso dos muçulmanos que escravizavam aldeias inteiras que não se submetessem à fé do Profeta.

Porém, em todos os casos, cada um diferente a seu modo, a relação entre senhor e escravo é baseada na violência. A partir do momento em que o sujeito é subjugado à condição de escravo, ele perde a capacidade de ser dono de seu direito à vida ou morte, perde sua sexualidade, torna-se socialmente morto. Conforme a historiadora Elisabeth Isichei (1997) não deve-se iludir com eufemismos. O “dono” ser chamado de “pai” e o escravo de “filho” dissimulam a dureza da realidade. Entretanto, nada disso se compara ao tráfico internacional de escravos e à condição de “coisificação” a que os africanos escravizados foram submetidos durante o período da escravidão moderna perpetrada pelas nações europeias, pelas elites americanas e africanas.

Conforme Thornton (2004), a nação Igbo foi a segunda maior fornecedora regional de escravos aos mercados atlânticos no século XVIII. Olaudah Equiano foi um destes, sequestrado e levado como cativo. O que nos propomos a apresentar e analisar é a descrição que o autor nos faz de “como se adquiriam escravos em sua tribo, de como eles regulavam a ação dos sequestradores”, assim como a que levou Equiano, e “de como esses escravos eram tratados por seus amos”.

Equiano nos descreve uma das formas mais comuns de adquirir escravos na África: através das guerras. Os cativos tornavam-se moeda de troca e muitas vezes ficavam trabalhando para a tribo vencedora. Esse tipo de escravo é que buscamos denominar de “cativo” ou “servo”, para diferir daqueles que eram sequestrados e levados para longe para

serem vendidos aos comerciantes e transportados para a Europa ou Novo Mundo. É Thornton também que nos alerta para a desestruturação e fragmentação da soberania nessa região e nesse período (2004, p. 401), fazendo com que povos se tornassem especialistas em roubar e sequestrar tribos inteiras para serem vendidas. É mister para o estudo de África que se faça a diferença entre o sistema escravista internacional e a escravidão endógena. Sem essa distinção, será cada vez mais difícil ao pesquisador ocidental entender os mecanismos de pensamento das sociedades africanas, o maior objetivo desse trabalho.

Em outro trecho, o autor nos mostra como os Igbo lidavam com os comerciantes quando cruzavam seu território com escravos:

Trocam esses artigos conosco por madeiras e terras aromáticas, e por nosso sal de cinzas de madeira. Sempre passam por nossa terra com escravos, mas antes de permitirmos a passagem deles, exigimos o mais escrupuloso informe sobre como obtiveram eles. De fato, às vezes vendíamos escravos a eles, mas só prisioneiros de guerra ou aqueles que tivessem sido condenados por sequestro, adultério ou outros delitos que nos pareciam abjetos. (EQUIANO, 1999, p.43).

Nesse trecho fica claro aos olhos da contemporaneidade que havia, sim, uma preocupação desde o princípio com o tipo de escravidão que estava sendo perpetrada. Contudo, vemos que existe uma linha muito tênue entre a necessidade de adquirir as mercadorias necessárias e o fluxo de escravos que começa a crescer. A pressão que os europeus causaram em algumas comunidades, utilizando de suas armas, foi ponto fundamental para o crescimento do tráfico. É provável que, aos poucos, muitas tribos tenham deixado de tomar tantos cuidados com o tipo de escravidão que estava acontecendo. Esse descuido seguramente teve ligação direta com esse enfraquecimento e desestruturação dos quais Thornton fala, e deu margem para que aquela “servidão” se transformasse no sistema escravista.

Por último, o autor nos descreve como vivia um desses “servos” de guerra, em sua tribo.

Os prisioneiros que não foram vendidos nem resgatados. Deixamos como escravos: mas quão diferente é a condição dos escravos das Índias Ocidentais! Conosco, não trabalham mais que outros membros da comunidade, incluindo seu amo. Sua comida, roupa e alojamento eram quase iguais aos de seu amo, e, salvo que não lhes permitia comer com os que haviam nascido livres, só se diferenciavam em superior grau de importância que o cabeça da família que em nosso Estado é a autoridade que exerce sobre cada parte da sua casa. (EQUIANO, 1999, p.45-46).

Fica clara a grande diferença entre a escravidão na África e o sistema escravista que se formou no Atlântico envolvendo grupos de principais na venda, na captura, os transportadores e os compradores. Dessa forma, diferenciamos esse tipo de servidão com o intuito de mostrar que as sociedades africanas não eram regidas pela escravidão, ou não estavam acostumadas a sequestrar e roubar cativos em massa. Isso começou a ocorrer a partir da pressão causada pelos europeus em seus entrepostos litorâneos. O tipo de escravidão de guerra, ou endógena dessa região da Igbolândiam é muito semelhante ao que existiu em todo o mundo ocidental, e muito similar ao servo do feudo europeu, na idade média.

Não se pretende aqui questionar a brutalidade de qualquer tipo de escravidão ou servidão que tenha existido em qualquer lugar ou em qualquer época, porém, para quem pesquisa as sociedades africanas, assistir ao reducionismo que compara a forma de servidão existente nesse continente ao sistema escravista descomunal que se montou no Atlântico é um problema historiográfico imenso que coloca as populações africanas como sujeitos que aprisionavam seus congêneres desde sempre, e, sendo assim, não poderia ser diferente com a entrada de outros atores nesse contexto. Esse reducionismo não só torna-se “arma” na construção de estereótipos acerca do continente, como também não condiz com a realidade das fontes, como, no caso, o texto de Equiano.

3.5 A Escravidão na Igbolândia

Como já foi referido nesse trabalho, falar da África é falar de um espaço geográfico imenso que ocupa grande parte do planeta e que possui uma infinidade de culturas distintas e formas de se relacionar socialmente. Talvez fosse interessante pensar que o continente africano foi e é o centro de relações entre os outros continentes, pois possui relações comerciais e culturais em todas as direções possíveis e imagináveis desde longa data. O Leste, região pouquíssimo estudada pelos americanos, relaciona-se com a China e a Ásia desde tempos remotos. O Oeste, com a América e a Europa desde longa data, sendo esse comércio muito intensificado a partir do século XV. Ao Norte haviam as gigantescas caravanas conduzidas pelos Tuareg, que cruzavam o Saara em todas as direções, levando e trazendo escravos, bem como todos os tipos de mercadorias, e conduzindo pessoas ao longo de centenas de anos, tornando possível, dessa forma, comparar esse que é o maior deserto do planeta a um oceano de areia. A escravidão na África fazia parte do comércio em quase todas essas direções.

No item anterior, buscamos apresentar alguns elementos importantes dessa escravidão endógena africana. No entanto, como esse trabalho não tem o objetivo nem a capacidade de descrever as diversas formas de escravidão que se desenvolveram ao longo dos tempos no continente africano, buscamos aprofundar um pouco, dentro do possível, as peculiaridades do que ocorreu dentro do território de origem de Equiano, a Igbolândia.

De acordo com Victor C. Uchendu (1977), a escravidão nessa região até o século XIX contém suporte etnográfico para diferentes teses⁹¹. Mas o que realmente significa isso? Ao fim de seu artigo, Uchendu levanta uma questão importante que buscamos trazer aqui no início do texto, uma reflexão acerca da forma como se dava essa escravidão. “É um escravo um único produto, ou um pacote de produtos”? O próprio autor indica que seria a segunda referência mais relevante para a resposta: um pacote de produtos. Ao que parece, a escravidão na Igbolândia seguia por diversos caminhos, e podia ter diversos fins. O escravo podia ser recrutado por seis principais métodos, podia ser classificado em, no mínimo, três diferentes formas dentro da estrutura social e conquistar sua alforria de maneiras distintas. Novamente, buscamos esclarecer que em nada essa diferenciação diminui a brutalidade da escravidão. Mas, se buscamos entender a África a partir de suas experiências, é mister buscar entender as relações estruturais que moldam esse mundo, tão distinto do mundo moderno ocidental.

Primeiramente, a área etnográfica que engloba as comunidades Igbo está dividida em duas grandes zonas ecologicamente distintas. Uma é a zona do Delta do Rio Níger, onde encontram-se as comunidades que vivem da pesca. A outra é a região do interior, da qual faz parte a Igbolândia. Talvez por isso Equiano fale do desconhecimento do mar. Essa área é produtora de alimentos consumidos ao seu redor. Dessa forma, existe uma relação direta entre as comunidades costeiras, que adentram a região da Igbolândia pelas vias fluviais dos grandes rios, como o Níger e o Cross, em busca de vegetais e legumes, levando para a troca os pescados. No entorno, os falantes das línguas Igbo eram os mais numerosos. Próximos a eles viviam os Iorubas.

Conforme Uchendu, eram seis as principais formas de obtenção de escravos na Igbolândia. Quatro delas não permitiam à vítima qualquer tipo de opção, e as outras duas permitiam alguma margem de escolha ao escravo, ou servo. Na Igbolândia, a distância entre o status de *diala*, livre e *ohu*, escravo, era muito pequena. Entretanto, é muito claro que na sociedade Igbo, a escravidão nunca foi a base do sistema social. Como já foi explicitado no

⁹¹ Victor Uchendu é antropólogo e um dos maiores pesquisadores acerca do mundo Igbo. Possui uma das obras mais completas em relação a essas comunidades da costa ocidental africana, atual região da Nigéria. *The Igbo of Southtwest Nigéria*. (UCHENDU, 1965).

tópico anterior, essas pequenas comunidades foram pressionadas pela demanda de escravos do Novo Mundo. Essas pressões não se deram de forma direta, mas sim indireta, pois não havia o contato direto com o europeu. Aconteceram por meio dos negociadores que traziam produtos como armas e pólvora e em algum momento só queriam trocar seus produtos por escravos. Dessa maneira, criou-se a demanda por guerras de escravidão entre as comunidades. Essas pequenas mas eficientes pressões acabaram por desestruturar as comunidades Igbo.

As quatro formas principais de recrutamento de escravos eram: a captura, o rapto, a compra e as intrigas políticas. As outras duas eram bastante distintas, ligadas a trabalhos relacionados com as divindades e à penhora por tempo determinado. É importante refletir que a situação do escravo em cada umas dessas relações era diferente. Sua condição de vida e seu cotidiano apresentavam características únicas, além da forma como o mesmo era visto dentro do círculo social. Voltamos novamente aqui à estrutura que constrange o sujeito. Analisar essas estruturas por dentro faz parte desse trabalho. Estudar a escravidão na África é particularizar, como fazemos em relação a outros continentes, e não generalizar. Porém, essa é tarefa difícil, pois a lógica de entendimento em relação à essa situação é completamente distinta do que se possa julgar. Também é o caso da poligamia nas sociedades africanas, que não é entendida dentro da lógica ocidental, e que, se for vista sem ser problematizada, acaba por definir as sociedades africanas como bárbaras e atrasadas em relação ao Ocidente.

Retornamos aqui a uma questão importante: é preciso ler, a partir de pesquisadores como Uchendu, e refletir, sem buscar similaridades ou mesmo respostas a essas questões dentro do que foi o tráfico internacional de escravos ou a escravidão na América. É claro que para um historiador que busca tentar responder à questões históricas e historiográficas com similaridades e homogeneização, que são alguns dos parâmetros que nos permitem entender as sociedades, torna-se bastante difícil essa separação entre a lógica ocidental e o mundo ancestral africano.

Os quatro principais métodos de captura de escravos possuíam cada um sua peculiaridade. O principal, e em larga escala, se dava a partir das guerras. Após as batalhas travadas, aqueles que sobrevivessem eram feitos escravos pelos vencedores e podiam ser vendidos aos comerciantes europeus, ou não. Essa venda acontecia tanto aos poucos, como em grandes lotes de escravizados que eram levados até a costa para serem negociados. Isso variava muito em cada situação. Quando o comércio ganhou dimensões até então inimagináveis, as guerras já eram incitadas para capturar escravos, como já foi citado aqui. Antes disso, muitas vezes após as guerras, as mulheres e crianças sobreviventes dos grupos que haviam perdido a batalha seguiam os vencedores e solicitavam sua escravização. Dessa

maneira, essas mulheres não morreriam de fome com seus filhos. Novamente, aqui é preciso parar e refletir um pouco em relação a essa questão. Ao leitor desavisado, essa situação parece completamente impensável. Contudo, se mergulharmos na lógica de mundo daquela sociedade, descobriremos que o homem provê a família de alimento, sendo ele o “cabeça” da família, que pode e tem diversas esposas, tantas quantas puder sustentar. A poligamia é a regra entre os Igbos. Ser uma dessas esposas é uma das formas de sair da condição de escravizada. Casar-se com seu amo, ao que parece, era muito comum, visto que os homens necessitavam de filhos para o trabalho. Além disso, essas esposas viviam em casas distintas, cada homem tinha seu *compound* cercado, no qual construía as moradias, no qual cada uma delas vivia com seus filhos. Ele, o “cabeça”, tinha sua casa separada. Sendo assim, não fica completamente equivocada a lógica de uma mãe que teve seu marido morto, mas que para não perder a vida e os filhos, se coloca à disposição de outro, com as mesmas, ou quase, obrigações e direitos que tinha com seu antigo companheiro.

O sequestro era a segunda maior forma de apreensão de escravos. A pressão por escravos causada pelos europeus criou um tipo especial de mercenário, os especializados em sequestrar para escravizar. Na Igbolândia, eles eram nomeados de *Abam*, e *Ekumeku*. É provável que Equiano tenha sido vítima desse tipo de sujeito, que, de acordo com Costa e Silva (2002), tornou-se comum nas histórias contadas para as crianças.

Um dia em que, como de costume, nossa gente havia caminhado para trabalhar e só minha querida irmã e eu nos achávamos cuidando da casa, dois homens e uma mulher saltaram sobre nossos muros e, em um instante, nos amarraram os dois. Sem dar tempo de pedir auxílio nem de oferecer resistência, nos taparam a boca, nos algemaram e fugiram conosco até o bosque mais próximo; seguiram nos levando tão longe quanto fosse possível, até que, ao anoitecer, chegamos a uma cabana em que os ladrões fizeram uma parada para repor forças e ali passamos a noite. (EQUIANO, 1999, p.54).

É provável que esse tipo de escravo nem sempre acabasse por chegar à costa para ser vendido. Como o próprio autor nos narra, ele ficou à venda ao longo do trajeto entre sua comunidade no interior do território até a costa do Atlântico por quase sete meses. “Assim segui viajando, às vezes por terra e às vezes por água, por diversos países e regiões, até que passados seis ou sete meses desde meu sequestro, cheguei à costa do mar.” (EQUIANO, 1999, p.61). Durante todo esse período, Equiano experimentou a escravidão endógena africana, que aqui buscamos diferenciar do que estava por vir na vida do autor, a experiência da “passagem do meio”, e o tráfico internacional de escravos.

Olaudah fala de diversos “países” por onde passou. Aqui é possível ver a lógica ocidental do alter ego Gustavus Vassa, quando se refere ao mundo africano antigo. As comunidades Igbo a que Equiano se refere não se assemelham em nada a países. Mas a experiência no Ocidente do autor não permite que ele possa entendê-las de outra forma. Ele cresceu no mundo dos países, das Nações, mesmo que incipientes. E, dessa forma, busca uma associação entre o seu mundo e o seu passado. Há também a necessidade de ser entendido por seu público leitor. Como já nos referimos aqui, a obra de Equiano foi financiada por um grande público, entre eles membros da Família Real e da aristocracia, abolicionistas como Thomas Clarkson, figuras religiosas famosas como Lord Bishop, a condessa de Huntingdon, Selina Hastings, escritoras inglesas como Hannah More, Joanna Baillie e Elizabeth Montagne⁹². Essas pessoas tinham, de alguma forma, de entender ao que Equiano se referia quando falava da África. E, de certa maneira, ele foi muito eficiente nesse trabalho, pois sua obra teve mais oito edições, de quinhentos exemplares, até 1794. Olaudah tinha de ser lido e entendido por seus leitores. Talvez soubesse que as comunidades não eram países, talvez não.

A compra, outra forma de escravidão nas comunidades Igbo, talvez não fosse tão comum. Uchendu nos fala que eram poucas as pessoas que possuíam uma capacidade de adquirir escravos dessa maneira. Não havia muita reserva para isso, sendo que apenas aqueles que possuíam um cabedal maior tinham essa condição. A escravidão por intriga política era normalmente aquela perpetrada a partir do julgamento dos oráculos. O próprio Equiano nos conta de um caso no qual um sequestrador é levado a julgamento e punido. “Recordo que um homem foi levado à frente de meu pai e dos demais juízes por sequestrar um menino, e, ainda que era filho de um chefe ou senador, foi condenado a pagar como compensação com um homem e uma mulher escravos”. (EQUIANO, 1999, p.39). É novamente grande a diferença na lógica de pensamento: que alguém tenha de pagar como dívida por um crime com escravos. Contudo, para entendermos o mundo africano, é necessário tentar entender essa lógica: uma lógica na qual a escravidão de um sujeito o coloca na sociedade de uma forma diferente dos outros, mas dentro da sociedade, e não fora dela como uma coisa, um objeto.

A última forma de escravidão que pudemos analisar nas comunidades Igbo diz respeito à escravidão com fins de trabalhos para sacerdotes e deuses. Algumas famílias

⁹² A lista desses personagens importantes que financiaram parcialmente a obra de Equiano retiramos da introdução de uma das edições que utilizamos para esse trabalho. A introdução das obras de Equiano que tivemos acesso estão repletas de análises e curiosidades em relação ao texto e ao tempo de vida do autor. São obras bem completas e ricas e procuramos utilizá-las da melhor maneira possível, pois nos permitem também analisar as próprias análises feitas por outros pesquisadores de Equiano, mas em áreas distintas, como a literatura afro-americana. O livro em questão é EQUIANO, Olaudah. *The life of Olaudah Equiano. The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the african. Written by Himself.* Edited by Joanna Brooks, U.S.A. R.R. Donnelley & Sons Company, 2004.

possuem gerações das quais algum membro é levado a um santuário para que se torne escravo a serviço desse local. Algumas comparações são possíveis, mas, em grande medida, o que nos propomos aqui é tentar entender, sem o uso tão comum desses artifícios, muitas vezes incongruentes ou impossíveis de serem utilizados. As comparações, quando possíveis, são exemplos que nos facilitam o entendimento. Entretanto, no caso entre a África e o mundo ocidental, essas normalmente tendem a complicar mais do que facilitar. Conforme a citação da página vinte e cinco, Olaudah nos fala um pouco do que seria a vida de um escravo numa comunidade Igbo depois de ser absorvido após uma guerra.

Um homem para tornar-se cabeça da família, ter sua plantação, poder ascender a títulos de nobreza, tem de ser um grande trabalhador, ter força braçal maior que qualquer um de seu *compound* e trabalhar mais e melhor que qualquer escravo. É interessante refletir aqui sobre uma enorme diferença entre os continentes nesse período. No ocidente, os homens de poder não deveriam trabalhar, pois o trabalho braçal era indigno. Esse jogo de lógicas distintas de mundo nos faz pensar em muito quem seria o mais desenvolvido e quem seria o mais atrasado em relação ao tipo de sociedade.

Aos ocidentais é brutal pensar nas diversas formas de escravidão, ou na poligamia, mas foi possível aceitá-la como substituto de sua força de trabalho. Ao africano, o escravo é um membro de família. Inferior, mas um membro, não uma coisa. O cabeça da família deve trabalhar no mínimo o mesmo que todos os outros. Todas essas diversas relações de escravidão dentro da Igbolândia nos permitem enxergar uma outra África, ou pelo menos um pedaço dela, distinta daquela idílica que sonhamos e que o próprio Equiano sonhou. Mas, também sem juízos de valor, sem comparações ao ocidente: Uma África na qual se possa ter uma justa medida das relações, sem tentar encontrar, a todo momento, similaridades com o mundo ocidental ou com o comércio internacional de escravos.

3.6 A identidade africana e a identidade Igbo

É verdade, é claro, que a identidade africana ainda está em processo de formação. Não há uma identidade final que seja africana. Mas, ao mesmo tempo, existe uma identidade nascente. E ela tem um certo contexto e um certo sentido. Porque, quando alguém me encontra, digamos, numa loja em Cambridge, ele indaga: “Voce é da África?”, o que significa que a África representa alguma coisa para algumas pessoas. Cada um desses rótulos tem um sentido, um preço e uma responsabilidade. (ACHEBE, entrevista, apud APPIAH, 1997, 241).

Equiano publica seu texto em 1789, se autointitulando africano mais de duzentos anos atrás. De acordo com Achebe, ainda hoje não existe uma identidade africana, e acreditamos que nunca venha a existir. Porque, como diz Hampaté Bâ, não há um homem africano nem uma tradição africana válida para todas as regiões desse imenso continente. Contudo, há mais de duzentos anos, um homem escrevia seu texto intitulando-se como tal, e se isso aconteceu naquele momento, é preciso verificar o que isso significava para ele e para aqueles que o cercavam. Qual a medida da identificação de Equiano com a África, visto que ele passou a maior parte de sua vida fora dela? Olaudah carrega lembranças vigorosas, como já vimos; mas são lembranças. Ao longo de sua vida, nunca regressou a seu continente de origem. Apesar de, ao final da vida ter participado da organização do envio de ex-escravos, o “povo pobre”, para a criação de Serra Leoa, ele mesmo nunca retornou. Seria essa identificação uma forma de propaganda para a venda de seu livro? Teria o próprio Equiano se autointitulado africano ou foram seus apoiadores que viram nessa nomenclatura uma forma de identidade para com os escravizados, uma forma de sensibilizar o público leitor para o sucesso da obra? O que significava ser africano na Europa em 1789?

São essas as reflexões que buscamos analisar, utilizando novamente autores africanos e da diáspora negra, apesar de alguns deles, tal qual Equiano, não vivenciarem o próprio continente por um grande período. Isso em certa medida enriquece essa análise, pois permite, de certa forma, uma fuga ou distanciamento das “espinhosas” questões identitárias que o continente africano vem sofrendo no período pós-colonial⁹³.

⁹³ Talvez hoje a continente africano seja um dos lugares do mundo no qual a questão das identidades seja uma das “armas” ideológicas mais poderosas a serem utilizadas. Depois da dissolução dos estados coloniais, uma infinidade de pequenas guerras ou enormes conflitos tem contribuído em muito para a desestruturação das nascentes nações africanas. Na África atual, a questão das identidades étnicas mistura-se às questões políticas e econômicas, potencializando de forma brutal as perseguições. As frágeis nações africanas, muitas delas completamente dependentes dos investimentos externos, não tem conseguido controlar esses conflitos. As elites, algumas donas de nações inteiras, negociam os produtos de exploração, como petróleo, diamantes e outros recursos naturais, diretamente com as grandes multinacionais, em termos de exploração bruta, o que não os força a ter de investir no próprio país para gerar divisas, como exemplificado pelo próprio território das nações Igbo, a atual Nigéria, que possui uma das maiores reservas de petróleo do continente.

Iniciando a reflexão pela última questão a que nos propomos, o que significa ser africano na Europa em 1789? Basicamente, significa ser escravo, ou ex-escravo. A quase totalidade dos africanos que os europeus conheciam eram escravos. Talvez alguns tivessem em algum momento da vida conhecido algum ex-escravo, mas seriam poucos, visto que na própria Inglaterra ainda não havia sido gestada a abolição da escravatura. Chinua Achebe (ACHEBE, entrevista, apud APPIAH, 1997, p.241), em seu texto acima, nos dá um caminho para refletir sobre essa identidade. Que rótulo é esse que Equiano busca? Pensamos ser um rótulo de libertação, um rótulo que apresenta ao leitor alguém que saiu de uma condição menor e ascendeu a um patamar superior na escala social. Aqui quem fala não é Gustavus Vassa e sim Olaudah Equiano, o africano.

Se me considerasse europeu, poderia dizer que meus sofrimentos foram enormes, mas quando comparo minha sorte com a da maioria de meus compatriotas, me considero especialmente favorecido pelo Céu e reconheço a misericórdia e a providência em cada incidente da minha vida. (EQUIANO, 1999, p.37).

Quando nessa passagem o autor nos refere à “maioria de meus compatriotas” ele está falando dos africanos, em geral os escravizados. Não está se referindo ao povo Igbo, ou à região da Guiné, ou ao reino do Benin que ele diz serem tributários, ou a seu “encantador vale fértil” de Essaka, ou mesmo à sua aldeia de Eboé. Ser africano em 1789, ao que parece, era ser escravo ou escravizado. Equiano produz um dos primeiros textos a apresentar uma África desconhecida dos europeus: uma África rica, produtiva, onde existem regras e ordenamentos que em muito diferem dos da Europa, mas que existem assim mesmo. Vendo em retrospectiva, podemos refletir sobre o quanto o autor busca nessa identidade africana conceitos e valores que possam se assemelhar aos referenciais europeus, e não é difícil entender o porquê disso. Naquele período, foi preciso constituir um homem “africano” que não fosse apenas o escravizado, que não fosse o bárbaro que falava uma língua ininteligível aos europeus. A constituição da identidade de “africano” a partir do texto de Equiano sofre dos mesmos males que a constituição das identidades em qualquer lugar da África ou do mundo, mas isso não diminui sua importância histórica. “Toda Identidade humana é construída e histórica; todo o mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de ‘mito’, a religião de ‘heresia’, e a ciência de ‘magia’”⁹⁴.

⁹⁴ Dentro dos autores africanos que utilizamos, o que mais questiona e relativiza a existência e a utilidade prática de uma identidade africana ou negra é Kwame Appiah (1997). O livro citado traz reflexões importantes acerca do conceito de raça, identidade e nativismo, além de buscar a “ponte” entre o conhecimento ocidental e os conhecimentos endógenos e “tradicionais” da África. Appiah é filósofo

Não há como medir a familiaridade de Olaudah com a África; o que se pode é mensurar a importância que sua identificação teve na construção de uma identidade positiva em um momento histórico crucial quanto ao movimento abolicionista. Se hoje é difícil entender historicamente a construção das identidades africanas, no período de vida do autor seria ainda mais complexo. Isso, em relação aos períodos pré-colonial ou antigo⁹⁵, Kwame Appiah nos diz o seguinte:

Mas, se fosse possível viajar pelas muitas culturas da África naqueles anos - desde os pequenos grupos de caçadores-coletores bosquímanos, com seus instrumentos da Idade da Pedra, até os reinos haussás, ricos em metais trabalhados -, teríamos sentido, em cada lugar, impulsos, ideias e formas de vida profundamente diferentes. Falar de uma identidade africana no século XIX – se a identidade é uma coalescência de estilos de conduta, hábitos de pensamento e padrões de avaliação mutuamente correspondentes (ainda que às vezes conflitantes), em suma, um tipo coerente de psicologia social humana - equivaleria a “dar a um nada etéreo um local de habitação e um nome.” (APPIAH, 1997, p. 243)

Diversos serão, ao longo do texto de Equiano, os “rótulos” de que o autor se utilizará, as diversas identidades a que esse sujeito esteve ligado. A própria questão de utilizar dois nomes, uma dupla identidade, já nos apresenta uma grande dúvida na leitura de sua obra, e a torna ainda mais atraente. Olaudah, como diz Achebe, foi constituidor da identidade Igbo. Identidade essa que, ao longo dos tempos, foi sendo formada e que, somente século XX, com a guerra da Biafra, sofreu uma profunda intensificação. De acordo com Achebe:

A duração do conhecimento, da consciência de uma identidade, tem realmente muito pouco a ver com a profundidade desta. Súbito, pôde-se tomar ciência de uma identidade da qual se vem sofrendo por muito tempo sem saber. Por exemplo, tomemos o povo Igbo. Em minha região, historicamente, eles não se viam como Igbos. Viam-se como pessoas desta ou daquela aldeia. Na verdade, em alguns locais, “igbo” era um termo ofensivo; eles eram o “outro” povo, lá dentro dos bosques. No entanto, depois da experiência da Guerra de Biafra, durante um período de dois anos, essa se tornou uma consciência poderosíssima. Entretanto, isso fora real o tempo todo. Todos eles falavam a mesma língua, chamada “igbo”, ainda que não usassem de modo algum essa identidade. Mas

conhecido em todo mundo, professor da Universidade de Cambridge, filho de pai ganês e mãe inglesa. O autor viveu, como diz, “entre dois mundos muito distintos”, e de certa forma compactua dessa ideia de buscar um entendimento entre os saberes.

⁹⁵ Quanto ao termo “pré-colonial”, procuramos utilizar “África antiga” no sentido de desconectar a vida na África ao período colonial, como buscamos também desconectar a África social que existe desde períodos remotos a uma África que só se apresenta ao imaginário do pesquisador ligada ao período do tráfico internacional de escravos.

chegou o momento em que essa identidade tornou-se muito, muito poderosa (...) e em curtíssimo prazo⁹⁶.

Ao ler a obra de Equiano, ou mesmo a obra de Achebe, um Igbo se vê em seu mundo, como fala Costa e Silva⁹⁷. Mas, em 1789, quais eram os leitores Igbos que teriam acesso à obra? Praticamente nenhum. Igbos não eram uma Nação: não existia uma identidade Igbo no século XVIII. O texto não foi feito para os eles, mas torna-se obra fundamental dessa identidade, que é sempre construída em relação ao outro. É na visão do outro que construímos o que somos.

Quanto à questão de se a utilização de “O Africano” serviu apenas como “meio” de divulgação, ou mesmo de sensibilização para o sucesso da obra, acreditamos que não. O texto tinha sim um cunho panfletário no sentido de que esse era o momento de discussão naquele espaço acerca da abolição ou não, da escravidão. Diversas foram as obras produzidas nesse período e posteriormente, nas quais os ex-escravos relatavam suas vidas. Na maioria das vezes, esses trabalhos eram redigidos por outras pessoas, pois os próprios eram analfabetos. Isso nos apresenta novamente a peculiaridade da obra de Equiano, pois foi ele quem produziu seu texto. O texto de Olaudah é considerado bem escrito, uma boa narrativa e de fácil leitura.

Nos Estados Unidos da América, existe uma literatura considerável sobre narrativa de escravos. Aproximadamente, estão catalogadas setenta obras e muitas outras dispersas que tratam do tema. Além disso, é uma questão bastante pesquisada, academicamente e pelo público em geral, tanto que grande parte dessas obras continua a ser publicada, existindo nas universidades centros de pesquisa ligados à chamada literatura afro-americana. Uma das poucas narrativas que possui tradução para o português que se tem notícia é a de Mahommed Baquaqua. Escravizado em África, nascido na cidade de Djugu, ao norte do atual Benin, Baquaqua fugiu, passou parte de sua vida no território brasileiro, em lugares como Porto Alegre, Pernambuco e Rio de Janeiro, como escravo ilegal, mas viveu em Nova York e de lá produziu seu texto.

Tratando da questão do uso da alcunha “Africano”, como Equiano denominou-se, Regina Xavier (2000) reflete em seu artigo acerca das diferentes formas utilizadas pelos ex-escravos na constituição de seus nomes, ligados ao seu lugar de origem, como objetivo de constituição identitária.

⁹⁶ Idem, *Ibidem*. APPIAH, p.247.

⁹⁷ De acordo com Alberto da Costa e Silva (2009) é na obra de Chinua Achebe que um Ibo iria identificar melhor seu mundo. Sobre a questão, ver Chinua Achebe, 2009, p. 7.

Outros adotaram fórmulas diferentes ao somar ao seu primeiro nome o lugar suposto de sua origem. Assim, abundam os Joaquims Congos ou Luizas Benguelas. Essas identidades ou nomes podiam, dependendo do lugar ou função, ser usados inclusive concomitantemente. Assim, Luiza podia ser chamada de Luiza Maria de Jesus Lascasas, ao adotar o sobrenome Lascasas de seu ex-senhor e ser identificada também como Luiza Benguela entre os africanos. Dessa feita, seus sobrenomes contam a história de seu destino, com um nome que a identificava como africana e outro como liberta. Dependendo da ocasião, uma ou outra identidade podia ser acionada. (XAVIER, 2000, p. 112)

De certa maneira, isso nos mostra o quanto o autor foi ousado em assumir para si uma identidade muito mais ampla, a identidade de “Africano”, ou quem sabe tenha sido a ineficácia histórica de se identificar como Igbo naquele momento. Como vimos com Achebe (2009), a identidade Igbo podia existir há muito tempo, mas sua utilização é muito jovem.

De acordo com Ogbo Ugwuanyi, existe ainda o problema em relação à Equiano e sua descrição de “Africano”: essa identidade ou identificação como africano pressupõe o africano escravo e, de certa forma, reitera a sua imagem como escravizado e subjugado, o que em muito difere da ideia proposta atualmente dentro dos estudos sociais africanos que buscam a África sujeito, como já explicitamos aqui. Dependendo da forma como é lida, na autobiografia de Olaudah é possível visualizar a divisão marcada entre a cultura europeizada a que ele se expôs, e o mundo “barbarizado” da África. De certa maneira, Equiano ajuda a “mitificar” o “Africano”, exercendo a condição de subalterno culturalmente. Ele vive a cultura do “outro”, se sobressai no mundo através das “ferramentas” sociais desse e, além disso, torna-se religiosamente o “outro”. Dentro das proposições a que se pretendem os estudos africanos na atualidade, é preciso ver no texto de Olaudah aquele que se tornou o “outro”, e não o “Africano” (UGWUANYI, 2009).

Não é questão fácil tratar da identidade africana no passado e no presente. Não pretendemos aqui de forma alguma esgotar as reflexões ou mesmo definir pressupostos que não estão definidos, sejam eles em relação às identidades de qualquer tipo. Daquilo que foi discutido aqui, entendemos ainda ser necessário apresentar o que Kwame Appiah (1997) chamou em seu livro de “três lições cruciais” a se aprender em relação às identidades africanas:

Primeiro, que as identidades são complexas e múltiplas, e brotam de uma história de respostas mutáveis às forças econômicas, políticas e culturais, quase sempre em oposição a outras identidades. Segundo, que elas florescem a despeito do que antes chamei de nosso “desconhecimento” de suas origens isto é, a despeito de terem suas raízes em mitos e

mentiras. E terceiro, que não há, por conseguinte, muito espaço para a razão na construção - em contraste com o estudo e a administração - das identidades. (APPIAH, 1997, p. 248)

Em suma, as construções identitárias não seguem as regras que academicamente são utilizadas para analisá-las. Elas seguem o caminho que melhor convier no momento. É possível que o ideário de Igbo ou Africano que Equiano representa hoje não significasse nada há décadas atrás, porém, isso não diminui sua força no presente. Conforme Appiah, o que é preciso é que as identidades sejam analisadas caso a caso com suas peculiaridades. A identificação africana pode ser capacitadora e vital, mas é preciso que se reflita sobre como utilizá-la a despeito do poder com que essas identidades possam promover atrocidades intra-identitárias. A personalidade Igbo, ou africana, de Olaudah não é monolítica, muito menos estática. Ela é usada de diversas formas e conforme o momento sugere. Isso de forma alguma é um desvio ou incapacidade dessa identidade em especial. Na verdade, isso é o que mais acontece com os processos identitários na África. Antes de ser um africano, o sujeito é um Nigeriano, e antes disso um Igbo, além, é claro, de ser um negro. As forças dessa ou daquela dependem do momento e são completamente maleáveis e permeáveis.

3.7 A dúvida da origem

A importância da autobiografia de Olaudah Equiano para a história da África é mais do que justificada. Trata-se de um africano escrevendo sobre a memória do continente, ressoando uma voz que apresenta a África no século XVIII como um lugar não barbarizado, desmistificando a ideia binária de bom/mau, preguiçoso/trabalhador, nobre/selvagem⁹⁸. Além disso, trata-se de uma descrição pormenorizada de uma região distinta do continente, escrita pela própria mão de um africano.

Contudo, existem diversas dúvidas acerca da origem de Equiano. Pesquisadores como Paul Lovejoy (2006), Vincent Carreta (2005) e Catharine Acholonu (2009), entre outros, debatem profundamente se Vassa realmente nasceu no continente africano ou se teria nascido na América do Norte, constituindo sua narrativa a partir de lembranças de outros escravizados com quem teria contato.

⁹⁸ Ver EKE, Maureen N. In Idem, Ibidem. KORIEH. O artigo de Maureen Eke trata em especial da comunidade imaginada Igbo através do texto e das descrições de Equiano: a importância, os limites dessa lembrança e os encontros das pontes possíveis com a realidade das comunidades Igbo do passado relatadas em outras fontes e até mesmo nos dias atuais.

Os motivos que poderiam levar a essa possível falsificação são importantes e pertinentes. O autor escreve seu texto no momento de luta pela abolição da escravidão, apoiado financeiramente e psicologicamente por pessoas que tinham interesse no fim do tráfico escravista. A palavra de um homem que nascera em África e fizera a travessia do Atlântico teria, ao que se supõe, mais relevância do que a de um ex-escravo nascido nas Américas. Diversos são os artigos, textos e debates acerca desse assunto. Os argumentos utilizados pelos pesquisadores que defendem qualquer dos dois pontos de vista são bastante plausíveis. Julgamos apresentar aqui aqueles que nos pareceram mais importantes, além, é claro, de indicar as leituras mais aprofundadas acerca dessa querela.

Acreditamos, realmente, como Paul Lovejoy (2006), que Olaudah Equiano tenha nascido em África e que essa dúvida em nada diminui a importância de suas descrições em relação à memória do continente africano. Primeiramente, porque grande parte das descrições feitas por ele ao longo de seu trabalho foram sendo comparadas e verificadas em outros relatos posteriores acerca dos povos da região na qual o autor teria supostamente nascido. Outro forte argumento em favor do nascimento em África é que diversas pessoas que conviveram com ele ao longo da vida confirmam que, quando Gustavus chegou a Londres, não tinha fluência na língua inglesa, o que não seria verdade se tivesse nascido na América. Sendo assim, essa memória primária das regiões africanas citadas pelo autor condiz com outras pesquisas e corroboram com a teoria de sua vinda da África. Além disso, mesmo que Olaudah tenha nascido na América e escrito a partir da memória de outros escravos a respeito do continente africano, esse relato ainda assim seria muito importante em se tratando dos costumes e relações sociais dos Igbo. Dessa forma, seria Equiano a “voz” por onde os escravizados Igbo poderiam ter deixado suas memórias.

A nosso ver, essa querela em relação ao local de nascimento de Gustavus tem mais importância em se tratando dos estudos do período da abolição, caso fosse esse nosso objeto de análise. A não ser, é claro, que suas descrições acerca dos costumes, dos lugares, da vida em África não fossem confirmados por outros autores, ou que causassem algum tipo de divergência.

Vincent Carreta (2005) tem sido o pesquisador mais proeminente em se tratando de desconstituir a identidade africana de Olaudah Equiano⁹⁹. Além de ser um dos pesquisadores mais aprofundados no que se refere à autobiografia de Equiano, esse conhecido especialista dedicou grande parte de sua vida acadêmica a estudar esse texto. Seu trabalho já foi analisado

⁹⁹ Em resposta a Carreta, sugerimos a leitura de Paul Lovejoy (2006) e Catherine O. Acholonu-Olumba (2007).

por diversos outros pesquisadores de renome, e ainda que esses tenham uma opinião distinta do mesmo, não desconsideraram suas dúvidas.

As bases que fundamentam a teoria de Carreta de que Olaudah teria nascido na América são: uma certidão de nascimento com data de fevereiro de 1759 da igreja de Sta. Margareth's, Westminster, Inglaterra, de um menino de doze anos cujo nome seria "Gustavus Vassa", nascido na Carolina do Sul. E uma lista de embarque em um navio de 1773 em que Equiano serviu, na qual em seu local de nascimento consta "Carolinas", o que sugere que Equiano nunca teria estado na África.

Ambos os documentos são contestados veementemente por outros pesquisadores, alguns apresentando as provas como frágeis documentos, visto que, nesse período, os dados relativos aos escravos não seriam fidedignos, ou que o nome Gustavus Vassa não seria tão incomum. Ainda existe a questão de que talvez fosse muito mais interessante ao próprio autor apresentar-se ao trabalho em um navio como tendo nascido na América e não na África. Se partirmos do pressuposto de que as informações trazidas por Equiano são verídicas e foram, ao longo do tempo, sendo verificadas por outros pesquisadores, como Chinua Achebe, podemos até mesmo acreditar que o autor tenha se apropriado das informações de outros escravos Igbos para construir sua autobiografia. Como diz Maurice Halbwachs (1990), a memória é uma construção social, um conjunto de lembranças de diversos sujeitos e que constroem a própria memória do sujeito¹⁰⁰. Além disso, a memória na África é transferida a partir de relatos orais e, dessa forma, Equiano não estaria "falsificando" coisa alguma se estivesse se apropriando das lembranças de outros escravos para sua construção de África. Na verdade, acreditamos que o único problema que poderia causar ao descobrir-se uma possível falsificação de local de nascimento de Olaudah se dá em relação aos objetivos de sua escrita, e não ao conteúdo. Consideramos ser necessário relatar essa questão da dúvida de sua origem como forma de apresentar ao leitor as diversas faces das pesquisas ligadas a essa narrativa tão rica e já bastante pesquisada nos países de língua inglesa e na África. Gustavus era uma figura proeminente nos debates acerca de abolição, era militante junto aos abolicionistas em defesa dos escravizados, e, sendo assim, a veracidade ou não de sua obra torna-se um problema.

Para nos posicionarmos em relação a essa questão, buscamos suporte nos argumentos de Paul Lovejoy (2006) em relação aos documentos e também a questão de uma possível

¹⁰⁰ Buscamos, através da análise de Maurice Halbwachs, entender essa relação de memória coletiva, que nos leva a construir nossa própria história. O trabalho do autor, que é uma continuação do trabalho de Henry Bergson, serve de suporte para entendermos a construção de uma memória a partir das memórias alheias. Posteriormente, Halbwachs foi contestado, pois, para ele, a memória só existe a partir do coletivo. Michel Pollak (1989; 1992) vai questionar esse posicionamento, dizendo que existem memórias que são únicas, de uma só pessoa.

falsificação por parte de Gustavus. Para o autor, as informações sobre o continente africano e as declarações de seus conhecidos sobre sua pouca fluência na língua inglesa quando chega a Londres nos levam a crer que, realmente, Equiano nasceu na África. Além disso, sua descrição da “passagem do meio” também tem similaridade com a de outros que a descreveram posteriormente. Contudo, os documentos que comprovam um possível nascimento na América não podem ser desconsiderados. Para Lovejoy, o que possivelmente tenha ocorrido é que Gustavus possa ter mentido quanto a sua idade, pois de acordo com os documentos, ele teria sido trazido de África com mais ou menos sete ou oito anos, diferente dos onze ou doze que ele diz ter em sua autobiografia. Essa pequena diferença em relação à idade pode não parecer muito, mas é bastante importante no que tange a capacidade de recordar-se de um menino. Para Lovejoy, Vassa teria inventado a idade para dar mais credibilidade a sua memória. Um menino de mais de dez anos poderia facilmente recordar-se de sua infância, enquanto um de sete provavelmente não lembraria de muita coisa. Na verdade, não há como mediar a capacidade de memória de alguém. Contudo, para fins de credibilidade em relação a seu leitor, Equiano teria optado por parecer ser mais velho do que era.

Conforme Lovejoy, existe um conflito evidente em relação às informações sobre seu nascimento, e isso não pode ser desconsiderado em um trabalho no qual uma autobiografia seja utilizada como fonte primária, ainda mais em nosso caso, no qual essa autobiografia é a fonte principal. Entretanto, a documentação de nascimento e o documento de embarque para a expedição no Ártico não são provas contundentes de que Equiano mentiu sobre seu local de nascimento. São questões a serem analisadas e discutidas.

A autobiografia de Equiano ficou obscura durante muito tempo. Somente nos anos sessenta, no período em que a Nigéria se tornou independente e que explodiu a guerra da Biafra é que ela veio à tona novamente. O texto de Equiano é novamente uma forte arma ideológica. Se, no período em que foi escrita, tinha o cunho panfletário em relação à abolição, no século XX vai ter o poder de constituir a identidade dos Igbos. Certamente Gustavus não imaginava que seu texto iria percorrer os séculos e renascer novamente como ferramenta política. A importância em relação a seu local de nascimento volta novamente à cena, constituindo como peça importante de amálgama das comunidades Igbos para tornarem-se independentes da Nigéria. Dessa forma, sua obra deve novamente ser posta à prova, e cabe aos historiadores buscarem novas questões e informações capazes de responder aos novos anseios que o texto de Gustavus Vassa impõe.

3.8 A Autobiografia de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa e o Atlântico Negro de Paul Gilroy, uma história da chave e de seu cadeado

Quando iniciei as pesquisas com a autobiografia de Gustavus Vassa, ainda não tinha tido contato com o livro de Paul Gilroy (2001). Vassa, para minhas pesquisas, havia sido ponto fundamental para seguir estudando os marítimos do Atlântico, mas fugindo das histórias ligadas às tradições ibéricas e europeias que haviam sido foco de meus estudos anteriores. A sorte de encontrar um africano que havia sido marinheiro e deixara uma autobiografia era como, para os marinheiros do século XVI, encontrar uma ilha com água doce no meio do Atlântico.

Após a montagem do projeto de mestrado, apresentei a alguns colegas para que me ajudassem com as devidas correções em relação a pontos específicos; colegas que pesquisavam e pesquisam assuntos completamente distintos, passando por história da idade média, historiografia do século XX, e assim por diante. Entretanto, apesar da diversidade de análises a que meu humilde projeto fora submetido, todos os colegas deixavam uma enorme nota ou um adendo me obrigando a buscar a obra de Gilroy como forma de entender meu objeto. E foi assim que, a partir do momento em que comecei a ler o livro *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência* de Paul Gilroy, pude perceber que Equiano poderia ser o ator principal das reflexões do autor, caso seu trabalho viesse a tornar-se um filme.

Não somente a trajetória de vida de Vassa, ou o caminho seguido através do Atlântico, mas principalmente a forma de refletir sobre o mundo e sobre o que acontecia consigo e com os outros à sua volta, faz com que Equiano pudesse participar da obra de Gilroy em quase todos seus momentos. A ideia de uma constituição de identidade que não se fixa a suas raízes terrestres e ao mundo no qual nasceu é um dos pontos mais importantes tanto para a obra de Gilroy, quanto para a vida de Equiano. O mundo transnacional que Olaudah experimentou na prática é, na teoria, o mundo que Gilroy imagina que tenha existido nas franjas do Atlântico e constituído a partir das embarcações nas quais Vassa trabalhou.

São diversas as conexões entre a vida de um e a teoria produzida pelo outro e que nos levam a pensar em quem serve de cadeado para quem. De forma alguma a obra de Equiano foi produzida pensando nas teorias que Gilroy iria pensar. Acredito também que Olaudah não foi o centro das atenções de Gilroy ao produzir seu livro. Apesar do africano ser citado mais

de uma vez ao longo da obra, sua trajetória não fica explícita no transcorrer do trabalho. Além disso, as reflexões de Gilroy ultrapassam os limites do vida de Equiano. O que parece ser o mais provável é que, nesse caso, a teoria encontra na vida prática o cadeado perfeito, ou quase, para sua chave de entendimento. Pois, nada mais perfeito para um sociólogo do que uma teoria sua que possa ser explicada a partir da vida de um sujeito, que viveu mais de cento e cinquenta anos atrás. Para o autor do Atlântico Negro, esse africano acaba por ser mais um dos que pode representar o grupo de homens, em geral, que fez do oceano e do trabalho marítimo um caminho para transcender os limites impostos pelas estruturas de seu tempo. Além disso, foram esses homens, de acordo com Gilroy, que moldaram o mundo moderno no qual vivemos hoje, e foi sobre seus ombros que foram construídas as sociedades ocidentais que hoje sobrevivem nas margens desse oceano.

Em sua obra, Gilroy acaba por desestruturar a lógica das raças, de forma a apresentar a humanidade desses homens que viveram na diáspora. Buscando conceitos como o de culturas viajantes, de James Clifford (1992), o autor nos apresenta um mundo constituído por seres humanos, nascidos em qualquer margem do Atlântico e que, ao longo de suas jornadas de vida, tiveram de se assimilar ao local onde estavam. Alguns transitaram tanto, como Equiano, que seria difícil dizer de onde teriam saído.

Usando por base os estudos culturais ingleses e autores como Thompson (1998), e Hobsbawn (1979), Gilroy ultrapassa as reflexões dos mesmos, tentando mostrar que a cultura dos sujeitos de certa maneira caminha com os mesmos, se transformando ao longo de suas vidas, mas deixando marcas indeléveis, como no caso dos africanos. Apesar de terem sido brutalmente arrancados de seu continente, carregaram consigo seu passado, suas histórias, suas tradições e constituíram-se enquanto sujeitos em outro espaço, transformando-se, mas sem deixar para trás seu passado.

Dessa forma, acreditamos ser o texto de Gilroy uma amálgama dos estudos ditos pós-coloniais, nos quais grande parte dos autores vive ou viveu a diáspora ou o deslocamento de seu local de nascimento, carregando consigo parte de um passado ou de uma memória que nem existe mais, mas que constitui a si e ao mundo onde vive. Autores como Stuart Hall (2013), Kwame Appiah (1997), Edward Said (1996), Franz Fanon (2008), Nestor Canclini,(2006), Valentim Mudimbe (2013) e Homi Bhabha (2013), que escrevem a partir de um lugar que parece não ser o seu lugar de origem, mas que apresentam essa ideia de que o sujeito não precisa ter um lugar de origem para produzir suas reflexões; que seus pensamentos, suas ideias, sua visão de mundo e sua cosmogonia se constituem a partir do sujeito, e não do lugar.

Nesse sentido é que a vida de Equiano torna-se a chave para esses estudos, dos quais o de Paul Gilroy acaba por ser o mais próximo: um menino que, arrancado do seio de sua comunidade, torna-se adulto em um mundo de internacionalismos e, a partir daí vai definir seu destino e constituir-se enquanto sujeito como participante ativo na comunidade onde encontra-se, e não apenas como expectador. É nessa diferença que Gilroy mais se aproxima de Olaudah, em relação aos outros autores. Para alguns, esses sujeitos constituídos na diáspora, ou que vivem e se moldam no entre-lugar, acabam por não pertencer a lugar nenhum, ou mesmo a sentir-se deslocado em todos os lugares. Para o autor do *Atlântico Negro*, é na imagem do oceano enquanto espaço de trocas e de hibridações que esses sujeitos pertencem a todos os lugares e constituem-se como formadores de todas essas sociedades que, na realidade, são muito mais híbridas do que se imagina.

Em *Peles negras, máscaras brancas*, de Franz Fanon (2008), buscamos entender os martinicanos, centro-americanos que buscam na metrópole a identidade superior em relação ao mundo onde vivem, sem dar-se conta de que uma identidade é que constitui a outra. Sem a identidade da colônia, a identidade da metrópole de nada serve. Essa dualidade, esse jogo de justaposição passa a se construir na constituição da modernidade. Mas já vinha sendo ensaiado desde os tempos dos descobrimentos, se atentarmos para os estudos de Tzvetan Todorov (2010) em relação à questão do outro. Equiano é aqui novamente ator principal para pensarmos um escravo africano que torna-se cidadão inglês no século XVIII. Ao ler o texto de Olaudah, muitos diriam que trata-se de um negro que veste uma máscara branca para redigir sua obra. Contudo, é importante pensar que esse africano foi constituído como adulto no mundo do Atlântico anglo-africano, e que, dessa forma, essa sua possível máscara na verdade representa o que seria a força motriz do império britânico no período. De acordo com Gilroy, no final do século XVIII calcula-se que 1/4 da marinha inglesa era formada de africanos. Sendo assim, Equiano não veste a máscara branca, ele é, sim, a identidade inglesa do período, só que uma identidade que nunca apareceu nos livros de história, pois havia o ideal de que a marinha de sua majestade era formada por ingleses. Seguramente, não haveriam ingleses suficientes para povoar a quantidade de embarcações que transitava pelo Atlântico nesse período com a bandeira de sua majestade ou a serviço das incipientes companhias de navegação.

Para Gilroy, essa modernidade e dupla consciência são as chaves de entendimento desse mundo que passa a existir com as conexões existentes no Atlântico. Isso, é claro, sem esquecer os limites que essas reflexões podem ter em se tratando dos diversos tipos de sujeitos envolvidos nesse ínterim. Primeiramente, como já diz em seu prefácio da edição

brasileira, Gilroy tem consciência de que seu trabalho basicamente se resume ao Atlântico norte. Dessa forma, deixa em aberto um imenso vazio de pesquisas, se pensarmos que foi no Atlântico sul que desembarcaram a maior quantidade de africanos arregimentados pelo tráfico. Além disso, a costa brasileira ficou quase um século a mais do que o resto do mundo Atlântico recebendo gentes do mar, de todas as franjas desse oceano, seja por força da abolição tardia da escravidão ou pela proximidade com a costa da África.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Equiano tem doze capítulos, sendo que apenas nos dois primeiros o autor faz referências a seu passado em África. Nos outros, Olaudah apresenta ao leitor a sua visão da escravidão e o mundo do século XVIII, visto aos olhos de um marinheiro e de seus companheiros de bordo. O barco era o grande meio de transmissão de culturas, conhecimentos e relações de todo tipo. Equiano teve a sorte de poder desfrutar desse mundo, o que, acreditamos, tenha acontecido com diversos outros escravizados. Entretanto, foram poucos que deixaram seu relato sobre essa experiência. Além disso, a questão da escravidão acaba por assumir um papel muito maior em se tratando das pesquisas e das narrativas de africanos. Não buscamos nesse trabalho diminuir a importância desses relatos em relação à escravidão, mas buscamos centrar o foco em outros, além desse, que muitas vezes acaba por aprisionar narrativas riquíssimas em relação à história da África e do mundo Atlântico. Mostrar a experiência dos africanos enquanto sujeitos nesse período, acerca dos limites entre livres e escravizados no mundo atlântico do século XVIII, é um dos objetivos desse trabalho.

Procuramos apresentar uma memória de África: rica, viva e que se mostre positiva com seus limites. Buscamos a agência dos africanos sobre seu passado, aquilo que lhes têm sido negado ao longo do tempo, pois os estudos sobre África sempre partem de fora do continente. Temos limites para isso, como já foi citado aqui, mas pretendemos chegar o mais próximo possível dessa África sujeito.

Nosso trabalho dividiu-se em três capítulos distintos. O primeiro buscou, dentro de nossas possibilidades, colocar à prova a autobiografia de Equiano enquanto fonte histórica passível de reconstruir parcialmente o mundo em que o autor viveu. Procuramos mostrar os limites do uso de uma autobiografia enquanto fonte histórica e também mostrar, ao mesmo tempo, a riqueza com que essa obra pode ser vista. Talvez, para alguns, esse tipo de relato não seja suficientemente neutro para ser utilizado como fonte. Contudo, acreditamos que, com as discussões do primeiro capítulo, dentro das possibilidades que buscamos, essa obra permitiu um ótimo ponto de reflexão acerca dos africanos que trabalharam como marinheiros no Atlântico e da memória de África.

No segundo capítulo do trabalho, no qual procuramos analisar a vida dos marinheiros africanos no Atlântico a partir do relato de Gustavus Vassa, buscamos, mais do que tudo, vislumbrar as possibilidades que outros africanos que tivessem as mesmas chances de nosso autor teriam, caso tivessem, como ele, encontrado na vida de marinheiro um campo de

possibilidades para sua libertação ou para uma melhor condição de vida. Como já foi relatado no próprio capítulo, acreditamos ter sido um ótimo caminho para aqueles escravizados que puderam utilizar-se dele. Diversos outros elementos em relação à vida dos marinheiros do Atlântico poderiam ter sido elencados para análise. Contudo, buscamos privilegiar aqueles que julgamos que a obra utilizada como fonte principal nos permitiria maiores aprofundamentos.

Por fim, nosso terceiro capítulo analisou a memória que esse africano teria de África, constituindo um mundo que ele havia deixado há mais de trinta anos e que, no período de vida desse homem, foi completamente desestruturado pelo tráfico internacional de escravos. A memória de Equiano é ponto fundamental na construção da memória dos povos Igbo da atual Nigéria e, sendo assim, discutir essa memória e colocá-la à prova em relação a outros estudos serviu como forma de discutir as heranças africanas e seus limites nos dias de hoje.

A Obra de Equiano é muito rica e pode servir a diversos campos de pesquisa. Acreditamos que nosso trabalho tenha servido como forma de introduzi-la nos estudos acerca da vida dos homens do mar no Atlântico do período, principalmente dos africanos. Diversas outras formas de analisar essa autobiografia podem vir a ser trabalhadas e acreditamos que nosso trabalho constitui-se como um tijolo a mais na parede que busca construir-se acerca do conhecimento dos homens do mar e do continente africano.

REFERÊNCIAS

Fontes principais

EQUIANO, Olaudah. *Narracion de la vida de Olaudah Equiano, El Africano*. Madrid; Miraguano ediciones, 1999.

EQUIANO, Olaudah. *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, Or Gustavus Vassa, The African*. 1789. Disponível em: <http://www.gutenberg.org>. Acesso em: 15/04/2015.

EQUIANO, Olaudah. *The life of Olaudah Equiano. The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the african. Written by Himself*. Edited by Joanna Brooks, U.S.A. , R.R. Donnelley & Sons Company, 2004.

Fontes secundárias

BAQUAQUA, Mahommad Gardo. *Biografia e narrativa do ex-escravo afro-brasileiro / Mahommad Gardo Baquaqua*; tradução Robert Krueger – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

Diário anônimo as costas da África e as índias espanholas. Rio de Janeiro; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB V.267. 1965.

HILL, Pascoe Grenfell. *Cinquenta Dias a Bordo de um navio negreiro, 1843*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRAMSON, Erik. MORTELMANS, Edward. *A vida de um marinheiro no tempo dos grandes veleiros*. São Paulo; VERBO, 1984.

ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. São Paulo; Cia das Letras, 2009.

ANDERSON, Perry. *Estrutura e sujeito, in. A crise da crise do Marxismo*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

ANDREWS, Willian L. *African American autobiography: a collection os critical essays*. New Jersey, Prentice-Hall inc, 1993.

ALAGOA, Ebiegberi.J. *Do delta do Níger aos Camarões: os Fon e os Ioruba*. História Geral da África – UNESCO. Vol. V. Brasília, 2010.

_____. *O delta do Níger e Camarões*. História Geral da África – UNESCO. Vol. VI. Brasília. 2010.

APPIAH, Anthony. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro; Contraponto, 1997.

ACHOLONU, Catherine Obianuju. *The Igbo Roots of Olaudah Equiano*. In KORIEH, Chima J. Trenton NJ; Africa World Press, Inc, 2009.

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte,; Editora da UFMG, 2013.

BARROS, Amândio Jorge Morais. *O negocio atlântico: as redes comerciais portuenses e as novas geografias do trato internacional (séculos XVI-XVII)*. Revista da faculdade de letras, HISTÓRIA, Porto, III série, vol.8, 2007, PP. 29-47.

_____. *O porto e a construção dos navios de Vasco da Gama*. Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques, vol. 1, 2006, p. 131-141.

------. *Vida de Marinheiro. Aspectos do quotidiano das gentes do mar no século XV e XVI*. Estudos em homenagem a Luiz Antonio de Oliveira Ramos, Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2004, p.249-263.

_____. *O porto contra os corsários. (A expedição de 1469)* Revista da Faculdade de Letras, HISTÒRIA, Porto, III série, vol.1, 2000, pp.011-027.

_____. *Barcos e Gentes do Mar do Porto (séculos XIV-XVI)*. Revista da Faculdade de Letras: História, Séri II, vol. 14, 1997. pp. 167-230.

_____. *São Pedro de Miragaia: uma confraria de gentes do mar do porto no século XV*. Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época. vol. 4, 1989, p. 301-310.

BEZERRA, Nielson Rosa. *Escravidão, biografias e a memória dos excluídos*. Revista espaço acadêmico – N 126 – Novembro 2011.

_____. *Mosaicos da Escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: Usos e Abusos da história oral. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

BRITO, Bernardo Gomes de. *História Trágico Marítima*. Rio de Janeiro, Lacerda Editores – Contraponto Editores, 1998.

BYRD, Alexander X. *Captives and Voyagers: black migrants across the eighteenth-century British Atlantic world*. Louisiana, USA. Louisiana State University, 2008.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

CARRETTA, Vincent. *Equiano, the African, Biography of a self made man*. Athens-Georgia; University of Georgia Press, 2005.

_____. *Olaudah Equiano. The interesting narrative and other writings*. New York; Penguin Books, 1995.

CLIFFORD, James. *A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

CLIFFORD, James. *Culturas Viajantes*. In: ARANTES, Antonio. (org.) O espaço da diferença. Campinas, Papiros, 2000. P. 50-79.

COSTA, Emília V. da. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHRISTOPHER, Emma. *Slave ship sailors and their captive cargoes, 1730-1807*. New York, Cambridge University Press, 2006.

CUGOANO, Ottobah. *Thoughts and Sentiments on the Evil and Wicked Traffic of the Slavery and Commerce of the Human Species (1787)*, USA, 1787.

DAVIS, Charles T, GATES Jr. Henry Louis. *The Salves Narrative*. New York; Oxford University Press, 1985.

DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an A slave*. EUA, 1845.

DU BOIS, W. E. B. *Writings*. New York, The Library of América, 1986.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GARCIA, Canclini Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo; EDUSP, 1998.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOULDNER, Alvin. *El Marxismo como ciência e como Crítica*, in. Los dos marxismos, contradicciones e anomalias em el desarrollo de la teoria. Madrid, Alianza, 1985.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HAMPATÈ Bá, Amadou. *A tradição viva*. História Geral da África, Vol I, Brasília: UNESCO, 2010.

_____. *Amkoullel, O menino Fúla*. São Paulo, Ed. Palas Athena – Casa das Africas, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo; Cia das Letras, 2013.

_____ e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HUGGINS, Nathan Irvin. *Black Odyssey*. New York; Vintage Books, 1990.

KI-ZERBO, Joseph. *Apresentação*. História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo, Brasília; UNESCO, 2010.

KOSSELECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

KORIEH, Chima J. *Olaudah Equiano and the Igbo World*. Trenton NJ; Africa World Press, Inc, 2009.

ISICHEI, Elisabeth. *A history of African Society to 1870*. Cambridge; Cambridge University Press, 1997.

LAPA, Amaral da. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1968.

LEITE, Fábio. *A questão ancestral. África negra*. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2008, introdução.

LLOYD, Christopher. *As estruturas da história*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

LOVEJOY, Paul and LAW, Robin. *The Biography of Mahommad Baquaqua: his passage from slavery to freedom in África and América*. Princeton, Marcus Weiner Publishers, 2003.

LOVEJOY, Paul. *Autobiography and memory: Gustavus Vassa, alias Olaudah Equiano, the african*. Slavery and abolition, vol. 27, num. 03, dez 2006, p. 317-347.

_____, Paul. *A escravidão na África: uma história e suas transformações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

LINEBAUGH, Peter. REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas Cabeças: marinheiros, escravos e plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo; Cia das Letras, 2008.

_____. *Todas as montanhas atlânticas estremeceram*. Revista Brasileira de História – ANPUH, Ano 3 Nº 6. 1983.

MACEDO, Jose Rivair. *História da África*. São Paulo, Contexto, 2013.

MARTÍNEZ, José Luis. *Pasajeros de Indias: Viajes transatlânticos en el siglo XVI*. Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 2001.

MERRIEN, Jean. *A vida quotidiana dos marinheiros no tempo do Rei Sol*. Lisboa; Editora livros do Brasil, S.d.

MBEMBE, Achille. *As formas africanas de Auto-inscrição*. Revista de estudos Afro-asiáticos, ano 23, nº1, 2001, pp.171-209.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e civilizações tomo I (até o séc. XVIII)*. Salvador; EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

_____. *África Negra: História e civilizações tomo II (do século XIX aos nossos dias)*. Lisboa; Edições Colibri, 2011.

MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista: (Portugal, seculos xv e xvi)*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2008.

MOLLAT, Michel. *La vie quotidienne des gens de mer en atlantique IX-XVI siecle*. Paris, Hachette, 1983.

MUDIMBE, Valentin. *A invenção da África*. Mangualde ; Editora Pedagogo, Ltda, 2013.

NIANE, Djibril Tamsir. *Introdução*. Cap1 in. Coleção História Geral da África, IV: África do século XII ao XVI / Editado por Djibril Tamsir Niane, Brasília; UNESCO, 2010.

PEREIRA, José M. *Navegações Chinesas do Século XV. Realidade e Ficção* Lisboa, Academia de Marinha, 2006. *Algumas das consequências geográficas e náuticas das navegações chinesas do século XV*, Academia da Marinha, 2006. Disponível em: http://chcul.fc.ul.pt/membros/jose_pereira.htm. Acesso em 10/03/2015.

PEREIRA, Jose Malhão. *Navegações de Alto-mar no Atlântico Anteriores a 1434*. Lisboa, Academia da marinha, 2001.

_____. *A Transição da navegação Mediterrânica para o Atlântico*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1996.

PERRONE-MOISES, Leyla. *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *Introdução ao estudo da História: temas e textos*. Porto Alegre; Edição do Autor, 2013.

PIGAFETTA, Antonio. *A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre, L&PM, 2007.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro, Revista de estudos históricos, vol. 5, nº 20, 1992, p.200-212.

_____. *Memória, esquecimento e silêncio*. Rio de Janeiro, Revista de estudos históricos, vol. 2 nº 3, 1989, p.3-15.

POLÓNIA, Amélia. *Traços identitários de um grupo sócio-profissional. Os náuticos de Vila do Conde no século XVI*. Repositório Aberto Universidade do Porto, trabalho acadêmico, 2004. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9149>. Acesso em 15/04/2015.

------. *Reflexões sobre alguns aspectos da vida quotidiana no século XVI*. Revista de História da Universidade do Porto, 13, 1995, p.75-96.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Rio de Janeiro, Revista Tempo, vol. 1 nº2, 1996.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAMOS, Fábio Pestana. *Naufrágios e Obstáculos enfrentados pelas armadas da Índia Portuguesa: 1497-1653*. São Paulo: Humanitas, 2000.

_____. *Por mares nunca dantes navegados: a aventura dos descobrimentos*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Os problemas enfrentados no cotidiano das navegações portuguesas da carreira da Índia: fator de abandono gradual da rota das especiarias*. Revista de História, nº 137, pp.75-94, FFLCH-USP, 1997.

READER, John. *África: biografia de um continente*. Lisboa, Publicações Europa-América, 2002.

REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: Uma história humana*. São Paulo, Cia das Letras, 2011.

_____. *The Amistad Rebellion: An Atlantic odyssey of slavery and freedom*. Viking Penguin, USA; 2012.

REIS, João Jose, Flavio dos Santos Gomes, Marcus J.M. de Carvalho . *O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e Liberdade no Atlântico Negro*. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa, Seara Nova, 1975.

RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Para uma história da experiência africana no mundo do trabalho atlântico (séculos XVIII e XIX)*. In: SANTOS, Flávio Gonçalves dos (org.). *Portos e cidades: movimentos portuários, atlânticos e diáspora africana*. Ilhéus: Editus, 2011.

_____. *Um sepulcro grande, amplo e fundo: saúde alimentar no Atlântico, séculos XVI ao XVIII*. Revista de História, São Paulo, nº 168, p. 325-350, janeiro/junho 2013, pp. 325-350.

_____. *Marinheiros forros e escravos em Portugal e na América Portuguesa (c.1760-c.1825)*. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2013a, pp. 9-35.

_____. *Escravos, senhores e vida marítima no Atlântico: Portugal, África e América portuguesa, c.1760 – c.1825*, Almanack, Guarulhos, n.05, 1º semestre de 2013b, pp. 145-177.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org). *Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*. Lisboa: Edições cotovia, 2005.

SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva. *Nas engrenagens do tráfico: grupos canoieiros e sua atuação nos portos do Benin*. Anais do XIX encontro regional de história: Poder, violência e exclusão. ANPUH, SP- USP, CD-rom, 2008.

SCHAMA, Simon, *Travessias difíceis: Grã-Bretanha, os escravos e a Revolução Americana*. São Paulo; Cia das letras, 2011.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos Portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002.

SILVA, Luiz Geraldo. *A faina, a festa, e o rito: Uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sécs. XVII ao XIX)*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. *Os pescadores na história do Brasil*. Recife; comissão pastoral dos pescadores, 1988.

THOMPSON. *A Formação da Classe Operária Inglesa. Vol. I, II e III*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800*.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo; Martins Fontes, 2010.

TORRES, Rodrigo de Oliveira. “*E a modernidade veio a bordo*”: Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: UFPEL, 2010.

UCHENDU, Victor C. *Slaves and slavery in Igboland, Nigéria*. In KOPYTOFF, Igor; MIERS, Suzanne. *Slavery in África*. Wisconsin, Winsconsin Press, 1977.

UGWUANYI, Ogbó. *Olaudah Equiano and the question of African Identity*. In: KORIEH. Chima. *J. Olaudah Equiano and the Igbo World*. Trenton, Africa World Press, 2009.

UKAEGBU, Doroty Chinue. *Igbo sense of place and identity in Olaudah Equiano's The interesting narrative*. In KORIEH, Chima J. *Olaudah Equiano & The Igbo world*. Trenton, NJ; Africa World Press, Inc, 2009.

_____. *Status in Eighteenth-Century Igboland: Perspectives from Olaudah Equiano's The Interesting Narrative*. In KORIEH, Chima J. *Olaudah Equiano & the Igbo World*. Trenton NJ; Africa World Press, Inc, 2009.

VANSINA, Jan. *A tradição oral e sua metodologia*. In *História Geral da África, Vol I*, UNESCO, 2010.

VICKERS, Daniel. *The common seamen in the history of capitalism and the working class*. *International Journal of maritime history I* (1989) 337-357. In CHRISTOPHER, Emma. *Slave Ship sailors and their captive cargoes, 1730-1807*. Cambridge; Cambridge University Press, 2006.

XAVIER, Regina. *Biografando outros sujeitos, valorizando outra história: Estudos sobre a experiência dos escravos*. In. SCHMIDT, Benito Bisso. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. *A África e a economia mundo*. In. *História Geral da África – UNESCO. Vol. VI. Cap.2*, Brasília, 2010.

DICIONÁRIOS:

Diccionario de Marinha que aos officiais da Armada Nacional Portuguesa. Organizado por João Pedro d'Amorim. Publicado em Lisboa pela Imprensa Nacional, 1841.

Diccionario marítimo brasileiro. Organizado por uma comissão nomeada pelo Governo Imperial sob direção do Barão de Angra. Publicado no Rio de Janeiro pela Typographia e Lithografia do Imperial Instituto Artistico, 1877.

Novo diccionario da marinha guerra e mercante. Organizado por Antônio Gregório de Freitas. Publicado em Lisboa pela Imprensa Silviana, 1855.

Vocabulo Marujo. Organizado por Mauricio da Costa Campos. Publicado no Rio de Janeiro pela Officina de Silva Porto e Companhia, 1823.

ANEXOS

APÊNDICE I – Imagens de Documentos de Gustavus Vassa.

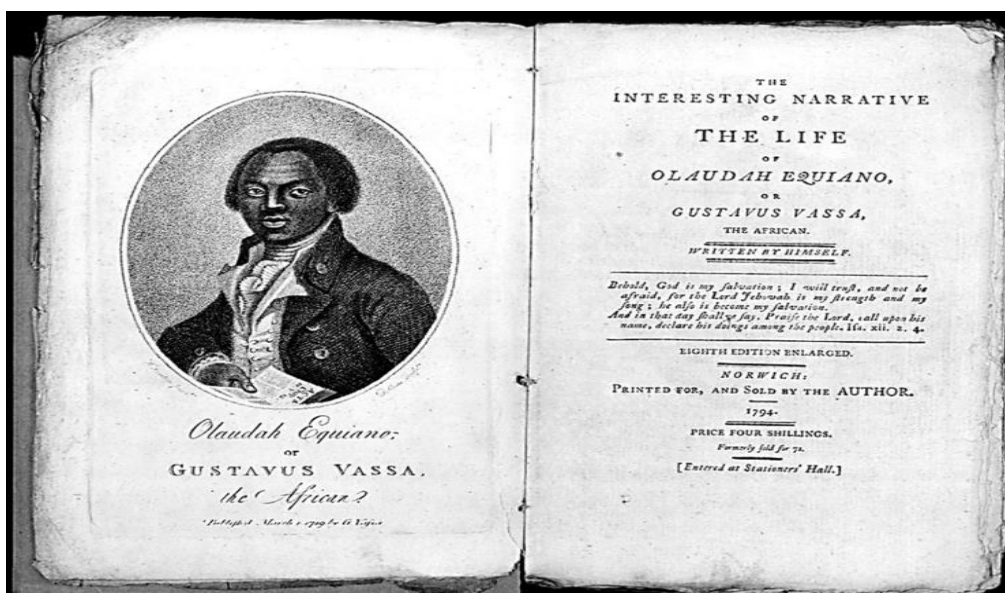
Nota do autor

Julgamos necessário inserir ao final do trabalho imagens e documentos que comumente aparecem nas obras relacionadas à vida de Olaudah Equiano. Como a vida desse africano tem sido alvo de diversos trabalhos ao longo dos séculos que separam sua primeira edição dos dias de hoje, muitos foram os documentos que foram sendo incorporados às pesquisas sobre a vida do autor com o objetivo de demonstrar os diversos espaços por onde transitou ou mesmo confirmar sua existência ou a veracidade de suas informações. Acreditamos, portanto, ser este material importante ao leitor que teve, a partir deste momento, seu primeiro contato com a vida de Equiano, ou mesmo aquele que já pesquisa acerca do autor.

ANEXO I

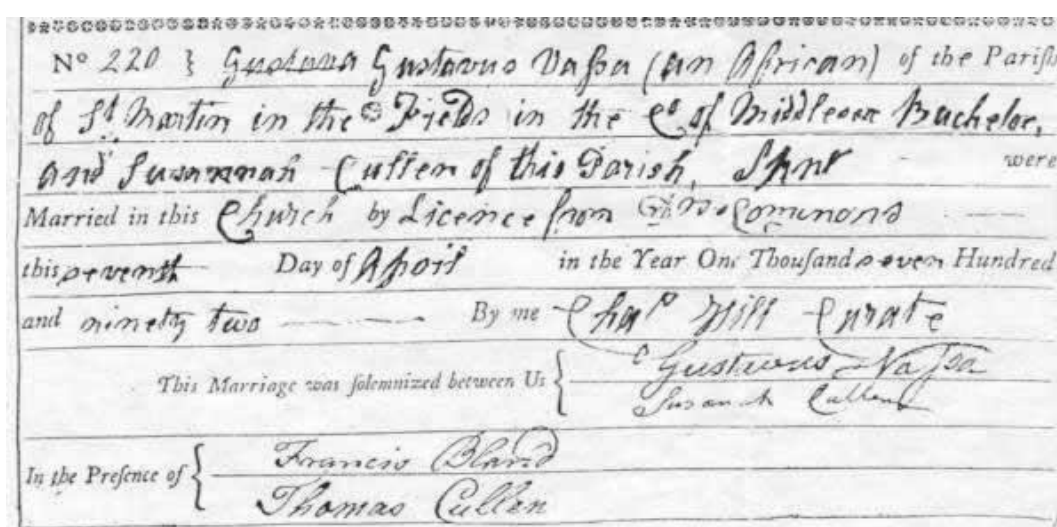
Frontispício da 8ª edição da Autobiografia de Equiano de 1794.

Fonte: página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.



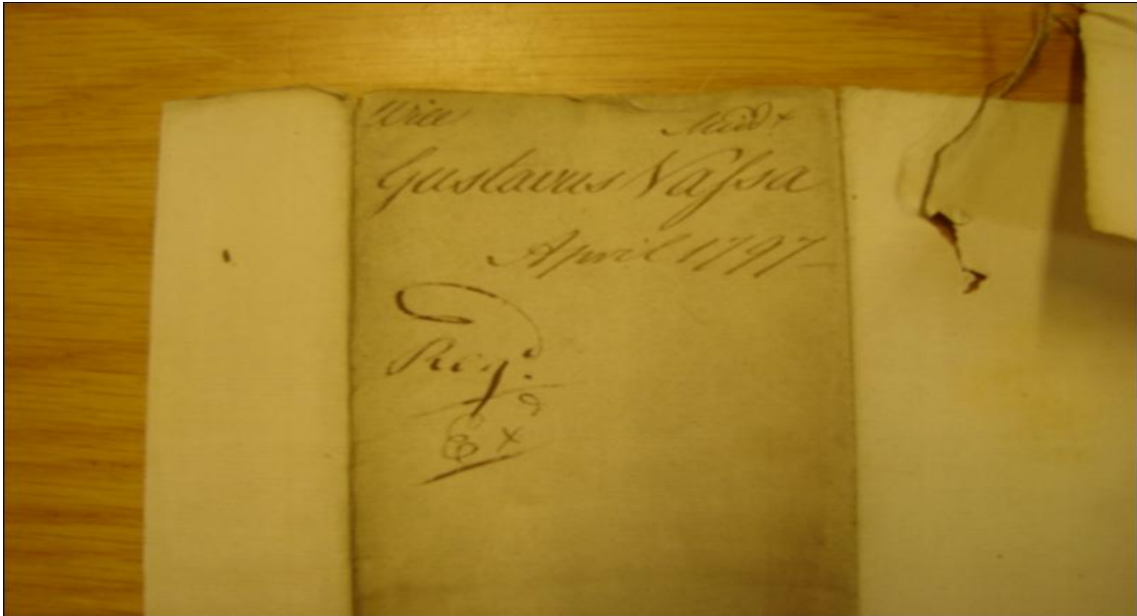
ANEXO II

Certificado de casamento de Gustavus Vassa e Susannah Cullen, realizado em sete de abril de 1792. Fonte: Soham Community History Museum. Da página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.



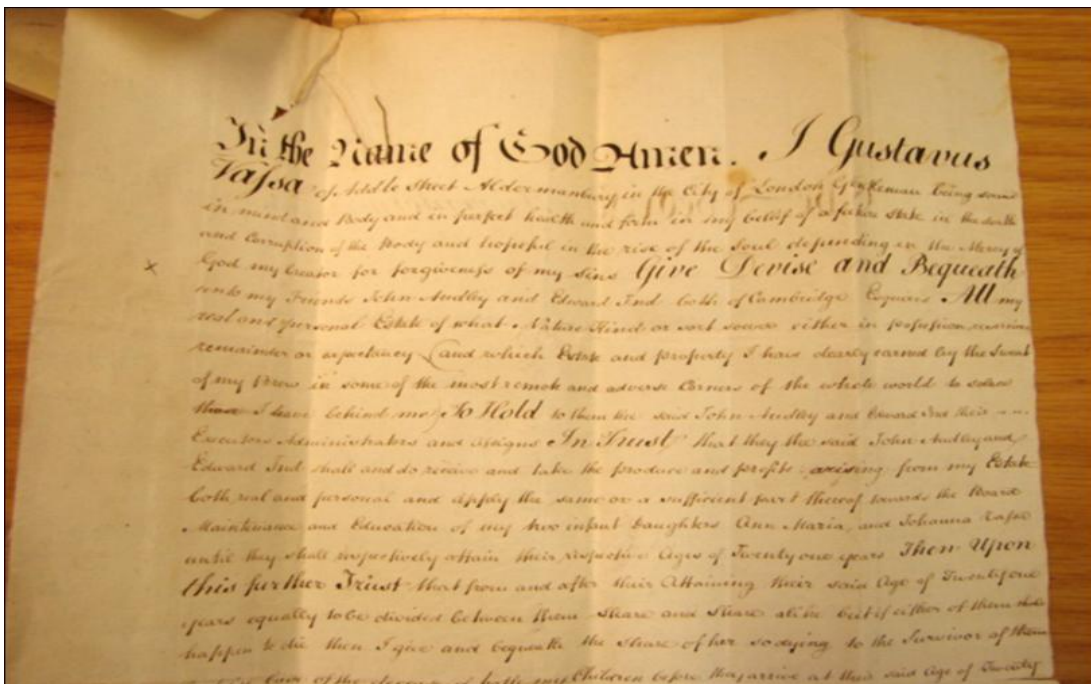
ANEXO III

Testamento de Gustavus Vassa, 1797. Fonte: Public Record Office, London, página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.



ANEXO IV

Testamento de Gustavus Vassa, 1797. (Public Record Office, London, Prob 10/3372. Da página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.





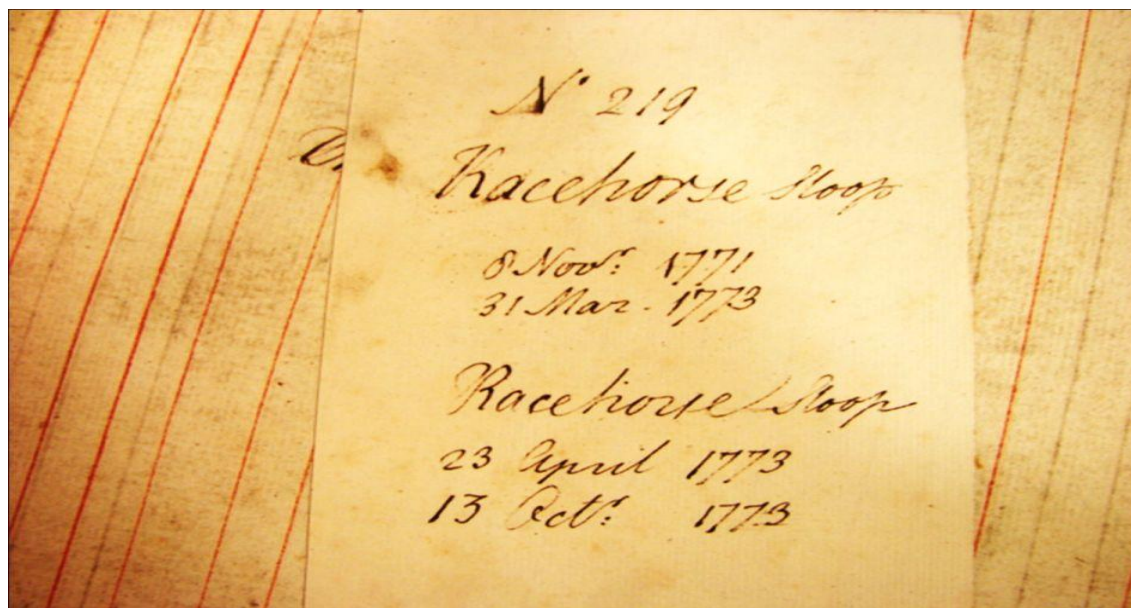
ANEXO VI

Registro de batismo de Equiano em 1759. Fonte: St Margaret's Church, London. Da página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.

7.	Edward Thomas Crawley	S. of Edward	by Mary	Decem ^r	12.
7.	Elizabeth Barratt	D. of William	by Ann	Jan ^y	12.
8.	John Snow	S. of Charles	by Sarah	15.	12.
9.	Edmund Hays	S. of Edmund	by Mary	Decem ^r	12.
9.	Alice Elizabeth Stephens	D. of John Esq.	by Lydia	Feb ^y	13.
9.	William Wharton	S. of Robert	by Mary	Jan ^y	18.
9.	Diana Tracy	D. of William	by Francis	25.	18.
9.	Gustavus Vassa	a Black born in Carolina	12 years old		18.
11.	Elizabeth Husbards	D. of Wm	by Mary	5 years old	18.
11.	Hannah Day	D. of Christopher	by Mary	17.	18.
11.	Richard Cooper	S. of James	by Ann	21.	20.
11.	Martha Fendolow	D. of John	by Ann	27.	23.

ANEXO VII

Livro de registros do Race Horse (Polo Norte). Fonte: página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.



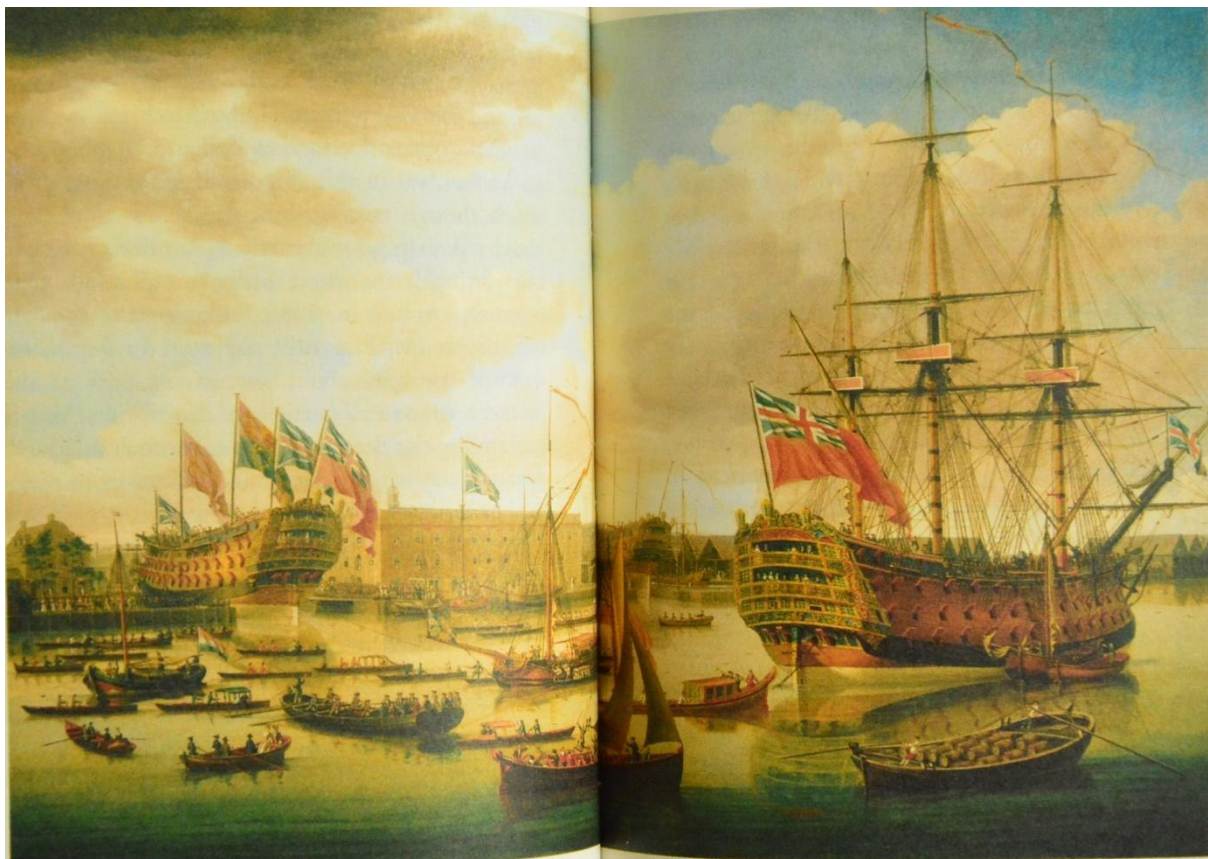
ANEXO VIII

Livro de registro do *Race Horse*, 1773. Da página da internet desenvolvida para apresentar Equiano ao grande público, mantida por Paul Lovejoy. Disponível em: <http://equianosworld.tubmaninstitute.ca/> Acesso em 13/03/2015.

No	Day	Year	Place	Ship and Country	Name of Captain	Remarks
1	10	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
2	11	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
3	12	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
4	13	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
5	14	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
6	15	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
7	16	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
8	17	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
9	18	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
10	19	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
11	20	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
12	21	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
13	22	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
14	23	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
15	24	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
16	25	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
17	26	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
18	27	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
19	28	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
20	29	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
21	30	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
22	31	1771	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
23	1	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
24	2	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
25	3	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
26	4	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
27	5	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
28	6	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
29	7	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
30	8	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
31	9	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
32	10	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
33	11	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
34	12	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
35	13	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
36	14	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
37	15	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
38	16	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
39	17	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
40	18	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
41	19	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
42	20	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
43	21	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
44	22	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
45	23	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
46	24	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
47	25	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
48	26	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
49	27	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
50	28	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
51	29	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
52	30	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
53	31	1772	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
54	1	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
55	2	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
56	3	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
57	4	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
58	5	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
59	6	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
60	7	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
61	8	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
62	9	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
63	10	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
64	11	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
65	12	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
66	13	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
67	14	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
68	15	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
69	16	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
70	17	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
71	18	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
72	19	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
73	20	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
74	21	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
75	22	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
76	23	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
77	24	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
78	25	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
79	26	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
80	27	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
81	28	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
82	29	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
83	30	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's
84	31	1773	St. John's	St. John's	John Godfrey	at St. John's

ANEXO IX

Imagem do Royal George. Fonte: (EQUIANO, 2004, p.88-89)



ANEXO X

Imagem do Namur. Fonte: (EQUIANO, 2004, p.113).



ANEXO XI

Imagem das docas para as Índias Ocidentais em Londres. Fonte: (EQUIANO, 2004, p.276).



ANEXO XII

Imagem da expedição ao Polo Norte da qual Equiano participou (Race Horce). Fonte. (EQUIANO, 2004, p.280).



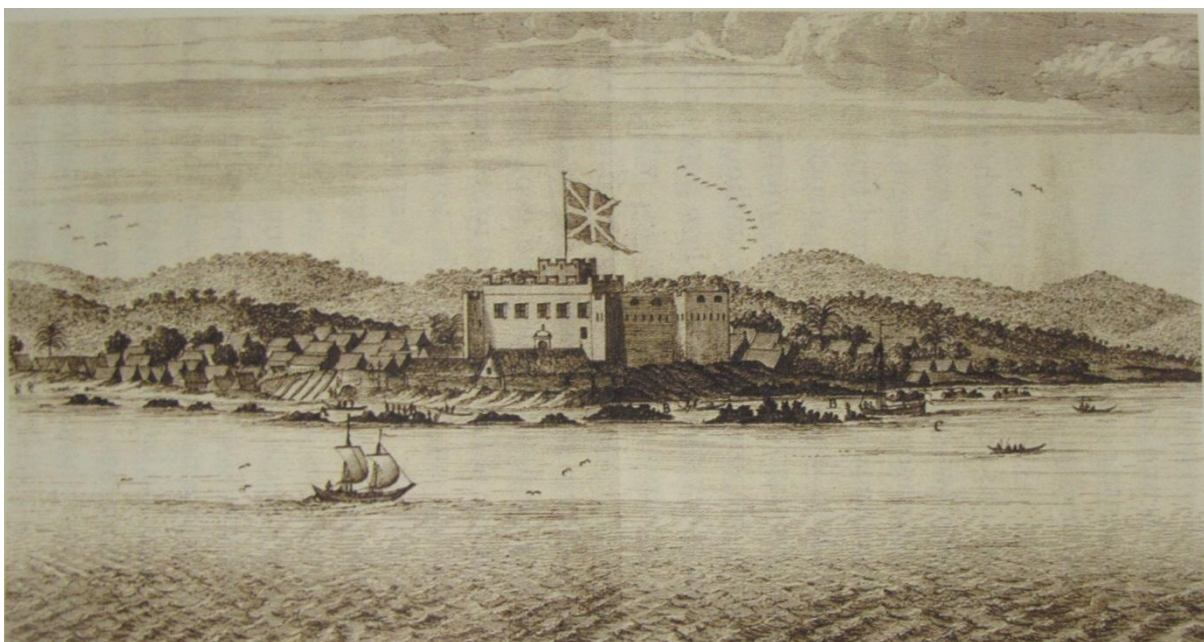
ANEXO XIII

Imagem das canoas levando escravos para os navios na costa ocidental africana. Fonte. (EQUIANO, 2004, P.52).



ANEXO XIV

Imagem de uma fortaleza na costa ocidental africana. Fonte. (EQUIANO, 2004, p.50).



ANEXO XV

Imagem rara de um marinheiro negro. Fonte. (EQUIANO, 2004, p.245).



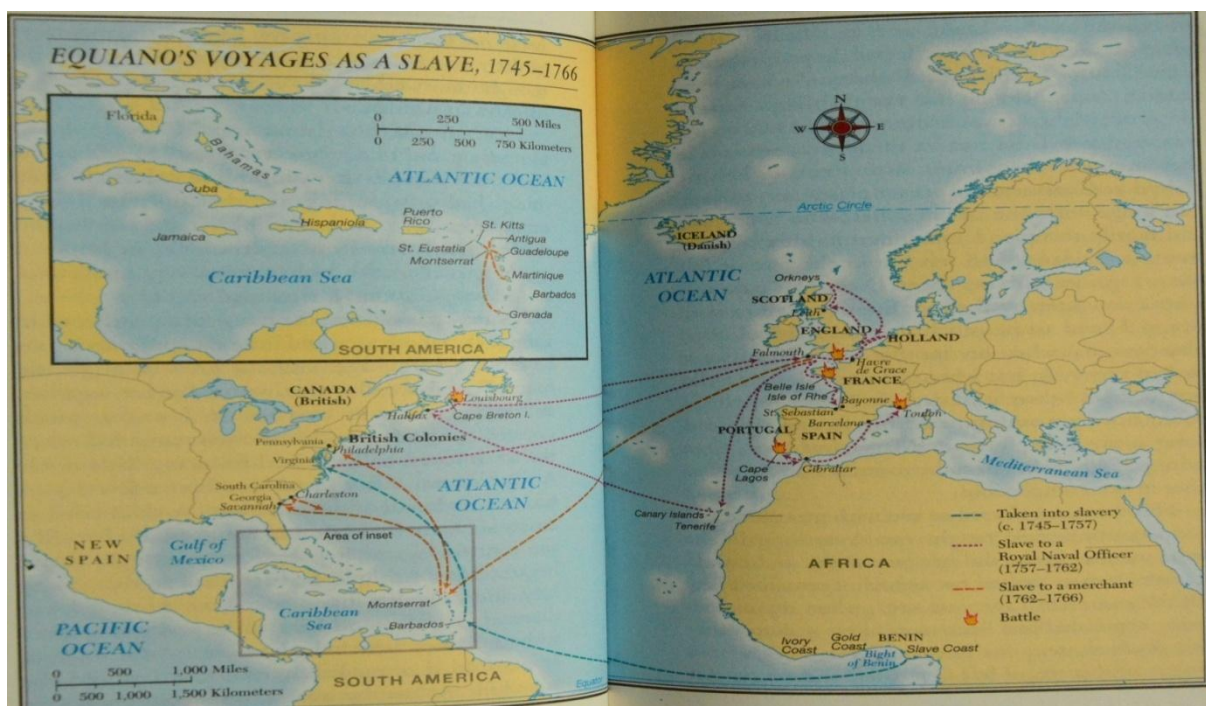
ANEXO XVI

Imagem da erupção do Vesúvio em 1779, presenciada e descrita por Equiano. Fonte. (EQUIANO, 2004, p.272).



ANEXO XVII

Mapa das viagens de Equiano enquanto escravo entre 1745 e 1766. Fonte. (EQUIANO, 2004, p.80-81).



ANEXO XVIII

Mapa das viagens de Equiano como homem livre entre 1767 e 1797. Fonte. (EQUIANO, 2004, p.226-227).

